

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**WILLIAM SZULCZEWSKI**

**O COMENTARISTA ESPORTIVO NO RADIOJORNALISMO:**  
**uma enunciação técnica e cultural,**  
**por meio de uma linguagem crítica e opinativa**

**PORTO ALEGRE**  
**2018**

WILLIAM SZULCZEWSKI

**O COMENTARISTA ESPORTIVO NO RADIOJORNALISMO:  
uma enunciação técnica e cultural,  
por meio de uma linguagem crítica e opinativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pelo Curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Campus Porto Alegre.

Orientador(a): Profª Dra. Sabrina Franzoni

Porto Alegre

2018

## RESUMO

O presente trabalho aborda a função enunciativa do comentarista esportivo no radiojornalismo gaúcho. Para caracterizar a prática discursiva dos profissionais, foram utilizados três elementos principais: uma revisão teórica, que inclui o conceito de função enunciativa (FOUCAULT, 1995) e de jornalismo na visão construcionista (TRAQUINA, 2005; RODRIGO ALSINA, 2009); um questionário aplicado entre profissionais das quatro rádios de maior audiência do Rio Grande do Sul e a análise de quatro *jornadas esportivas* das mesmas emissoras. A metodologia utilizada foi a Análise do Discurso de linha francesa (AD), que contribui para identificar os sentidos construídos pelos comentaristas durante as transmissões das *jornadas*. A análise demonstrou que os comentários opinativos são embasados tanto na bagagem cultural de cada profissional, quanto em dados técnicos. Além disso, a partir da *função enunciativa*, o estudo traça um perfil do comentarista esportivo de rádio do estado que, atualmente, é: jornalista formado, com idade média de 50 anos, um profissional que circula por várias empresas, mantém-se atualizado sobre futebol, possui boa relação profissional, não é um ex-esportista e tem liberdade para expor sua opinião por meio dos comentários no local onde trabalha.

**Palavras-chave:** Comentarista. Jornalismo Esportivo. Opinião. Função Enunciativa. Discurso.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Quantidade de Sequências Discursivas em cada Núcleo de Sentido.....38

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2 JORNALISMO ESPORTIVO: A FUNÇÃO DO COMENTARISTA</b> .....	<b>10</b>
2.1 Radiojornalismo: contexto histórico .....	13
2.2 Comentarista Esportivo .....	16
<b>3 JORNALISMO E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS</b> .....	<b>19</b>
3.1 O Jornalismo na visão construcionista.....	19
3.2 A Análise do Discurso de Linha Francesa .....	22
3.3 O jornalismo enquanto Discurso .....	24
3.4 Discurso jornalístico e função testemunhal .....	25
<b>4 A FUNÇÃO ENUNCIATIVA E O ENUNCIADO</b> .....	<b>27</b>
4.1 Definindo Enunciado.....	27
4.2 A <i>Função Enunciativa</i> : caracterização de uma prática discursiva .....	32
<b>5 METODOLOGIA: ANÁLISE DO DISCURSO E QUESTIONÁRIO</b> .....	<b>36</b>
<b>5.1 Mapeamento dos sentidos nas <i>jornadas esportivas</i></b> .....	<b>38</b>
5.1.1 Explanação do Núcleo de Sentido 1 (NS1): Bagagem Cultural.....	38
5.1.2 Explanação de Núcleo de Sentido 2 (NS2): Conhecimento de Dados Táticos e Estatísticos .....	46
<b>5.2 Dados dos questionários</b> .....	<b>50</b>
<b>5.3 Interpretação dos dados mapeados</b> .....	<b>53</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>63</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COM ADROALDO GUERRA FILHO</b> .....	<b>66</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM ALEX BAGÉ</b> .....	<b>69</b>
<b>APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO COM CRISTIANO OLIVEIRA</b> .....	<b>72</b>
<b>APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO COM DARCI FILHO</b> .....	<b>75</b>
<b>APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO COM KALWYN CORRÊA</b> .....	<b>78</b>
<b>APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO COM LUIZ CARLOS RECHE</b> .....	<b>81</b>
<b>APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO COM MAURÍCIO SARAIVA</b> .....	<b>84</b>
<b>APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO COM ROBERTO MOURE</b> .....	<b>87</b>
<b>ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DA JORNADA DA RÁDIO GUAÍBA</b> .....	<b>90</b>
<b>ANEXO II – TRANSCRIÇÃO DA JORNADA DA RÁDIO GRENAL</b> .....	<b>100</b>
<b>ANEXO III – TRANSCRIÇÃO DA JORNADA DA RÁDIO GAÚCHA</b> .....	<b>109</b>

<b>ANEXO IV – TRANSCRIÇÃO DA JORNADA DA RÁDIO BANDEIRANTES.....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXO V – SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DAS JORNADAS ESPORTIVAS.....</b>	<b>124</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Acompanhar as disputas esportivas através dos meios de comunicação já é uma atitude tradicional dos amantes de futebol, vôlei, basquete, entre outros esportes. Aqueles que querem estar a par dos certames, que acontecem no país e no mundo, em tempo real optam, geralmente, pelo rádio, pela televisão ou pelos aplicativos. Quando se fala em futebol, uma parte desses indivíduos prefere o rádio, seja porque sua transmissão é gratuita, pela emoção que promovem ou, ainda, pela diversidade de emissoras que transmitem as partidas.

Um dos espaços privilegiados para acompanhar competições são as chamadas *jornadas esportivas*, onde estão profissionais – boa parte jornalistas – que são responsáveis por repassar as informações ao ouvinte. Os mais conhecidos são o narrador, o repórter e o comentarista. Esse último é responsável por analisar os lances de uma disputa e dar o seu parecer sobre eles. São os comentaristas que emitem opinião sobre os acontecimentos de uma partida, embasados em diversos aspectos, que serão identificados ao longo deste trabalho.

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizo a noção de *função enunciativa* para ajudar a perceber como se constrói a prática discursiva do comentarista. A ideia é mostrar como se caracteriza o profissional e a atividade de comentarista esportivo no veículo rádio.

Essa pesquisa foi motivada pela percepção da influência que o jornalismo esportivo tem na sociedade nos dias de hoje. A repercussão e audiência acabam gerando uma grande responsabilidade para aqueles profissionais que atuam na área. Quanto mais aumenta a audiência, mais os comentaristas sabem que qualquer comentário pode gerar muita repercussão por parte de ouvintes e telespectadores. Por isso, entendo ser importante investigar os procedimentos que embasam as opiniões desses profissionais, tendo em vista que, na maioria das vezes, tecem suas falas durante as partidas, com os jogos em andamento. Além disso, seus comentários são transmitidos para um público apaixonado pelo futebol, que conhece o esporte e sua prática.

O objetivo geral deste trabalho é o de, a partir da noção de *função enunciativa*, caracterizar a prática discursiva do comentarista esportivo. Já os objetivos específicos são: identificar sequências discursivas do discurso dos profissionais, analisar o discurso dos comentaristas esportivos por meio das

*jornadas esportivas*, questionar os comentaristas sobre suas carreiras e suas formas de trabalho, traçar um perfil do comentarista esportivo do rádio do Rio Grande do Sul, e observar e caracterizar os métodos utilizados pelos comentaristas para dar sua opinião.

De maneira a delimitar o objeto de trabalho, consulte os bancos de dados das bibliotecas das instituições Unisinos, UFRGS e PUCRS, além de uma pesquisa breve no site Google Acadêmico para mapear o estado da arte da pesquisa sobre os comentaristas de futebol no radiojornalismo. Utilizei, para isso, as palavras “comentarista”, “futebol”, “imprensa”, “radiojornalismo”, encontrando quatro trabalhos acadêmicos. Desses, alguns estabeleciam diálogo com o estudo que desenvolvo neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A seguir, faço um pequeno relato das pesquisas selecionadas.

O primeiro, um Trabalho de Conclusão de Curso realizado por Sanfelice (2016), com o título *Educação Física e televisão: a importância do conhecimento técnico/teórico em esportes para profissionais que atuam no telejornalismo esportivo do Rio Grande do Sul*, analisou o conhecimento técnico/teórico dos profissionais que trabalham na imprensa esportiva. O autor selecionou três comentaristas que atuavam no telejornalismo esportivo, sendo dois deles formados em jornalismo e um ex-atleta de futebol. Seu interesse era demonstrar a contribuição dos profissionais da Educação Física para as narrativas televisivas.

Esse trabalho foi escolhido, em função de mostrar a importância do embasamento para os jornalistas. Há, no entanto, um diferencial em relação ao estudo que desenvolvo, pois foco no meio radiofônico enquanto Sanfelice (2016) aborda o telejornalismo esportivo. Por outro lado, a proximidade está no fato de que ambos querem mostrar o trabalho dos comentaristas que buscam, não só os quesitos físicos, mas os táticos para a boa produção de uma análise. Assim, no meu TCC, também busco ouvir os comentaristas para que expliquem como produzem sua crítica, porém não estou interessado em saber se os profissionais necessitam de capacitação, e sim, quais os sentidos são construídos ao tecer seus comentários.

A segunda pesquisa que contribui para delimitar meu estudo foi o Trabalho de Conclusão de Curso realizado por Di Lorenzo (2016), *Ex-atletas como comentaristas durante cobertura da TV Globo da Olimpíada Rio 2016*, que tem como proposta analisar a participação de ex-profissionais do esporte como comentaristas nas transmissões realizadas pela emissora, em sua cobertura da Olimpíada Rio 2016. Di



Lorenzo (2016) compara a atuação dos esportistas e dos jornalistas durante os jogos da seleção brasileira masculina de basquete e vôlei na competição.

O diálogo com o meu TCC se estabelece no objeto de estudo, que foi o de pesquisar a atuação dos comentaristas esportivos. No meu caso, busco analisar a linguagem utilizada pelos profissionais para entender em que eles se baseiam no momento de tecer um comentário durante *jornadas esportivas*. Diferentemente, Di Lorenzo (2016) faz uma pesquisa no espaço das Olimpíadas do Rio 2016, colocando em pauta o debate em torno de um megaevento esportivo.

Outro trabalho selecionado foi o de Vicente Andrade de Carvalho (2014), *Regras do radiojornalismo esportivo: os comentários de arbitragem nas rádios Gaúcha e Bandeirantes*, que possui como fio condutor a especialização dos quadros profissionais do radiojornalismo esportivo. Carvalho (2014) faz um estudo das rotinas dos comentaristas de arbitragem das rádios Gaúcha e Bandeirantes, em Porto Alegre. O autor apurou, a partir de entrevistas, como se deu a profissionalização dos jornalistas, como eles adquirem o conhecimento sobre as regras e quais suas metodologias de trabalho.

O trabalho de Carvalho (2014) possui muitos pontos de diálogo com minha pesquisa. Um deles foi o de buscar saber quais eram as metodologias de trabalho desenvolvidas pelos comentaristas, para gerar suas opiniões sobre determinados times e competições. O diálogo também perpassa pelos métodos, no entanto, em meu estudo aprofundei a metodologia da Análise do Discurso (AD) e não de Conteúdo. Outro ponto é que analisei os comentaristas de jogo, não de arbitragem.

Por fim, o quarto trabalho é o estudo de Bruno Otto Guedes (2013), intitulado *Palavra Fácil: história e análise da função do comentarista de futebol*, que analisa e apresenta o trabalho do comentarista nas transmissões de futebol no rádio e na televisão brasileira. Assim como Guedes (2013), que busca no decorrer dos anos observar as diferenças na opinião esportiva, o trabalho que desenvolvo também tem essa pretensão, no entanto, o diferencial é que busco no discurso entre profissionais mais jovens e antigos essas distinções, mapeando as principais metodologias de análises que utilizam em sua prática cotidiana.

O presente trabalho perpassa por diversas noções e teóricos que auxiliaram na compreensão da análise e do tema desenvolvido. A seguir, apresento a estrutura do Trabalho de Conclusão de Curso. No capítulo 2, busco expandir os conceitos de jornalismo esportivo, comentarista e radiojornalismo. Inicialmente, Barbeiro e Rangel

(2006), Lopes (2015), Oselame (2010), Cardoso (2016) e Coelho (2011) trazem a definição de jornalismo esportivo e explicam a função dos profissionais jornalistas que trabalham no setor. Melo (1994) também fala sobre opinião, termo muito usado pelos comentaristas esportivos nas *jornadas*. Já Meditsch (2001), Jung (2004), Almeida (2004) e Ferraretto (2014) dão sua contribuição ao definirem radiojornalismo e por falarem, especificamente, da função do rádio dentro do jornalismo e da sociedade. No momento de especificar a atuação e a função do comentarista esportivo, novamente acionamos Melo (1994), Barbeiro e Rangel (2006) e, também, Helal e Amaro (2012).

No capítulo 3, abordo o jornalismo por meio da visão construcionista e da Análise do Discurso de linha francesa (AD). Na perspectiva construcionista, acionamos o jornalismo baseado em alguns teóricos como Traquina (2005) e Rodrigo Alsina (2009) e na definição do conceito de discurso é encadeada as noções de Benetti (2010) e Orlandi (2005). Brandão (2013) é acionada para explicar a Análise do Discurso de linha francesa (AD).

Já no capítulo 4, para traçar uma definição de uma das bases deste trabalho, que é a noção de *função enunciativa*, utilizei os conceitos de Foucault (1995), Mazière (2007) e Franzoni (2013), que também enfatizam a definição de enunciado. Brandão (2012) também é acionada para traçar um mapa das relações, proximidades e diferenças entre autores fundamentais dos estudos enunciativos: Benveniste, Ducrot, Authier-Revuz, e os conceitos de dialogismo, polifonia e sujeito de extração de Bakhtin.

Finalmente, é importante assinalar que o presente trabalho conta com apêndices – os questionários com os jornalistas – e anexos – as *jornadas* transcritas – que podem ser consultados no final do trabalho.

## 2 JORNALISMO ESPORTIVO: A FUNÇÃO DO COMENTARISTA

Dentre os vários segmentos que o Jornalismo abrange, está o setor que trata dos fatos relacionados aos esportes. O Jornalismo Esportivo é uma área que conta com um público fiel e um mercado forte e ativo. Lopes (2015) diz que a editoria ganhou um status que acompanhou a evolução do esporte e dos consumidores de competições esportivas. "A cada ano, uma legião de 'jornalistas apaixonados' desembocam no mercado de trabalho à procura de uma chance naquela editoria" diz Lopes (2015, p. 41).

Barbeiro e Rangel (2006) destacam que, apesar de serem denominados como jornalistas esportivos, esses profissionais são, antes de tudo, jornalistas. No entanto, por especificidades da editoria, o Jornalismo Esportivo tem passado, segundo os autores, por uma crise. "Ele [*o jornalismo esportivo*] se confunde, frequentemente, com puro entretenimento" (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 13).

Essa questão é respondida por Oselame (2010), que diz que, por envolver aspectos que não estão privilegiados em outros setores do Jornalismo – sendo o mais relevante deles a emoção –, o Jornalismo Esportivo muitas vezes perde o foco: a função social, o que acaba causando essa confusão. Corroborando com essa teoria, Cardoso (2016) aponta que o Jornalismo tem uma função social que, no campo Jornalismo Esportivo, se traduz em "cumprir o seu papel de estimular as novas vocações e de valorizar o espírito de competição" (BUENO, 2005, p. 21, apud Cardoso).

O próprio Cardoso exemplifica a importância de se divulgar o esporte para que os meios de comunicação ajam como um agente motivador das boas práticas, tanto para socialização, quanto para a qualidade de vida.

Uma reportagem pode ser o pontapé inicial de uma jornada para muitas crianças e adolescentes porque representa a chance de aprenderem e se inserirem melhor na sociedade por meio de práticas esportivas e do componente gregário e lúdico que as acompanham. Para realizar bem as articulações em torno do processo que abarca a produção de notícias o jornalista esportivo precisa se especializar, se aprofundar para criar pautas e fazer reportagens que vinculem esporte com saúde, educação e lazer. (CARDOSO, 2016, p. 4).

Cardoso (2016) ainda destaca que o jornalismo esportivo pode e deve participar do processo de descoberta e de formação pelo qual passa um atleta ao abordar a temática e divulgar modalidades. Para o autor, se faz necessário produzir,

periodicamente, pautas sobre assuntos como: a evolução de um atleta ou de uma equipe, denuncia de falta de condições para o exercício do esporte, entre outros. É uma área em que o jornalista precisa estar bem preparado e saber de assuntos como nutrição, educação física, fisiologia e psicologia para conseguir abordar com mais profundidade os temas ligados ao esporte.

No Brasil, conforme Coelho (2011), a editoria cresceu mesmo na metade dos anos 60 com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, foi nesta época que o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão. No entanto, antes disso, Coelho (2011) relata que a cobertura esportiva era incrédula e pouca gente achava que o futebol fosse assunto para estampar as manchetes dos jornais impressos da época. A mesma situação já havia ocorrido com o remo que, apesar de ser o esporte mais popular do país no início do século XX, ganhou destaque nos meios de comunicação no Brasil. Parafraseando o que diziam na época, Coelho (2011, p. 8) mostra como o esporte era considerado na oportunidade: “Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país?”. Atualmente, por exemplo, um jogo da seleção canarinho em Copa do Mundo muda toda uma rotina da sociedade, fazendo empresas mudar horários de funcionamento e escolas dar folga aos estudantes para que possam assistir aos jogos.

Para Coelho (2011), duvidar era o esporte preferido de muitas pessoas experientes dentro do jornalismo. Quando alguém decidiu lançar uma revista inteiramente dedicada ao esporte – a Placar – João Saldanha, destacado como o mais célebre dentre os comentaristas radiofônicos que contribuiu para a presença do profissional nas *jornadas esportivas*, fez uma previsão no final dos anos 1960: a revista nunca sairia dos primeiros números. No início do século XX, segundo Coelho (2011), quando o Rio de Janeiro pulsava e impulsionava o país, os jornais do estado, mais do que os demais do Brasil, estavam dedicando cada dia mais espaço ao futebol.

Os jogos dos grandes times da época aos poucos foram ganhando destaque. Até que o Vasco, em 1923, venceu a segunda divisão apostando na presença dos negros em seus quadros. Era a popularização que faltava. Os negros entraram de vez no futebol, tomavam a ponta no esporte. O Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924, apesar da oposição dos outros grandes, que sonhavam tirá-lo da disputa alegando que o clube

dos portugueses e negros não possuía estádio à altura de disputar a primeira divisão. (COELHO, 2011, p. 9)

No ano de 1931, nasceu, em terras cariocas, o Jornal dos Sports que foi o primeiro diário dedicado exclusivamente aos esportes no Brasil. Segundo Coelho (2011), em 1928, nasceu a Gazeta Esportiva que só se tornou um diário esportivo em 1947. No passar dos anos, muitas publicações sobre o tema foram surgindo e desaparecendo. Um exemplo foi a Revista do Esporte que viveu bons momentos no final dos anos 50 e início dos 60. No rádio, vários programas começaram a contar com o tema e as *jornadas esportivas* seguem, até os dias de hoje, levando boas audiências para as rádios.

O Jornalismo Esportivo também se caracteriza muito pela questão da opinião. Melo (1994) destaca que o Jornalismo possui duas categorias historicamente localizadas: informativa e opinativa. Citando o jornalista cubano José Benítez, Melo (1994, p. 25) aponta que “o jornalismo não é somente transmissão ou comunicação de notícias e informação da atualidade. É também comunicação de ideias, opiniões, juízos críticos”. O autor ainda cita Auduz que defende que o jornalista de opinião tradicionalmente está no editorial, no comentário, no artigo e na crônica.

Desde os primeiros tempos, o jornalismo tem procurado influenciar o homem. (...) O jornal esforça-se abertamente por influenciar seus leitores através de seus artigos, editoriais, caricaturas e colunas assinadas. O rádio também, abertamente, procura influenciar por meio de seus comentaristas, de suas entrevistas e de muitos locutores que advogam vários pontos de vista enquanto a televisão procura impressionar os seus espectadores por meio de suas mesas-redondas, documentários e entrevistas. (BOND, s/d apud MELO 1994, p. 27).

Enquanto o autor defende o termo “*influenciar*” para tratar do jornalismo de opinião, outros colocam que essa categoria serve como base para que leitores, ouvintes e telespectadores produzam sua própria opinião sobre determinado tema. Segundo Melo (1994), o monolitismo de opinião caracterizou a vida dos primeiros jornais e revistas que eram obra de uma pessoa só. No Brasil, o exemplo é O Correio Braziliense, que a unidade opinativa deve-se à circunstância de ter sido produzido solitariamente por Hipólito da Costa, na Inglaterra.

## 2.1 Radiojornalismo: contexto histórico

Apesar de a língua portuguesa definir o jornalismo produzido e veiculado no rádio como radiojornalismo, para Eduardo Meditsch (2001) o termo não é suficiente para traduzir a produção de conteúdo jornalístico especificamente direcionada para este meio de comunicação:

O termo radiojornalismo, originalmente, remete à palavra impressa e embora historicamente a tenha superado, com a transposição da atividade aos meios eletrônicos, essa mudança não se fez sem que trouxesse, em sua esteira, uma série de tradições, normas, hábitos e técnicas daquele outro tipo de suporte material. Na medida, porém, em que os novos suportes modificaram a atividade, a fixação na designação anterior – o congelamento do conceito – por vezes obscurece as diferenças estabelecidas nessa mutação. O rádio informativo não é apenas um novo canal para a mesma mensagem do jornalismo, é também um jornalismo novo, qualitativamente diferente, e a designação diversa procura dar conta dessa transformação. (MEDITSCH, 2001, p. 30).

Para o autor, o surgimento do rádio criou uma relação nova entre o público, as informações e os acontecimentos. Milton Jung (2004) destaca que uma das características do rádio é a proximidade com o ouvinte. No entanto, essa aproximação não trata só do contato emissor – receptor, mas de uma ligação estreita entre o receptor e, também, a mensagem. “Antes dele [rádio], havia necessidade das pessoas se deslocarem a um local público para tomarem conhecimento dos fatos sociais. Com o rádio, as informações poderiam chegar ao público no instante da ocorrência”, ressalta Meditsch (2001, p. 115).

A jornalista Alda de Almeida (2004) considera o rádio como um veículo democrático e didático e que tem o dom de despertar corações e mentes. Um meio de comunicação que trabalha muito com a emoção e com a capacidade de fazer o leitor usar a imaginação para assimilar as notícias que são veiculadas. Tanto Almeida (2004), quanto Jung (2004) consideram o rádio como meio de comunicação com maior penetração dentro da sociedade. O autor, inclusive, traz dados que comprovam essa expansão do rádio. Segundo ele, o veículo alcança 96% do território nacional, a maior cobertura entre todos os meios de comunicação, com público aproximado de noventa milhões de ouvintes. Boa parte desse público, faz uso do meio radiofônico para se informar.

Essa ideia de de um conceito mais amplo sobre o radiojornalismo também é proposto por Faus Belau (1981 apud MEDITSCH), que diz que o rádio informativo

possui uma profundidade maior, o que acaba trazendo uma responsabilidade ainda maior para as informações que são veiculadas no rádio. Meditsch (2001) ainda fala da contribuição das telecomunicações para o radiojornalismo ao vivo.

O radiojornalismo ao vivo como fator dominante nas programações informativas e a ubiquidade que o meio pode exibir hoje só se tornaram possíveis com um avanço paralelo nas telecomunicações (...) comunicações por micro-ondas, satélites, fibras óticas, redes digitais e celulares alteraram radicalmente as relações de espaço-tempo da aventura humana, mas não tiraram do rádio informativo o seu papel coadjuvante nesta aventura. Precursor de todas essas tecnologias, oportunisticamente foi incorporando e se adaptando a todas elas, superando-se para não ser superado. As novas formas da programação informativa - como a edição ao vivo dos programas e a especialização, também respondem a estes estímulos técnicos. (MEDITSCH, 2001, p. 116).

Na mídia radiofônica atual, nota-se que as emissoras têm se aliado à tecnologia com o intuito de buscar uma proximidade maior com o ouvinte que também utiliza os meios tecnológicos. Na Rádio Gaúcha de Porto Alegre, por exemplo, alguns programas são veiculados em vídeo, como se fosse na televisão, através da rede social Facebook. Essas ações vão ao encontro do que diz Meditsch (2001), quando destaca que o rádio, “precursor de todas essas tecnologias, oportunisticamente foi incorporando e se adaptando a todas elas” (MEDITSCH, 2001, p. 116).

Para Ferraretto (2014), o rádio é um meio dinâmico que está presente onde a notícia acontece, transmitindo-a em tempo real para quem está ouvindo. Em meio a tantas tecnologias, segundo o autor, o rádio constitui-se, cada vez mais, em um instrumento de diálogo que está atento as demandas do público e “cioso por dizer o que as pessoas necessitam e desejam ouvir em seu dia a dia. Tudo de forma muito simples, clara, direta e objetiva” (FERRARETTO, 2014, p. 11). De acordo com Schiffer (2004, apud Endler), em estudo antropológico sobre o aparelho de rádio, nos Estados Unidos, o meio é o primeiro artefato elétrico-eletrônico a penetrar o espaço doméstico. Segundo Endler (2004), a mídia foi, durante muito tempo, o único aparelho eletroeletrônico a ter vez no domínio do lar e o primeiro meio eletroeletrônico a mediatizar o mundo dentro de casa.

Endler (2004) também destaca que, antes de meio de comunicação de massa, o rádio foi técnica de comunicação à distância e que a disputa por patentes

marcou o caráter polêmico de diferentes paternidades de invenções indicadas pela história.

Segue esta lógica a invenção da comunicação por radiofrequência, tanto do telefone quanto do telégrafo sem fio, e, assim, chega-se à atribuição ao engenheiro e empresário italiano, Guilherme Marconi, em 1894, da utilização prática da comunicação a distância, valendo-se de ondas eletromagnéticas. Dois anos depois, Marconi decide patentear o invento na Inglaterra, país de sua esposa, após desinteresse dos italianos pelo invento. Em 1901, realiza aquela que seria a primeira transmissão de mensagem sem fio através do Atlântico (ENDLER, 2004, p. 197).

O autor ainda relata a participação do padre gaúcho Roberto Landell de Moura que, no ano de 1893, teria demonstrado o uso de um telégrafo e de um telefone sem fios, com capacidade para transmitir mensagens até oito quilômetros de distância, em linha reta. “Sem merecer apoio do governo brasileiro, nem tampouco atenção do cônsul inglês que assistira a demonstração, Landell de Moura retorna para Porto Alegre, onde terá seus equipamentos destruídos por fiéis de sua própria paróquia” (ENDLER, 2004, p. 197). Landell conseguiu registrar sua primeira patente, no país, em 1900.

Endler (2004) ainda enfatiza que a descoberta do rádio surge no Rio Grande do Sul sob a forma de um trauma social. Para o autor, dentro do contexto brasileiro, o invento aparece sob a forma do supérfluo. As pioneiras transmissões pelo rádio marcam, socialmente, as cidades do Rio de Janeiro, em 1922, e Porto Alegre, em 1924.



## 2.2 Comentarista Esportivo

Dentro da transmissão de uma *jornada esportiva* no rádio, as figuras de maior destaque e participação são: o narrador, o repórter e o comentarista. Essa última função não é exclusiva do Jornalismo Esportivo. Para José Marques de Melo (1994), o comentarista é, geralmente, um jornalista com vasta experiência e tirocínio. “Trata-se de um observador privilegiado, que tem condições para cobrir certas tramas que envolvem os acontecimentos e oferecê-las à compreensão do público”, comenta Melo (1994, p. 105).

Segundo o autor, o comentarista exige especialização, pois não existe, no mundo do Jornalismo, um comentarista de assuntos gerais. Segundo Melo (1994), cada jornalista acumula experiência e conhecimento em algum setor, seja ele política, economia ou esportes, e se dedica a discernir a evolução do que acontece. Para Barbeiro e Rangel (2006), o comentarista esportivo tem a nobre função de explicar e permitir ao ouvinte, telespectador, leitor e torcedor que acompanhe as partidas de uma maneira diferenciada. Os autores destacam que, entre tantas outras funções importantes, ao comentarista esportivo cabe analisar, dentro de uma disputa, o que aconteceu, o que pode acontecer e antever o que aconteceria em uma partida. A esses profissionais cabe a análise de um cenário e suas prováveis consequências.

Analisar com consistência, por exemplo, quando um treinador muda a forma de um time jogar ou quando coloca em campo ou na quadra um determinado jogador. Ver realmente a partida, explicar ao torcedor o que está acontecendo e tentar prever, com a mesma simplicidade o que ainda vai acontecer. (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p. 79)

Para os autores, essa nunca será uma função fácil de desempenhar. No entanto, o profissional precisa ter um conhecimento prévio sobre o assunto, experiência e vivência dentro do esporte. Barbeiro e Rangel (2006) destacam que, mais do que qualquer outro membro da equipe de jornalismo esportivo, o comentarista necessita ter conhecimento profundo das regras sobre a modalidade analisada. “Não se aprende as regras do esporte com a partida em andamento. Elas devem ser objeto de estudo, consultas, reflexão e sempre que possível aprimoramento através de cursos” (Barbeiro e Rangel, 2006, p. 79). Os autores

ainda ressaltam que qualquer deslize na hora de tecerem um comentário pode atingir a credibilidade desses profissionais.

Segundo Barbeiro e Rangel (2006), o jornalismo sério está perdendo espaço para o tipo de conteúdo que eles denominam “circo” na editoria de Esportes. Sendo assim, eles consideram que o comentarista não deve ser um “clown” e sim um analista do que acontece em campo, no caso do futebol. Para os autores, o comentário feito por esses profissionais não deve ser baseado apenas na própria opinião pessoal, já que o “achismo” é um atalho para derrubar a sua credibilidade. Geralmente, para Melo (1994), o comentarista possui uma farta bagagem cultural e utiliza informações variadas para emitir suas análises. “É um analista que aprecia os fatos, estabelece conexões, sugere desdobramentos, mas procura manter, até onde o possível, um distanciamento das ocorrências”, ressalta Melo (1994, p. 106).

Os comentaristas esportivos, conforme Gastaldo (2001, apud Melo), passaram a existir no radiojornalismo para depois migrarem para a televisão. De acordo com Helal e Amaro (2012), na década de 1930, surgiram os comentaristas do jogo e de arbitragem. Os autores destacam que a presença do profissional aliviava um pouco a responsabilidade do narrador que, segundo eles, tinham de “segurar” a cobertura durante todo o período da partida, que também englobava o pré e pós-jogos.

Para definir a função do comentarista dentro do rádio esportivo, Porchat (1989, apud HELAL e AMARO) enfatiza que, ao profissional, cabe passar uma análise do evento em linguagem simples, deixando de lado seus valores pessoais. A busca era repassar, ao ouvinte, a informação mais fiel possível e que, para isso, o comentarista precisava deixar de lado seus gostos e preferências em prol da veracidade dos fatos.

De acordo com Helal e Amaro (2012), João Saldanha é destacado como o mais célebre dentre os comentaristas radiofônicos que contribuiu para a presença do profissional nas *jornadas esportivas*. Atualmente, no Rio Grande do Sul, nas quatro emissoras de maior audiência do rádio esportivo gaúcho – Gaúcha, Bandeirantes, Grenal e Guaíba – os comentaristas são Aldroaldo Guerra Filho, Maurício Saraiva, Diogo Olivier e Kleber Grabauska, da Rádio Gaúcha, Nando Gross, Cristiano Oliveira e Carlos Guimarães, da Rádio Guaíba, Luiz Carlos Reche, Darci Filho, Kalwyn Corrêa, Flávio Dal Pizzol e Roberto Pato Moure, da Rádio Grenal, e Cláudio Duarte, César Cidade Dias e Alex Bagé, da Rádio Bandeirantes.

O comentário esportivo no Rio Grande do Sul também já contou com diversos nomes que ficaram marcados, pela sua atuação e expressão, na história do radiojornalismo gaúcho. Dois que tiveram boa representatividade nos microfones das rádios do estado foram Lauro Quadros e Ruy Carlos Ostermann. Segundo Endler (2012), Ruy Carlos Ostermann nasceu em 26 de setembro de 1934, é filósofo formando pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e sua estreia em jornalismo ocorreu em 1957, quando ingressa na Folha da Tarde, da então Companhia Jornalística Caldas Júnior. A partir de 1958, na Rádio Guaíba, Ruy fez carreira como comentarista de futebol. Em seu currículo, estão 12 Copas do Mundo, passagem pela Rádio Gaúcha (Grupo RBS), e pela política, tendo em vista que, segundo Endler (2012), foi o primeiro Secretário Estadual de Ciência e Tecnologia, no RGS, e, também, Secretário Estadual de Educação. Já Lauro José de Quadros, conforme Endler (2012), nasceu em 19 de setembro de 1939, e estreou no radiojornalismo aos 19 anos, na Rádio Gaúcha. No entanto, por 23, manteve atuação destacada na Empresa Jornalística Caldas Junior. E, após, na Rede RBS, desde 1985. Para o autor, Lauro obtém credibilidade na crônica esportiva e no jornalismo de entretenimento; no rádio, TV e jornal. Lauro, conforme Endler, é exemplo de profissional-enciclopédia: foi comentarista, narrador, repórter e plantão de estúdio. Na carreira política, foi eleito vereador de Porto Alegre pela União Democrática Nacional (UDN).

### **3 JORNALISMO E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

O presente/e trabalho tem como aparato teórico-metodológico principal a Análise do Discurso de linha francesa (AD) que será aplicada nos enunciados dos comentaristas esportivos do jornalismo gaúcho, buscando identificar os sentidos produzidos por estes profissionais. É importante assinalar que, para tratar sobre jornalismo e discurso, buscamos, primeiramente, explicar sobre a visão construcionista, uma teoria pertinente ao diálogo com a AD. Nessa perspectiva teórica, acionamos o jornalismo baseada em alguns teóricos como Nelson Traquina (2005) e Miquel Rodrigo Alsina (2009) e na definição do conceito de discurso, encadeando as noções de Marcia Benetti (2010) e Eni Orlandi (2005).

#### **3.1 O Jornalismo na visão construcionista**

Alguns teóricos buscam uma definição sobre o papel do Jornalismo na sociedade. Traquina (2005), através de duas de suas teorias – construcionistas e interacionista –, expande o significado e a atuação das notícias no meio social.

As chamadas teorias construcionistas, por exemplo, são aquelas que defendem a notícia como um fator que ajuda na construção da realidade. Esse conceito se opõe à Teoria do Espelho, que alega que as notícias sejam o reflexo fiel da realidade. Traquina (2005) cita as razões das quais a teoria construcionista rejeita a do espelhamento. De acordo com o autor, em primeiro lugar, ela destaca que é impossível estabelecer uma distinção radical entre os media e a realidade. O segundo argumento, apresentado pelo autor, diz que a linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos.

Por fim, em terceiro lugar, “é da opinião que os media noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos devido a diversos fatores” (TRAQUINA, 2005, p. 169). Mesmo que exista essa versão do fato, exposta pelo meio de comunicação, não quer dizer que o acontecimento seja exatamente como informado. O autor ainda destaca que, sendo uma construção, as teorias reconhecem as notícias como narrativas utilizadas para enquadrar acontecimentos.

Traquina (2005) também destaca a teoria interacionista, ressaltado que ela nada mais é do que o resultado de processos de interação entre o jornalista e a

fonte de informação, sejam agentes sociais, a sociedade, membros da comunidade profissional, entre outras.

As notícias são o resultado de um processo de produção definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir a existência pública de notícia, numa palavra – ter noticiabilidade. (TRAQUINA, 2005, p. 180).

Segundo o autor, nesta teoria, os jornalistas são “escravos” do tempo. Todos os dias, os profissionais precisam divulgar notícias em certa quantidade para dar conta do espaço de sua divulgação, como por exemplo um telejornal, um programa de rádio ou uma publicação impressa. “[...] é impensável a hipótese de um apresentador do telejornal, por exemplo, dizer ‘hoje não há notícia’ [...]” (TRAQUINA, 2005, p. 181). Não importa se as notícias chegam, se não são relevantes ou se, costumeiramente, não teriam espaço na mídia, o jornalista, obrigatoriamente, terá de trazer um número mínimo de informações para garantir seu público.

Traquina (2005) ainda diz que o desenvolvimento de um campo jornalístico autônomo tem como fator crucial a profissionalização das pessoas envolvidas na atividade jornalística em que é reivindicada autoridade e a legitimidade de exercer um monopólio sobre o poder de decidir a noticiabilidade dos acontecimentos e da problemática.

Segundo Rodrigo Alsina (2009), essa concepção de construção da realidade irá variar de acordo com o caráter que for dado à realidade social. Partindo da concepção de realidade como produto da mídia, o autor destaca dois modelos de análise contrapostos. O primeiro trata que os meios de comunicação tendem a construir uma realidade aparente, ou seja, uma ilusão. Citando Doelker (1982) e Enzensberger (1972), Rodrigo Alsina (2009) diz que, para eles, a mídia manipula e distorce a realidade objetiva e, para outros, como Baudrillard (1978), se produz uma simulação da realidade social. Levando em conta essas concepções, o autor destaca “a concepção da realidade social como algo exterior e autônomo a prática jornalística” (2009, p. 46).

O segundo modelo trata a questão de a mídia criar a realidade social. Os acontecimentos chegariam ao público pelos meios de comunicação e são construídos através de sua realidade discursiva. Com isso, Rodrigo Alsina (2009)

ênfatiza que o processo de construção da realidade social, depende da prática produtiva do Jornalismo. Além disso, o autor salienta que não se deve vincular o conceito de construção da realidade exclusivamente com a prática jornalística.

A noção “construção social da realidade”, tal como está definida por Berger e Luckmann (1979), localiza-se no nível da vida no cotidiano, em que se dá, no entanto, um processo de institucionalização das práticas e dos papéis. Esse processo é, ao mesmo tempo, social e intersubjetivamente construído. Isso faz caracterizarmos a atividade jornalística como um papel socialmente legitimado para gerar construções da realidade publicamente relevantes. Portanto, podemos dizer que os jornalistas têm um papel socialmente legitimado e institucionalizado para construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevante. (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 46 e 47).

O autor ainda defende que esse modelo pode cair na falácia de considerar a mídia como construtora da realidade não levando em conta a interação com o público. “Precisamos deixar bem claro que a construção social da realidade por parte da mídia é um processo de produção, circulação e reconhecimento” (2009, p.47). Para ele, os jornalistas têm o dever de recopilar os acontecimentos e os temas importantes e dar sentido a eles, uma relação estabelecida por um contrato pragmático.

Rodrigo Alsina (2009) destaca que o discurso da mídia não é apenas informativo, não pretende só transmitir o saber, mas também fazer sentir. O autor ênfatiza que os jornais sensacionalistas buscam mais a emoção do que a informação, propondo uma espécie de contrato pragmático lúdico. Citando os autores Adoni e Mane (1984), Rodrigo Alsina (2009) discute o papel da mídia no processo de construção social da realidade. Para os autores, existem três tipos de realidade: objetiva, simbólica e subjetiva.

A objetiva trata-se do mundo objetivo que existe fora do indivíduo. Ela é assimilada como algo que dispensa a constatação do que não duvidamos, permitindo concretizar ações da rotina. Já a realidade social simbólica é onde estaria a mídia. Nela, o indivíduo pode diferenciar as diversas esferas da realidade simbólica. A realidade subjetiva seria a junção das anteriores. Nela, as construções individuais da realidade se baseiam nas ações sociais individuais. Para Rodrigo Alsina (2009), pode-se discutir sobre a importância e relevância das diversas realidades construídas, mas não se pode cair na falácia da unicidade da realidade social.

### 3.2 A Análise do Discurso de Linha Francesa

A Escola Francesa de Análise do Discurso surgiu na década de 60, em um país que possuía uma forte tradição escolar no estudo do texto literário e que passava por um período de protestos, por parte dos estudantes, que buscavam uma reforma no ensino. Segundo Brandão (2013), inicialmente, a linha francesa (AD) se inclinava sobre os discursos políticos e não se limitava a um estudo puramente linguístico. Sem contar que levava em consideração outros aspectos como o contexto imediato da comunicação e os elementos históricos, sociais, culturais e ideológicos que cercam a produção de um discurso.

Para a AD, o uso da linguagem exige dos seus usuários um saber linguístico e também um saber que é exterior à língua que envolve aspectos históricos-ideológico-sociais, saberes adquiridos quer pela prática cotidiana, quer pela escolarização, saberes que o analista deve apreender em seus estudos (BRANDÃO, 2013, p. 21).

Isso mostra que essa metodologia vai além do exercício de ler e interpretar um discurso. É necessário possuir um conhecimento prévio e referências para poder analisar com mais propriedade. A autora cita Pêcheux (2009) ao destacar que a Formação Discursiva (FD) não é um espaço estrutural fechado, pois está em relação com o exterior e é “invadida” por elementos oriundos de outras formações. O autor define, dessa forma, a formação discursiva:

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva da qual são produzidas [...] as formações discursivas representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (PÊCHEUX, 2009 apud BRANDÃO, 2013, p. 23).

As formações ideológicas, para Brandão (2013), são o conjunto de atitudes e representações que não são individuais ou universais. Para a autora, essas formações dizem respeito às posições de classe social, política, econômica, entre outras.

Conforme Orlandi (2005), na Análise do Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido. Seria através desse estudo que se pode conhecer melhor

aquilo que faz do homem um ser especial com capacidade de significar e significar-se.

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2005, p. 15).

Para a autora, a Análise não estaciona na interpretação, ela trabalha limites e mecanismos como parte dos processos de significação. Conforme Orlandi (2005), não há uma verdade oculta por trás do texto, mas sim gestos de interpretação que o constituem e que o pesquisador deve ter a capacidade de compreender. A autora diz que a constituição determina a formulação, pois só se pode dizer (formular) se o analista se coloca na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Para Orlandi (2005), todo dizer se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). Para ela, é dessa dinâmica que tiramos o sentido do discurso analisado.

O analista não seria o sujeito que interpreta algum discurso, mas sim aquele se coloca nos limites da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia, ele se posiciona de forma deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentido. A Análise, para Orlandi (2005), começa pelo estabelecimento do corpus.

A autora ainda estabelece três etapas de análise que têm, como seu correlato, o percurso que nos faz passar do texto ao discurso, no contato com o corpus, o material empírico. A primeira é a passagem da superfície linguística para o texto (discurso). Nesta, o analista procura ver, no texto, sua discursividade e, incidindo um primeiro lance de análise, constrói um objeto discursivo. A segunda etapa é a passagem do objeto discursivo para a formação discursiva. Nela, segundo Orlandi (2005), a partir do objeto discursivo, o analista vai incidir uma análise que relacionará as formações diferentes. Por fim, a terceira etapa trata-se do processo discursivo - formação ideológica.



### 3.3 O jornalismo enquanto Discurso

Entender o que é o discurso é fundamental para quem busca fazer uma análise enunciativa do comentarista esportivo. Para Orlandi (2005), o termo pode ser definido como palavra em movimento e prática de linguagem. Segundo a autora, estudando o discurso se observa o ser humano falando. Ela destaca o discurso como uma mediação que torna possível tanto a permanência e a continuidade, quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele se encontra. “O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (ORLANDI, 2005, p. 15).

Conforme Benetti (2010), o discurso depende dos sujeitos para existir. Quando se fala em sujeitos, no plural, se destaca tanto o autor da fala – o enunciador, quanto a pessoa que está lendo, a que interpreta a mensagem que foi proferida. “O discurso é, assim, opaco, não transparente, pleno de possibilidades de interpretação” (BENETTI, 2010, p. 108). A autora enfatiza que o discurso é fruto da interação desses dois sujeitos.

Segundo Benetti (2010), o discurso jornalístico é circulado por tipos de vozes. Ela exemplifica três: as fontes, o jornalista (indivíduo), o jornalista-instituição (quando o texto não é assinado). Para o estudo de vozes, para Benetti (2010) tem que se levar em conta que o discurso é fruto do trabalho de interação entre sujeitos (...), é sua característica dialógica e intersubjuntiva, que inclui tanto o processo de dizer, quanto o processo de interpretar.

Além disso, o discurso é constitutivamente dialógico. Para descobrir o caráter monofônico ou polifônico, é necessário realizar um mapeamento dessas vozes e refletir sobre as posições do sujeito. Benetti (2010, p.112), a partir de Foucault, também conceitua a formação discursiva definindo como “aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e não deve ser dito”. Esse conceito cria uma relação entre a formação discursiva e a formação ideológica.

Em busca de uma definição sobre discurso, Brandão (2012) cita três elementos que ajudam na construção do termo. Primeiramente, a autora diz que o discurso vai além do nível gramatical e linguístico. Para trabalhá-lo, é necessário atuar em outros dois níveis: o linguístico e o extralinguístico. O segundo elemento, para Brandão (2012), é que o discurso diz respeito a enunciados concretos e falas. Os estudos do tema visam explicar como funciona a língua no seu uso efetivo. Por

fim, em terceiro lugar, a autora destaca que os interlocutores devem ter conhecimento linguístico para produzir discursos adequados.

### **3.4 Discurso jornalístico e função testemunhal**

Como o comentarista é uma testemunha que busca esclarecer os fatos que envolvem determinado assunto, no caso o esporte, é importante entender a ação e a subdivisão da função testemunhal. Em seu trabalho, Mayra Gomes (2000) defende uma posição muito clara sobre esse conceito.

A autora defende, inicialmente, que o jornalismo é um fato de língua. Com isso, seu papel será o de organizar discursivamente, se fazendo necessário explorar em que termos se exerce essa função. Um dos termos elencados pela autora é a função testemunhal que subdivide-se em três partes: confirmação, vigilância e desenho do espaço social.

Gomes (2000) destaca que o jornalismo se coloca como confirmação do pacto fundado na comunidade estabelecida pelo compartilhamento de uma língua. A autora enfatiza que “pela concentração em certos temas (o Estado, seus feitos e dos órgãos pelos quais ele se exerce) o jornalismo funcionará como confirmação da aliança social” (GOMES, 2000, p. 22). Tudo o que diz respeito ao Estado são relações construídas e sustentadas na língua. Para a autora, é sempre a relação de instituição social que está sendo recolocada.

Outra parte da função testemunhal é designada como vigilância. Para Gomes (2000), o jornalismo se coloca na posição de observador das ações erradas do Estado. A área acaba sendo uma espécie de vigia em relação ao exercício do poder. No Brasil, na época pós-ditadura, o jornalismo tem aplicado muito a investigação e a denúncia. “Watergate<sup>1</sup> é o sonho consumado porque diz respeito ao achado que realiza a posição de vigilância” (GOMES, 2000, p. 21).

A terceira parte é designada pela autora como desenho do espaço social. Para Gomes (2000), esse desenho hierarquiza dando uma ordem de importância e colocando valores para a escolha dos temas a serem tratados.

---

<sup>1</sup> Segundo matéria do site Globo.com, o caso Watergate foi um escândalo político oriundo da investigação de dois jornalistas do Washington Post, a partir da invasão de um escritório do comitê nacional do partido Democrata, 1972. Na oportunidade, o presidente norte-americano Richard Nixon foi alvo de uma série de investigações e renunciou ao cargo antes do processo de impeachment.

Nas primeiras páginas, nas chamadas televisivas, vemos com nitidez a eleição da ordem e sua contrapartida, o evento que desestabiliza a ordem, como focos centrais. Assim as matérias estabelecem, pelo espaço concedido, uma sequência: Estado em exercício/evento que desestabiliza a ordem social; economia – organização para-estatal; feitos científicos – um contar épico; fait divers [...] (GOMES, 2000, p. 23).

Essa hierarquização, para a autora, é a afirmação do próprio espaço. Os assuntos que mais influenciam na rotina da sociedade são postos, sempre, em primeiro lugar.

## 4 A FUNÇÃO ENUNCIATIVA E O ENUNCIADO

Primeiramente, o presente trabalho traz para discussão o conceito de enunciado. Para Michel Foucault (1995, p. 90), o enunciado aparece, à primeira vista, como um elemento “último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele”. Em um segundo momento, o trabalho busca esclarecer a função enunciativa, que é pensada a partir de suas modalidades enunciativas, o que, segundo o autor, permitirá a discussão de uma prática discursiva. A noção de *função enunciativa* é adotada neste estudo para pensar o papel do comentarista esportivo.

### 4.1 Definindo Enunciado

Em busca de uma definição sobre o enunciado, Foucault (1995) descreve seu significado através de não-características que ele encontra durante a pesquisa. Inicialmente, o autor explica que o enunciado não precisa, obrigatoriamente, de uma estrutura proposicional definida.

Os critérios que permitem definir a identidade de uma proposição, distinguir várias delas sob a unidade de uma formulação, caracterizar sua autonomia ou sua propriedade de ser completa, não servem para descrever a unidade singular de um enunciado (FOUCAULT, 1995, p. 92).

Assim, a partir da perspectiva exposta acima, percebemos o que enunciado não é. Para o autor “não se vê como reconhecer frases que não sejam enunciados, ou enunciados que não sejam frases” (1995, p. 92). Apesar de realizar essa citação, Foucault destaca que uma outra não-característica é que, diferente do que se pensa, o enunciado também não deve ser definido como uma frase. Não há uma equivalência total entre os dois termos e, para o autor, é fácil encontrar enunciados que não correspondem à estrutura linguística das frases. Foucault (1995) ainda exemplifica para reforçar sua tese citando enunciados, como uma árvore genealógica ou um livro contábil, que não possuem frases em sua estrutura.

Por fim, encerrando sua lista de não-características do enunciado, o autor enfatiza que o enunciado não é um ato “ilocutório<sup>2</sup>” (*speech act*).

---

<sup>2</sup> Um ato ilocutório é “um acto efectuado ao dizer algo (“in saying”), por oposição ao acto de dizer algo” (AUSTIN, 2007, apud Flores s/d).

É preciso, frequentemente, mais de um enunciado para efetuar um *speech act*: juramento, prece, contrato, promessa, demonstração, exigem, na maior parte do tempo, um certo número de fórmulas distintas ou de frases separadas: seria difícil contestar, em cada uma delas, o status do enunciado, sob o pretexto de que são todas atravessadas por um único e mesmo ato ilocutório. (FOUCAULT, 1995, p. 94).

Conforme o autor, não é possível afirmar que cada enunciado tem relação com um único ato ilocutório e vice-versa.

Apesar do enunciado não ser uma frase, uma proposição e um ato ilocutório, ele é extremamente importante para a existência dos três. Segundo Foucault (1995, p. 98), o enunciado “é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem; e para que se possa dizer se a frase está correta, se a proposição é legítima e bem constituída, se o ato está de acordo com os requisitos e se foi inteiramente realizado”.

Mais que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não (FOUCAULT, 1995, p. 98).

Foucault (1995) não traça uma definição exata, nem acredita que haja uma estrutura para o enunciado. Pode-se dizer que se trata de uma forma que não é fixa. Para o autor, o enunciado possui uma relação forte com existência dos signos. Enunciado “(...) é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não”. (FOUCAULT, 1995, p. 99). Conforme o autor, o enunciado não é uma unidade e sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis.

Segundo Francine Mazière (2007), um falante nativo precisa ter a capacidade de declarar a admissibilidade de um enunciado aceitável. Essa noção, de certa forma, ignora o atestado ao privilegiar o que a autora chama de “sentimento linguístico”, o que fez com que a noção fosse contestada pela maioria dos analistas de discurso. Para a Mazière (2007), a pessoa que fala utiliza formas de língua que organizam o tempo e o espaço a partir dos termos eu, aqui e agora. “Acrescenta-se a isso um juízo do enunciador sobre o que ele diz, por modalização (talvez, certamente), as formas das frases (interrogativa, imperativa, condicional), que

manifestam o compromisso consciente e a intenção de significar do sujeito locutor” (MAZIÈRE, 2007, p. 20).

Helena Brandão (2012) traça um mapa esclarecedor sobre as relações, proximidades e diferenças entre autores fundamentais dos estudos enunciativos: Benveniste, Ducrot, Authier-Revuz, assim como posiciona, entre outros autores, os conceitos de dialogismo, polifonia e sujeito de extração de Bakhtin. Segundo Brandão (2013), o termo enunciação auxilia, inclusive, na Análise do Discurso (AD), que foi vista no capítulo anterior. A autora, então, traz a reflexão dos quatro linguistas que estudaram esse tema, que a AD tem recorrido para melhor entender o que está sendo analisado.

O plano enunciativo do discurso, para Benveniste (2013, apud Brandão), compreende toda a enunciação que envolve um locutor com a intenção de influenciar o outro de alguma maneira. Benveniste (2013, apud Brandão) define enunciação como o ato de colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. “A condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado [...]. Este ato consiste em o locutor mobilizar a língua por sua conta” (BENVENISTE, 2013, p. 30, apud BRANDÃO).

Para o autor, na enunciação, o locutor realiza um processo de apropriação do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos.

A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de conferir identicamente, no consenso pragmático que faz cada locutor um colocutor. A referência é parte integrante da enunciação (BENVENISTE, 2013, p. 31, apud BRANDÃO).

Com isso, Benveniste (2013, apud Brandão) caracteriza que toda a enunciação é uma alocução e o mesmo destaca a participação da referência para a construção do sentido.

O termo enunciação, para Bakhtin (2013, apud Brandão), trata-se do “produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor” (2013, p. 32, apud Brandão). Ele enfatiza, inclusive, que não pode haver um interlocutor abstrato. Para o autor, a interação é uma questão

central já que ele possui uma concepção de linguagem que tem, como princípio básico, o dialogismo com o acréscimo do aspecto social.

[...] a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação. A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação, os estados mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor (BAKHTIN, 2013, p. 32, apud BRANDÃO).

O autor defende que o centro organizador de toda a enunciação é exterior, ou seja, o meio social que o indivíduo está envolvido. A interação verbal, para Bakhtin (2013, apud Brandão), é a ideia de que a comunicação verbal faz parte de uma corrente de comunicação ininterrupta em que o “outro” orienta a construção do discurso. Essa definição ajuda o autor na construção da compreensão que ele considera que possa ser tanto ativa (que trata o texto como signo que exige do leitor uma réplica), quanto passiva (que o texto é um código a ser decifrado). Brandão trata o pensamento de Bakhtin (2013, apud Brandão) como mais filósofo e sociólogo da linguagem, voltado para a língua enquanto acontecimento social.

Já Jaqueline Authier-Revuz (2013, apud Brandão) defende uma teoria da enunciação em que o dialogismo “resulta numa concepção do discurso assentada na característica heterogênea da linguagem e numa concepção de sujeito afetado pela divisão entre o consciente e o inconsciente” (2013, p. 35, apud Brandão). Segundo a autora, o discurso está sempre remetendo ao “outro” e ele emerge de um indivíduo dialogando com o outro e outros discursos.

Authier-Revuz (2013, apud Brandão) destaca também duas formas de heterogeneidade que são a constitutiva, própria da natureza da linguagem, e a mostrada, que se manifesta por formas linguísticas que caracterizam os modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.

Assim, porque se reconhece que o discurso é heterogêneo e que o sujeito divide o espaço com o outro, ao falar ou escrever o sujeito faz uma espécie de negociação com o outro: ele delimita, localiza no próprio discurso que produz, o espaço desse outro para indicar o território que é dele próprio” (AUTHIER-REVUZ, 2013, p. 36. apud BRANDÃO).

Essa delimitação, segundo a autora, se faz mostrando os índices que denunciam o lugar do um e do outro. Para Brandão (2013), o dialogismo atravessa essa teoria da heterogeneidade, pois ele é a base de toda a problemática da

interdiscursividade como um elemento constitutivo da discursividade e do sujeito.

O quarto linguista citado pela autora, Ducrot (2013, apud Brandão), defende uma teoria da enunciação de caráter polifônico explorando o conceito de polifonia no interior da linguística. Para o autor, o enunciado pode ter diversos sujeitos e apresentar várias vozes.

O autor, também, realiza a sua conceituação sobre a enunciação:

O acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado. A realização de um enunciado é um acontecimento histórico, é dada existência a alguma coisa que não existia antes e não existirá mais depois. É esta aparição momentânea que chamo de enunciação. (DUCROT, 2013, p. 38, apud BRANDÃO).

Quando o autor cita o “acontecimento histórico” ele se refere ao acontecimento de um enunciado como um ato de momento.

Citando dois autores, Mayra Gomes (2000) também consegue apresentar definições que cobrem as questões centrais sobre o termo enunciação. Primeiramente, a autora destaca que Greimas (2000, apud GOMES) considera o enunciado como o resultado alcançado pela enunciação que apareceria como a instância de mediação que assegura a colocação de um enunciado-discurso das virtualidades da língua.

Gomes (2000) também cita Bakhtin em busca de um entendimento sobre outra definição:

Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social (BAKHTIN, 2000, p. 59, apud GOMES).

A autora destaca que, ao dizer, a enunciação acaba sendo identificada. Ela seria, inclusive, um “ato entre a virtualidade da língua e sua atualização do discurso, ato do qual se resulta o enunciado ou o ato ao qual o enunciado remete” (GOMES, 2000, p. 60). A autora ainda ressalta que não é preciso verbalizar o fato de dizer para dizer, pois continua dizendo mesmo sem afirmar. Gomes (2000) enfatiza que a enunciação está sempre fora do enunciado.

Na apresentação do livro “Os Estudos Enunciativos: a diversidade de um campo”, que compila as edições 32 e 33 da Revista Organon, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, está destacado que o conceito de



enunciação está longe de ser uma unanimidade entre os autores. No entanto, isso não impede que se possa dizer algo com um grau de generalidade. Segundo o texto, esse conceito é uma tentativa para ultrapassar os limites de uma linguística da língua. “Com ele, consolida-se o estudo que busca evidenciar as relações da língua não apenas enquanto sistema combinatório, mas enquanto linguagem assumida por um sujeito” (INDURSKY, 2002, Apresentação).

#### **4.2 A Função Enunciativa: caracterização de uma prática discursiva**

A *função enunciativa* de um determinado discurso, na visão de Foucault (1995), é pensada a partir de suas modalidades enunciativas tais como: posições de sujeito, os lugares institucionais e o status de quem fala. Essa estrutura facilitará o entendimento, segundo o autor, do porquê de alguns enunciados, e outros não, aparecerem e desaparecerem. Para ele, a função enunciativa ajuda a perceber como se caracteriza uma prática discursiva.

Segundo Franzoni e Lisboa (2017), a *função enunciativa* deve ser considerada como relacionamento de diferentes elementos no discurso jornalístico. “[...] dos quais uns se referiram ao status, outros ao lugar institucional e técnico de onde falam, e, outros, ainda, à sua posição como sujeito que percebe, observa, relata e interpreta” (FRANZONI e LISBOA, 2017, p. 6). Seguindo pela análise de Foucault (1995), a *função enunciativa* pode ser considerada um lugar vazio que pode ser ocupado por qualquer sujeito.

Seria uma particularidade da literatura que o autor dela se ausentasse, se escondesse, se destacasse ou se separasse; e dessa dissociação não se deveria concluir, universalmente, que o sujeito do enunciado é distinto em tudo – natureza, status, função, identidade – do autor da formulação. Entretanto, esta ruptura não está limitada apenas à literatura. É absolutamente geral na medida em que o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (FOUCAULT, 1995, p. 107).

O sujeito do enunciado é distinto do autor da formulação, mesmo que a função do sujeito do enunciado seja determinada, não significa dizer que ela seja a mesma de um enunciado para outro, pois o sujeito (ou sujeitos) pode ocupar uma série de enunciados e não apenas um.

A atividade de comentarista esportivo pensada em consonância com a noção de *função enunciativa*, não deve ser tomada como um novo modo de exercício do jornalismo. Mas sim, ser considerada, como o relacionamento, no discurso jornalístico, de certo número de elementos distintos, dos quais uns se refeririam ao *status* (*comentarista, ex-atleta, jornalista*), outros ao lugar institucional e técnico de onde falavam (veículo de comunicação, rádio), e, outros, ainda, à sua posição como sujeito que testemunha os fatos (torcedor, profissional do jornalismo, técnico). Com base em Foucault (2007, apud FRANZONI 2013, p. 66), pode-se afirmar que a construção de uma *função enunciativa* se estabelece no relacionamento desses elementos diferentes que são efetuados pelo discurso (jornalístico/comentarista esportivo) como prática, instaurando um sistema de relações que não é “realmente” dado nem constituído *a priori*, tendo unidade a partir das modalidades de enunciação que utiliza ou às quais essas relações dão lugar.

Nessa reflexão sobre a delimitação da *função enunciativa*, cabe destacar, primeiramente, a necessidade de identificar quais são as regularidades discursivas que determinam a atividade do comentarista esportivo. Essa consideração leva em conta que, para Foucault (1995, p. 61), não é a “unidade de um sujeito, mas sim as modalidades diversas de enunciação” que constroem uma prática discursiva, como mostra a passagem a seguir<sup>3</sup>:

Na análise proposta, as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de *um* sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala. Se esses planos estão ligados por um sistema de relações, este não é estabelecido pela atividade sintética de uma consciência idêntica a si, muda e anterior a qualquer palavra, mas pela especificidade de uma prática discursiva. (FOUCAULT, 1995, p. 61, grifos do autor).

Para Franzoni (2013), numa análise de observação de uma prática discursiva, os sistemas de formação têm o seu lugar no próprio discurso, pois elas se impõem segundo um tipo de “anonimato uniforme” a todos aqueles que tentam falar nesse lugar discursivo. É possível identificar várias semelhanças nas questões que perpassam os sujeitos que exercem a atividade de comentarista esportivo, como por exemplo: o fato da maioria dos profissionais que ocupam esse cargo ter formação

---

<sup>3</sup> Foucault (2007) está tratando do discurso clínico, mais especificamente da obra *Naissance de La clinique*. Nesse estudo, a noção de *função enunciativa* é tomada para pensar a figura do comentarista esportivo inserido nas relações do campo jornalístico.

em nível superior – na área do jornalismo –, conhecem o funcionamento da instituição Rádio, e o fato de todos tecerem comentários sobre jogos, lances e atletas, incluindo assuntos sobre tática e estratégias de jogo, na sua prática cotidiana adotam uma linguagem crítica e opinativa. Por outro lado, esses mesmos conjuntos de regras necessitam ser bastante específicos em cada um dos domínios estabelecidos para que se possa caracterizar uma prática discursiva.

Adotando essa perspectiva, os sistemas de formação não devem ser tomados como formas estáticas que se impoem do exterior do discurso e definiriam de uma só vez seus caracteres e suas possibilidades. Esses sistemas residem no próprio discurso, em suas fronteiras, nesse limite em que se definem as regras específicas que fazem com que o discurso exista, enquanto uma prática discursiva. Foucault (2007, p. 82-83) define os sistemas de formação como:

Por sistema de formação é preciso, pois, compreender um feixe complexo de relações que funcionam como regra; ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou tal objeto, para que empregue tal ou tal enunciação, para que utilize tal ou tal conceito, para que organize tal ou tal estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática.

A partir da compreensão dos sistemas de formação é que se pode chegar à prática discursiva, sendo possível, assim, mapear, a partir do discurso de vários comentaristas, os sentidos que se aproximam e os distinguindo dos que se distanciam, em formações discursivas<sup>4</sup> específicas. Para Foucault (1995), uma formação discursiva, entendida em sua individualidade singular, determina uma regularidade própria de processos temporais, coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos.

Segundo Foucault (1995), como visto anteriormente, a posição do sujeito enunciante é um lugar “determinado e vazio” que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes. Essa dimensão que caracteriza a formulação do enunciado constitui um dos traços que pertencem à *função enunciativa* e que ajudam a descrevê-la. Assim, “uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas

---

<sup>4</sup> É importante explicar que, neste estudo, as formações discursivas (FDs) serão denominadas de Núcleos de Sentidos (NS).

em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 1995, p. 108). Isso significa dizer que uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados “enunciados” na medida em que se consegue assinalar a posição do sujeito.

Outra característica importante da *função enunciativa* é que, para que ela seja considerada e analisada, é necessário que tenha existência material, isto é, que tenha sido proferida e que seja localizável em algum suporte. A materialidade desempenha, no enunciado, um papel muito importante, pois é constitutiva do próprio enunciado. As *jornadas esportivas*, por exemplo, são espaços em que o discurso do comentarista esportivo adquire materialidade, e seu campo associado pode ser percebido na análise de sua historicidade, que o relaciona a um antes e a um depois.

Foucault (1995) relaciona, ainda, o enunciado a uma identidade que varia de acordo com um regime complexo de instituições, na qual a identidade está submetida pela utilização, pela aplicação e pelo papel ou função que o enunciado deve desempenhar. A constância do enunciado, a manutenção de sua identidade através dos acontecimentos singulares das enunciações, seus desdobramentos pela identidade das formas, tudo isso é função do campo de utilização no qual se encontra inserido. Para o autor, em vez de ser uma coisa dita de forma definitiva “o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um *status*, entra em rede, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém e se apaga” (FOUCAULT, 1995, p. 118-119, grifo do autor).

Os elementos de caracterização elencados anteriormente permitem concluir que a análise das formações discursivas está centrada na descrição do enunciado em sua especificidade. Ao se examinar um determinado enunciado, percebe-se uma função que se apoia em conjuntos de signos e que requer, para existir, um conjunto de princípios (FOUCAULT, 1995).

Assim, a partir da noção de *função enunciativa* criam-se várias possibilidades: refletir sobre uma posição que poder ser ocupada por sujeitos distintos, analisar as condições nas quais se exerce esse cargo, pensar sobre o campo adjacente e sua historicidade e, finalmente, produzir uma análise empírica desde que exista uma materialidade para ser observada.

## 5 METODOLOGIA: ANÁLISE DO DISCURSO E QUESTIONÁRIO

Como já foi destacado anteriormente, este estudo utiliza a Análise do Discurso como referencial teórico e metodológico. Nesta etapa do trabalho, utilizamos seu instrumental para fazer a análise do discurso dos comentaristas esportivos, do Rio Grande do Sul, que atuam nas *jornadas esportivas*. Após escolher uma *jornada* de cada uma das quatro rádios de maior audiência de Porto Alegre – Rádio Gaúcha, FM 93,7 (jornada Juventude X Grêmio, no dia 04/03/18, comentada por Adroaldo Guerra Filho), Rádio Bandeirantes, FM 94,9 (jornada Inter X Juventude, no dia 15/02/18, comentada por Cláudio Duarte), Rádio Guaíba, FM 101,3 (jornada São José X Grêmio, no dia 28/01/18, comentada por Cristiano Oliveira) e Rádio Grenal FM 95,9 (jornada Avenida X Grêmio, no dia 24/01/18, comentada por Darci Filho) – mapeei os principais sentidos produzidos pelos comentaristas de cada veículo, selecionando trechos, Sequências Discursivas (SDs), que exemplificavam essas falas. O próximo passo foi organizá-las em Núcleos de Sentidos (NS), que agrupavam produções de sentido recorrentes e próximas. Neste trabalho, identifiquei dois Núcleos de Sentidos, além de dois tipos de conhecimento, a partir dos comentários proferidos pelos profissionais das *jornadas esportivas*. São eles:

- **Núcleo de Sentido 1** – Bagagem Cultural (e conhecimento da Profissão);
- **Núcleo de sentido 2** – Conhecimento Técnico (Táticos e Estatísticos);
  - **Núcleo de Sentido 2.1** – Conhecimento Dados Táticos;
  - **Núcleo de Sentido 2.2** – Conhecimento Dados Estatísticos.

O núcleo de sentido 1 (NS1) trata do conhecimento prévio que o comentarista esportivo tem da profissão e da dinâmica do futebol. Esse núcleo abrange todo o saber que o profissional possui da modalidade, seja de parte de regras, regulamentações ou, até mesmo, da sua rotina e da vivência na profissão.

Já o núcleo de sentido 2 (NS2), está subdividido em dois tipos de conhecimento. O primeiro que faz referência aos dados táticos, ou seja, o conhecimento e a análise que o comentarista faz dos métodos utilizados pelos jogadores dentro de campo. Métodos, esses, que envolvem o sistema de jogo, a posição dos jogadores nas quatro linhas, entre outros. Por fim, o segundo, que trata do conhecimento de dados estatísticos por parte dos comentaristas. Esses dados são resultado de informações coletadas durante, ou até antes, da partida, que são

apresentadas durante os jogos para se ter uma noção da situação das equipes em uma determinada disputa.

Para complementar a análise, fiz um questionário com oito comentaristas das quatro rádios esportivas de maior audiência de Porto Alegre. O questionário, segundo Gil (2008), é uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas à pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, entre outras questões. “Os questionários, na maioria das vezes, são propostos por escrito aos respondentes. Costumam, nesse caso, ser designados como questionários auto-aplicados” (GIL, 2008, p. 121).

Neste trabalho, o questionário foi realizado para a construção do perfil do comentarista e para pensar a *função enunciativa* a partir do lugar de fala, da identidade e do status. Para a realização dos questionários, foram contatados todos os comentaristas das rádios supracitadas. Dos 15 questionários enviados, somente oito responderam às perguntas solicitadas. Foram eles:

- Maurício Saraiva (Rádio Gaúcha) – 21/02/2018;
- Adroaldo Guerra Filho (Rádio Gaúcha) – 07/03/2018;
- Alex Bagé (Rádio Bandeirantes) – 15/03/2018;
- Cristiano Oliveira (Rádio Guaíba) – 19/03/2018;
- Kalwyn Correa (Rádio Grenal) – 21/02/2018;
- Darci Filho (Rádio Grenal) – 05/03/2018;
- Luiz Carlos Reche (Rádio Grenal) – 20/02/2018;
- Roberto Pato Moure (Rádio Grenal) – 19/02/2018.

No total, quatro *jornadas*, uma de cada rádio, foram analisadas. O critério de escolha das *jornadas* foi aleatório, mas contemplou partidas ocorridas no Gaúcho de 2018 e que envolvessem, pelo menos, um time da dupla Gre-Nal<sup>5</sup>, tendo em vista que as quatro emissoras são especializadas na cobertura de Grêmio e Internacional. Três dos comentaristas que responderam o questionário eram os escalados para comentar as jornadas analisadas (Oliveira, Filho e Guerra). Apenas Cláudio Duarte, da Rádio Bandeirantes, não respondeu o questionário e teve seus comentários examinados. Vale destacar que Cláudio Duarte é ex-jogador e técnico de futebol. Ele

---

<sup>5</sup> Gre-Nal é o termo que identifica a principal dupla de times de futebol do Rio Grande do Sul, reunindo a sílaba inicial da palavra “Grêmio” e a final de “Internacional”. Os dois clubes são os únicos gaúchos integrantes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol atualmente.

passou a integrar o quadro de comentaristas da Rádio Bandeirantes em 2017. Cláudio já foi lateral-direito do Internacional e técnico de Inter e Grêmio. Antes de ingressar na Band, Duarte já havia passado pela RBSTV e pela Rádio Guaíba.

### 5.1 Mapeamento dos sentidos nas *jornadas esportivas*

As quatro *jornadas* analisadas foram ouvidas e todas as falas dos comentaristas foram transcritas objetivando mapear os sentidos que se repetiam e, após a identificação, agrupá-los nos três núcleos de sentido. A seguir, apresento a análise propriamente dita, onde são apresentadas as sequências discursivas para ilustrar o que foi identificado em cada um dos Núcleos de Sentido.

Tabela 1 - Quantidade de Sequências Discursivas (SDs) em cada Núcleo de Sentido:

<b>Jornadas/Rádio</b>	<b>Núcleo 1</b>	<b>Núcleo 2</b>	<b>Núcleo 2.1</b>	<b>Núcleo 2.2</b>
<b>Bandeirantes</b>	20 SDs	15 SDs	13 SDs	2 SDs
<b>Gaúcha</b>	21 SDs	10 SDs	7 SDs	3 SDs
<b>Guaíba</b>	27 SDs	16 SDs	12 SDs	4 SDs
<b>Grenal</b>	34 SDs	5 SDs	4 SDs	1 SDs
<b>TOTAL</b>	102 SDs	46 SDs	36 SDs	10 SDs

Fonte: elaborado pelo autor

Conforme a Tabela 1, acima, constatamos que, aproximadamente, 69% das sequências discursivas se referem ao Núcleo de Sentido Bagagem Cultural e que 31% é referente ao uso de Dados Técnicos, sendo 7% dados Estatísticos e 24% Táticos.

#### 5.1.1 Explicação do Núcleo de Sentido 1 (NS1): Bagagem Cultural

Referente ao NS1, foram identificadas 20 sequências discursivas coletadas na jornada esportiva de Inter x Juventude, do dia 15 de fevereiro de 2018, do comentarista Claudio Duarte; 21 na jornada esportiva de Juventude x Grêmio, do dia 4 de março de 2018, do comentarista Adroaldo Guerra Filho; 27 na jornada esportiva de São José x Grêmio, do dia 28 de janeiro de 2018, do comentarista Cristiano

Oliveira; e 34 SDs na jornada Avenida x Grêmio, do dia 24 de janeiro, do comentarista Darci Filho. Sendo assim, nas quatro jornadas, foram identificadas um total de 102 sequências do Núcleo 1.

Selecionei, a seguir, algumas SDs para exemplificar este Núcleo. As primeiras foram retiradas da jornada Esportiva da Rádio Bandeirantes, quando o comentarista foi Claudio Duarte.

“Teremos certamente um grande jogo porque o Juventude já estabeleceu essa rivalidade há muito tempo, precisa de resultado positivo, precisa de pontos nessa campanha irregular em cima de uma equipe que foi armada pra fazer sucesso no Gauchão” (SD1, DUARTE, 2018).<sup>6</sup>

Ao estabelecer que o Juventude precisa de um resultado positivo e de pontos, Duarte (2018), além de citar a campanha irregular do time, mostra que possui conhecimento da situação do time dentro do Campeonato Gaúcho.

Já na SD 21, a seguir, recolhida da jornada comentada por Guerra (2018), ele também mostra que está ciente da posição dos times na tabela, principalmente quando destaca que o Grêmio precisa, obrigatoriamente, vencer no jogo em questão. O fato de ter ciência da posição dos times na tabela de classificação, inclusive, embasa boa parte dos comentários, já que, vendo o momento da equipe, há uma previsão de qual a estratégia que o time estará realizando na partida comentada.

“O Grêmio não tem escolha. O Grêmio chega no Gauchão, na sua reta final da fase classificatória, faltando três rodadas, com um único objetivo, uma obrigação: vencer” (SD21, GUERRA, 2018).

Outra Sequência Discursiva acionada é a SD2, também comentário do Duarte (2018):

“O Internacional precisa também reeditar a sua melhor atuação esse ano, quando ganhou do São José, tem essa condição, porque repete a equipe e tem jogadores com características e propriedades pra poder fazer um jogo de movimentação, ser ofensivo, com a bola no chão, com a bola tocada, com criatividade” (SD2, DUARTE, 2018).

---

<sup>6</sup> As sequências discursivas serão apresentadas com recuo de citação (4cm) e não justificadas, mas usamos fonte tamanho 11 e mantivemos as aspas para diferenciar de outras citações teóricas.



No primeiro momento, o comentarista destaca que o Internacional precisa reeditar sua melhor atuação do ano quando venceu a equipe do São José. Isso mostra que o profissional possui conhecimento anterior sobre o assunto já que, certamente, assistiu o jogo do Internacional contra o São José para saber que aquela havia sido a melhor atuação do time do ano. O comentarista também destaca que “tem jogadores com características e propriedades pra poder fazer um jogo de movimentação”, ou seja, ele utiliza sua bagagem para citar as características dos jogadores do clube.

“A esperança é essa, até porque as duas equipes têm uma boa condição técnica, são duas equipes que, como dissemos há pouco, estabeleceram essa rivalidade” (SD3, DUARTE, 2018).

O comentarista, na sequência acima, usa sua experiência na profissão ao dizer que ambas as equipes possuem boas condições técnicas. Apesar do uso da expressão “condição técnica”, nenhuma informação complementar é acrescentada sobre o porque desta constatação. Dessa forma, podemos concluir que ele infere, ou já assistiu, partidas de ambas as equipes para avaliar que eles possuem boas condições.

“O Juventude necessita de pontos, ele precisa buscar um posicionamento melhor, até pelo seu tamanho, pelo suporte que a instituição dá à equipe e certamente o torcedor (...)” (SD4, DUARTE, 2018).

Aqui, novamente, Duarte (2018) faz uso de um conhecimento prévio ao dizer que o Juventude precisa de pontos, ou seja, ele sabe quais são as condições do time de Caxias na tabela de classificação do Campeonato Gaúcho. Além disso, ele destaca, na mesma sequência, que a instituição dá suporte à equipe. Tendo esse trecho em análise, podemos perceber que o comentarista conhece bem o clube (Juventude), já que mostra que tem conhecimento do investimento da instituição no futebol.

“É, mas felizmente hoje o futebol já não comete o ato que cometia lá atrás, né? Naquela época em que a gente jogava, no meu tempo de atleta, o clube simplesmente, na primeira... no primeiro sintoma de amigdalite, levava no cirurgião para arrancar as bolotinhas (...)” (SD5, DUARTE, 2018).

Na SD5, acima, num clima de saudosismo, o comentarista utiliza tanto de sua experiência como profissional quanto como jogador (Claudio Duarte foi jogador de futebol e treinador antes de ser comentarista). Ele realiza uma explicação de como era feita as questões de saúde na época em que atuava como atleta. Já na SD6, abaixo, o comentarista mostra que também conhece os procedimentos de lesão e do departamento médico nos dias atuais, mas sem entrar nos termos técnicos propriamente ditos.

“Hoje não, hoje os clubes, através do departamento médico, preservam esta condição do atleta, mantendo o atleta em condições ideais, buscando curas, né? E fazendo também aquele tratamento que não permite mais que ela apareça tão facilmente” (SD6, DUARTE, 2018).

Podemos observar que uma questão em comum aparece nas SDs: 7, 13 e 16:

“Olha, é um lance onde ele vai simplesmente pra parar a jogada. Merecia o cartão sim” (SD7, DUARTE, 2018).

“É, uma falta normal, uma falta de jogo. E esse trabalho, esse papel não é do D’Alessandro, é do árbitro” (SD13, DUARTE, 2018).

“O árbitro, Marcão, equivocou-se, porque o Internacional tinha a posse da bola, viu que o seu companheiro estava lá dentro da área caído, não parou, tentou progredir, no sentido do objetivo de fazer gol e o árbitro parou quando o Juventude pega essa bola? Ele deveria ter levado em conta isso” (SD16, DUARTE, 2018).

Nestas três sequências, o comentarista opina sobre a atuação da arbitragem. Ao salientar que o jogador referido merecia levar um cartão, ele mostra que tem conhecimento prévio das regras do esporte e sabe quando é correto, ou não, aplicar um cartão em determinado jogador. É importante salientar que, ao tratar sobre a arbitragem, o comentarista o faz do lugar de observador, do que deveria ter sido feito pela arbitragem.

Já no trecho abaixo, o comentarista demonstra conhecimento sobre a carreira de um jogador específico. A bagagem cultural do profissional permite que ele lembre os clubes em que o jogador, referido na sequência, atuou e fez “sucesso”.

[Respondendo à seguinte pergunta do narrador: “Foi teu jogador, Claudião, o Cléo Hickmann?”] “Foi, foi um atleta que começou com a gente aqui e que teve um sucesso dos maiores, não só no Internacional, mas Palmeiras, Flamengo, Barcelona” (SD9, DUARTE, 2018).

Mesmo quando trata sobre questões técnicas da arbitragem, o comentarista acaba por acionar sua experiência como jogador para justificar sua fala. A bagagem cultural e o conhecimento da profissão também permitem que ele trate de questões que acontecem dentro do vestiário. Duarte (2018), por ter sido jogador e treinador de futebol antes de atuar em rádio, destaca esse ponto:

“Quem deve estar fazendo uma crítica muito forte nesse instante no vestiário é o Antônio Carlos Zago, porque o time dele equivocou-se muito no erro de passe, no erro técnico, e isso fez o Inter crescer e tomar conta do jogo” (SD11, DUARTE, 2018).

O comentarista mostra que além de conhecer o ambiente de um vestiário, convive com o técnico da equipe do Juventude. No momento em que diz que Antônio Carlos Zago, técnico do Juventude, deve estar fazendo uma crítica muito forte aos jogadores, é sinal de que não se constrange ao fazer conjecturas sobre o perfil do profissional. Além disso, sua observação induz ao sentido de que a equipe comandada pelo referido treinador, não foi bem durante o primeiro tempo da partida.

“E ele tá aproveitando em todos os jogos, não só nesse” (SD12, DUARTE, 2018).

Novamente, a questão sobre a vida de um atleta aparece nos comentários. Na SD anterior, o comentarista demonstra que possui um conhecimento prévio da trajetória recente de um jogador. Ao destacar que o atleta está sendo aproveitado em todos os jogos, é um indicativo de que tem acompanhado os outros jogos disputados pelo atleta e tem conhecimento de que o jogador vem aproveitando as oportunidades e fazendo bons jogos no Campeonato.

“Não, é que ali perto da coxa e da virilha é perigoso” (SD18, DUARTE, 2018).

O comentarista, na SD citada acima, demonstra um saber sobre lesões. Ao destacar que uma pancada perto da coxa e da virilha é perigosa, ele mostra que sabe que essa é uma área do corpo que inspira cuidados. Essa fala nos remete a

percepção de que a bagagem sobre lesões e contusões, naquela ou em outra região do corpo do atleta, faz parte do discurso do comentarista, provavelmente por ser um acontecimento recorrente durante os jogos.

Nas três sequências a seguir (SD 22, SD 23 e SD 24), quando apresento os trechos da fala de Guerra (2018), o comentarista trata da equipe do Juventude.

“Porque o início do Juventude na competição não foi nada legal. O Juventude sempre entra no Gauchão sendo visto como uma das pedras no sapato da dupla Grenal” (SD22, GUERRA, 2018).

Na primeira SD, ele diz que o time de Caxias do Sul sempre é visto como pedra no sapato dos outros times, ou seja, ele se posiciona sobre as atuações do Juventude durante todas as edições do Campeonato Gaúcho. Além disso, tece o comentário sobre as pretensões do clube, que no caso específico, é disputar a série B do Campeonato Brasileiro, como especificado na SD 23:

“Recorreu a um treinador que conhece a série B, porque, lá no seu íntimo, o Juventude sabe que a grande tarefa do ano, o grande objetivo é a segunda divisão do futebol Brasileiro” (SD23, GUERRA, 2018).

Já na última sequência, que apresento a seguir, Guerra (2018) diz que acha que o Juventude será cauteloso no primeiro tempo, ou seja, ele infere que, para enfrentar o Grêmio, o Juventude irá atuar de uma determinada maneira e não de outra. Essa inferência, quase como uma estratégia de jogo, define como deve ser o primeiro e o segundo tempo de jogo, a partir da construção de uma expectativa.

“Acho que o Juventude vai ser cauteloso, e o Grêmio, no primeiro tempo, vai tentar ganhar na bola, mas, no segundo, vai tentar ganhar de qualquer jeito” (SD24, GUERRA, 2018).

“São Paulo (de Rio Grande) já foi. Mesmo tendo três jogos pela frente, o São Paulo teria de fazer uma campanha, olha, extraordinária” (SD25, GUERRA, 2018).

Neste trecho acima, Guerra (2018) usa sua bagagem cultural para dizer que o São Paulo de Rio Grande, mesmo antes de terminar o campeonato e o time ainda possuir chance de permanecer na divisão principal, será rebaixado. Ele utiliza sua experiência em duas frentes: para afirmar o baixo rendimento da equipe e também, que é muito difícil um time sair daquela situação (última colocação).

“Mas, jogador gosta de jogar. Jogador não gosta de ficar parado” (SD28, GUERRA, 2018).

Já, na SD28, Guerra (2018) opina, inclusive, sobre o que se passa na cabeça de um jogador de futebol. Ao afirmar que o jogador não gosta de ficar parado, ele demonstra, que ao longo de sua carreira constatou que os jogadores gostam mesmo é de atuar.

“O Grêmio a gente pode resumir o seguinte, foi o melhor jogador do Grêmio do primeiro tempo: Madson. Bom, se o Madson é o melhor do Grêmio no primeiro tempo é porque o Grêmio não foi nada legal” (SD32, GUERRA, 2018).

No trecho acima há um detalhe interessante. O comentarista diz que o jogador Madson, do Grêmio, foi o melhor do primeiro tempo, o que significa que o time “não foi nada legal”. Ele utiliza de sua bagagem cultural para tratar da qualidade técnica de um jogador referido, com isso remete ao fato de o time não ter ido bem no jogo.

Na sequência 43, Oliveira (2018) fala das críticas que a equipe do Grêmio vem recebendo. A força de sua opinião está nas críticas, pois mesmo sendo jovens e garotos eles sofrem críticas. Essa afirmativa demonstra que o comentarista tem conhecimento da idade dos jogadores e que, mesmo sendo jovens, estão sujeitos à crítica, como qualquer outra equipe, que o fato de serem jovens abona sua atuação, mas não justifica totalmente suas falhas.

“É uma equipe de jovens, é uma equipe de garotos, mas é uma equipe que sofre críticas” (SD43, OLIVEIRA, 2018).

No trecho a seguir, continua a crítica ao fato de serem jovens e acrescenta o fato da improvisação. O comentarista demonstra que, além de saber a posição dos atletas em campo, ainda tem conhecimento de quando o jogador está atuando de forma improvisada em outro setor. Oliveira (2018) deduziu onde o jogador atuaria improvisado pelo conhecimento que tem do estilo do jogador em questão. Oliveira (2018), como Guerra (2018), demonstra conhecer a atuação dos atletas.

“Pelo lado esquerdo sai o Guilherme Guedes, de apenas 18 anos, e joga, agora, o Leonardo improvisado, embora jovem também, mais experiente que Guilherme Guedes” (SD45, OLIVEIRA, 2018).

“E, outra, do outro lado não é o Spartak de Moscou, né? Que, com todo o respeito, é um clube de modestíssimas pretensões num cenário europeu. É um Liverpool que, eventualmente, embora nos últimos anos não tenha acontecido, mas que, eventualmente, briga por título inglês, o principal campeonato nacional do mundo. E que na Champions League tem classificação e uma pretensão de avançar bastante” (SD50, OLIVEIRA, 2018).

Já na sequência acima, o comentarista demonstra que possui um bom conhecimento sobre futebol internacional. Ao dizer que o Spartak de Moscou tem “modestíssimas pretensões”, ele mostra que acompanha a trajetória do time russo. Na mesma SD, ele ainda expõe, também, que conhece a equipe do Liverpool, da Inglaterra, ao dizer que o time eventualmente briga pelo título inglês.

A SD70, apresentada a seguir, foi retirada do comentário de Darci Filho, da Rádio Grenal.

“O Guilherme Guedes é um jogador que tem essa formação, tem a formação da escolinha do Grêmio” (SD70, FILHO, 2018).

Filho (2018) demonstra, também, um conhecimento muito amplo sobre alguns jogadores. Ao destacar, na SD 70, que Guilherme Guedes foi formado na escolinha do Grêmio, o comentarista traz o início da formação do jogador como um dado relevante, tendo em vista que a escolinha vem antes ainda das categorias de base.

O mesmo acontece na SD 74, descrita a seguir, quando Filho (2018) fala do início da carreira do goleiro Marcelo Grohe.

“Marcelo Grohe (goleiro do Grêmio que não está atuando na partida) tem o espírito gremista. Esse foi criado no Grêmio, tem o espírito gremista” (SD74, FILHO, 2018).

Nas duas próximas sequências, o comentarista mostra um bom conhecimento do futebol do interior gaúcho.

“Nós sabemos as dificuldades do futebol do interior, nós cobramos muito: ‘mas os dirigentes têm de saber fazer futebol’. Não é assim! Gente, no interior eles não recebem apoio para fazer o futebol” (SD71, FILHO, 2018).

Neste primeiro trecho, ele retrata as dificuldades dos times interioranos, ou seja, ele possui conhecimento prévio de como funciona a dinâmica de administração dessas equipes. O mesmo pode ser detectado na SD 72.

“Então, os dirigentes de futebol do interior do estado, esses são verdadeiros abnegados, porque esses tiram de seus bolsos para os clubes. Esta é a realidade” (SD72, FILHO, 2018).

Nesta última, Filho (2018) mostra conhecimento de como trabalham os dirigentes do futebol do interior. Ao dizer que eles tiram dinheiro do próprio bolso, traz uma realidade de dificuldades financeiras e de pouco investimento.

“Aliás, aqui no Rio Grande do Sul é o único lugar do Brasil em que o dirigente do futebol é mais valorizado, ele recebe mais importância do que realmente tem” (SD82, FILHO, 2018).

Na SD82, citada acima, Filho (2018) usa sua bagagem cultural para dizer que no Rio Grande do Sul o dirigente é mais valorizado do que deveria. Ao tecer essa opinião, o comentarista induz a pensar que sabe como o dirigente é valorizado em todos os outros estados do país. Sem contar que, neste ponto, o comentarista comete uma contradição já que, na SD 72, reclama que os dirigentes são abnegados. É importante assinalar, que estamos levando em consideração somente discurso manifestado.

Em outras SDs, Filho (2018) opina sobre a qualidade e os defeitos dos jogadores citados. Na SD 101, o comentarista compara o atual zagueiro do Grêmio com uma zaga de 2016 que, na oportunidade, não rendeu como esperado.

“Paulo Miranda está proporcionalmente cotado como estão cotados o Kadu e o Fred (ex-zagueiros gremistas)” (SD101, FILHO, 2018).

Filho (2018) traz um acontecimento do passado para fazer uma comparação com o presente, demonstrando que possui um conhecimento prévio de como atuava aquela zaga que fracassou, comparando com o fracasso do atual defensor do Grêmio.

A seguir, passamos para o próximo Núcleo de Sentido, que trata sobre a fala dos comentaristas esportivos do radiojornalismo a partir do conhecimento de dados técnicos.

### **5.1.2 Explicação de Núcleo de Sentido 2 (NS2): Conhecimento de Dados Táticos e Estatísticos**

Referente ao Núcleo de Sentido 2, a parte que trata sobre dados táticos, foram identificadas 13 sequências discursivas coletadas na jornada esportiva do comentarista Claudio Duarte; 7 na jornada esportiva do comentarista Adroaldo Guerra Filho; 12 na jornada de Cristiano Oliveira; e 4 SDs na jornada do comentarista Darci Filho. Sendo assim, nas *quatro jornadas*, foram identificadas um total de 36 sequências do Núcleo 2. Passo a exemplificar na sequência.

Neste trecho – SD 103 – Duarte (2018) fala de marcação alta, ou seja, destaca que a marcação dos jogadores do Juventude começava ainda no seu campo de ataque, dificultando a saída de bola do Internacional. Nesta sequência, o comentarista mostra que possui conhecimento desta estratégia tática.

“A surpresa foi o Juventude começar fazendo marcação alta e obrigando o Internacional, durante os primeiros oito minutos, a sequer, se organizar em campo” (SD103, DUARTE, 2018).

Na SD 107, Duarte (2018) também cita a marcação alta:

“O Juventude já não consegue fazer a marcação alta, o Juventude já temeroso nos equívocos que ele cometeu, ele acaba esperando o Internacional” (SD107, DUARTE, 2018).

NA SD 113, Duarte (2018) faz uma análise tática de uma alteração da equipe do Juventude. Neste trecho, ele usa seu conhecimento tático para destacar que, com uma mudança de jogadores, a disposição dos atletas dentro de campo mudará.

“Vale registrar que houve a troca, mas quem vem pra zagueiro é o Vinícius, e o que é... e o Vidal faz o trabalho como lateral-direito” (SD113, DUARTE, 2018).

“De Bona (narrador), o jogo tem tanta marcação, mas tanta marcação, tão pouco espaço para passar no meio do campo, que quem está mais trabalhando nos dois times são os dois zagueiros. E os zagueiros dos dois times estão tentando a bola longa” (SD117, GUERRA, 2018).

Na SD, citada acima, Guerra (2018) fala da grande quantidade de marcação das duas equipes que se enfrentam. O resultado para os dois times, segundo o comentarista, é que os que mais atuam são os zagueiros.

Em outro exemplo, a SD 119, o comentarista faz uma análise tática destacando que o time do Grêmio não possuía um jogador como referência na linha



de três, se referindo aos três jogadores do meio campo que municiam o centroavante com bolas para finalizar. Neste trecho, Guerra (2018) aciona o conhecimento técnico que enriquece seu comentário e demonstra entender a tática construída durante o jogo.

“O Grêmio está sem a referência para tocar a bola naquela linha de três e tentar arrumar um lugar para atacar o adversário” (SD119, GUERRA, 2018).

Notamos que Oliveira (2018), faz uma análise tática muito detalhada, nas SDs 125 e 126.

“Não mais no 4-1-4-1 quando tem a bola, mas sim com dois volantes alinhados, o Matheus Henrique e o Balbino, o Jean Pyyre sendo, de fato, um meia, tendo pelos lados o Alisson e o Pepê. Um 4-2-3-1 que joga o Grêmio, e, sem a bola, é aquela coisa mais simples impossível, mas que funciona muitas vezes. Duas linhas de quatro, Alisson e Pepê voltam para marcar, por dentro ficam o Matheus Henrique e o Balbino e, lá na frente, sobrando, o Jean Pyyre junto com o Lima” (SD125, OLIVEIRA, 2018).

Além de citar os esquemas que as equipes estão atuando (4-1-4-1 e 4-2-3-1) ele ainda pontua a função de cada jogador dentro desse esquema. Dessa forma, o comentarista consegue passar um retrato fiel de como está se desenvolvendo o jogo dentro das quatro linhas. Isso pode ser observado também na SD 126.

“O São José não conseguiu, com a bola rolando, entrar a passes na área do Grêmio, e o Grêmio está jogando, hoje, de uma forma diferente, não mais aquele 4-1-4-1 dos últimos jogos, mas sim com dois volantes na frente da zaga – o Matheus Henrique e o Balbino – bem aberto pela direita o Pepê, bem aberto pela esquerda o Alisson, e aí, por dentro, com muita liberdade e movimentação, o Jean Pyyre e o Lima. Se tivesse que fazer aquele desenho tático, Jean Pyyre seria o meia central e o Lima estaria mais na frente” (SD126, OLIVEIRA, 2018).

Também identificamos o uso de dados táticos na jornada comentada por Filho (2018). Na SD 138, o comentarista destaca que os zagueiros do time que acabou de tomar gol estavam mal posicionados. Filho (2018) cria esse panorama ao descrever a posição dos defensores que erraram e acabaram sendo os responsáveis do gol adversário.

“Um mau posicionamento dos zagueiros, foi um fracasso” (SD138, FILHO, 2018)

Referente ao conhecimento de dados Estatísticos, foram identificadas duas sequências discursivas coletadas na *jornada esportiva* do comentarista Claudio Duarte; três na jornada esportiva do comentarista Adroaldo Guerra Filho; quatro na jornada de Cristiano Oliveira; e apenas uma SD na jornada do comentarista Darci Filho. Sendo assim, nas quatro *jornadas*, foram identificadas um total de 10 sequências neste tipo de conhecimento.

“Durante 90 minutos, mais os acréscimos, ele não fez nenhuma defesa, as três que foram, entraram” (SD139, DUARTE, 2018).

Na SD acima, Duarte (2018) destaca que o goleiro do Juventude não fez nenhuma defesa em todos os 90 minutos de jogo. Além disso, ele comenta que as três bolas que foram em direção ao gol, entraram. Essa estatística mostra que o goleiro do Juventude não fez uma boa partida, pois sequer fez uma defesa em todo o jogo.

“Se a gente puxar pela planilha, o Grêmio teve uma chance com Everton muito clara, muito boa” (SD142, GUERRA, 2018).

Na SD142, Guerra (2018) cita que se “puxar a planilha”, o Grêmio só teve uma chance de gol. Uma estatística que mostra que o time teve poucas chances na partida.

“Porque no Campeonato Gaúcho, até agora, não conseguiu sequer uma vitória. Saiu na frente em todos os jogos e não conseguiu garantia no marcador até o final em nenhum deles. Tem um empate e duas derrotas” (SD144, OLIVEIRA, 2018).

Em duas sequências, 144 e 145, Oliveira (2018) fala dos retrospectos de derrotas e vitórias dos dois times. Uma estatística que mostra como andam as duas equipes no Campeonato e qual a previsão para o jogo que iria começar. Questão que pode ser observada, a seguir, na SD145:

“Contra um São José que, jogando no Passo D’Areia, na grama sintética do Passo D’Areia, tem dois jogos e duas vitórias neste campeonato” (SD145, OLIVEIRA, 2018).

Em outra sequência, SD147, Oliveira (2018) não só cita as finalizações que o Grêmio teve como explica cada uma. Fazendo isso, o comentarista faz um resumo do que aconteceu na partida, o que favorece aqueles que não conseguiram ouvir desde o início da partida.

“Grêmio construiu três finalizações perigosas: aos 10 minutos, com Leonardo, aos 26, com Lima, e aos 28 com o Pepê, que encobriu o goleiro e o Bruno Jesus salvou em cima da linha. Contra apenas uma do São José, que foi aquele escanteio cobrado rasteiro para a área, que o Bruno Jesus bateu de calcanhar e o Bruno Grassi fez a defesa” (SD147, OLIVEIRA, 2018).

Por fim, Filho (2018) faz uma análise de que em 12 minutos de jogo, nenhum chute a gol foi dado. Com isso, o comentarista tenta passar a informação de que, no tempo jogado, ambas as equipes não tiveram boa atuação.

“Seguinte, 12 minutos e meio e nenhum chute a gol” (SD148, FILHO, 2018).

A estratégia usada pelo comentarista serve para mostrar ao ouvinte o quanto o jogo, naqueles 12 minutos, estava fraco.

No próximo item irei sistematizar os dados dos questionários aplicados com os oito comentaristas esportivos das rádios esportivas de maior audiência de Porto Alegre.

## **5.2 Dados dos questionários**

Como já referido anteriormente, 15 comentaristas, no total, foram contatados para responder as 19 questões propostas no questionário. Foram oito profissionais que responderam as perguntas: dois da Rádio Gaúcha, quatro da Rádio Grenal, um da Rádio Guaíba e um da Rádio Bandeirantes.

A média de idade dos oito comentaristas analisados é de 50 anos. Desses, cinco possuem curso superior completo em Jornalismo, um está cursando a faculdade e outros dois não chegaram a completar o curso superior. Em relação ao tempo de atuação nas empresas em que trabalharam, as respostas se diferem. Roberto Moure, o “Pato”, da Rádio Grenal, trabalhou a maior parte da carreira na Itália. Ele atuou em emissoras como Rádio Rai, Teleroma 56, Rádio Encontro, Rádio

Dimensione Suono, Canal Itália 1, entre outras, num total de 29 anos. No Rio Grande do Sul, ele atuou como repórter nas rádios Gaúcha (dois anos e meio), Farroupilha (um ano) e Bandeirantes (seis anos). Desde 2013, ele trabalha como comentarista na Rádio Grenal.

Já Adroaldo Guerra Filho não informou o período que atuou em cada emissora, mas destacou que já trabalhou na Companhia Jornalística Caldas Junior e no Grupo RBS, onde permanece até hoje. Alex Sandro dos Santos Gonçalves, o “Bagé”, atuou na Rádio Guaíba de 2005 a 2013. No mesmo ano, ele se transferiu para a Rádio Grenal, onde ficou por cinco anos. Na Rádio Bandeirantes, ele trabalha desde setembro de 2017. Já Cristiano Oliveira atuou na Rádio Grenal de março de 2012 até janeiro de 2016. Após, ele se transferiu para a Rádio Guaíba, onde permanece até os dias de hoje.

Darci Filho, por sua vez, trabalhou dois anos na Rádio Santa Mariense, dois na Rádio TV Nacional BSB, 10 anos na Rádio Gaúcha, um na Rádio e TV Guaíba, três anos na Sportv e 12 anos na Rede Pampa, onde está até hoje. Já o comentarista Kalwyn Correa, da Rádio Grenal, sempre trabalhou na mesma emissora e está lá desde março de 2012.

O comentarista Luiz Carlos Reche, além de atuar em vários veículos, trabalhou 29 anos na Rádio Guaíba, três anos na Rádio e TV Bandeirantes e cinco meses na Rádio Grenal, onde está atualmente. Finalizando, o comentarista Maurício Saraiva trabalhou cinco anos na rádio Bandeirantes como repórter esportivo, quatro anos na Rádio Guaíba, e 22 anos no Grupo RBS, onde permanece até hoje. Tendo esses dados como base, podemos perceber que a maioria dos comentaristas já passou por diversas emissoras – quase sempre as mesmas quatro analisadas durante o trabalho – e ficam, pelo menos, dois anos. Dois profissionais, inclusive, já atuaram mais de 20 anos na mesma emissora. Contabilizando todo o período que os comentaristas trabalharam especificamente em rádios, pode se dizer que esses profissionais ficam, em média, cerca de seis anos na mesma empresa.

No questionário, os comentaristas também foram perguntados sobre em que se baseiam para tecer seus comentários no jornalismo esportivo. A eles, foram dadas quatro alternativas: 1) Dados técnicos (estatísticas); 2) Conhecimento da sua experiência na profissão; 3) Informações de sua formação acadêmica; ou 4) Outros. Cite qual(is). Dos oito comentaristas questionados, sete responderam a alternativa número “1”, todos marcaram a alternativa número “2”, dois profissionais, ainda,

marcaram a alternativa “3” e outros dois, a “4”, citando o estudo de livros, jornais e conversas com companheiros e informações da reportagem.

A maioria dos questionados acredita que ter conhecimento e estar bem informado são os pontos necessários para tecer um comentário adequado e satisfatório sobre um acontecimento ou evento esportivo. Dos oito comentaristas, seis destacaram que o conhecimento do futebol, que envolve a ciência de regras, regulações e dinâmica, é fundamental para um bom comentário. Três dos profissionais, ainda, destacaram que estar bem informado é uma condição fundamental para um comentário satisfatório. Dois dos questionados acreditam que a capacidade de se expressar e comunicar é um fator importante para um bom comentário. Um dos profissionais alega que o imprevisto é um dos artifícios para um comentário adequado e um acredita que contextualizar o fato auxilia no sucesso da explicação.

No questionário feito aos comentaristas, perguntei de que maneira eles se mantinham atualizados para tecer seus comentários no rádio. Na oportunidade, cada profissional podia responder mais de uma maneira usada para se manter informado. Cinco, dos oito comentaristas questionados, afirmaram que se mantêm atualizados consumindo informação de forma geral, sem especificar a forma de praticar a ação. Já três destacaram que assistem jogos para se manterem atualizados. Três também responderam que ouvem rádio e navegam na internet para conseguir as informações. Apenas um dos questionados especificou que lê jornal para se manter atualizado. Da mesma forma, um comentarista revelou que se mantém atualizado por meio de conversas com outros jornalistas.

Na oportunidade, os comentaristas também foram questionados sobre o relacionamento com os colegas de profissão. Sete declararam que tem uma relação positiva com outros comentaristas. Apenas um dos questionados não soube definir a relação com outros profissionais, apenas disse que procurava ser leal e franco. Em relação ao relacionamento com profissionais do esporte, que envolve jogadores, treinadores, dirigentes e outros, cinco dos questionados destacaram como positiva a relação com os profissionais. Três revelaram que possuem uma relação profissional. Um deles, inclusive, diz que possui uma relação cordial e distante o suficiente para não comprometer a capacidade de criticar ou elogiar com isenção.

Dos oito comentaristas que responderam o questionário, nenhum deles atuou profissionalmente em nenhum tipo de esporte, por mais que três tenham dito que

passaram por categorias de base. Durante o questionário, os profissionais também foram perguntados se consideram que o comentarista esportivo seja um jornalista. Quatro dos questionados disseram que sim. Um dos profissionais disse que o comentarista esportivo é jornalista desde que tenha feito o curso de Comunicação Social na área de Jornalismo. Outro questionado respondeu “não necessariamente”, pois, na opinião dele, na função específica de comentarista esportivo, precisa saber mais do esporte do que de jornalismo. Um dos profissionais ainda revelou que não possui nada contra quem não seja jornalista e outro que o comentário esportivo faz parte de todo o contexto do próprio jornalismo esportivo e que o profissional deve buscar especialização.

A questão da liberdade dada para tecerem suas explanações também foi questionada. Todos os profissionais questionados afirmaram que possuem, atualmente, total liberdade da empresa que trabalham, para tecer qualquer tipo de opinião. No entanto, dois deles já tiveram problemas durante a carreira. Um destacou a falta de liberdade na época da Ditadura Militar, e o outro revelou que foi censurado uma vez só, na Rádio Bandeirantes de Porto Alegre. Segundo o questionado, era o período de implantação da Copa do Mundo de 2014.

Após o mapeamento dos questionários, podemos perceber muito da *função enunciativa* que foi explanada na visão de Foucault (1995) no decorrer deste trabalho. Todos esses comentaristas possuem, atualmente, um lugar institucional que lhes dá credibilidade para comentar sobre o que acharem relevante, ou seja, os profissionais possuem uma posição privilegiada – lugar de destaque e confiança – dentro de suas empresas que legitima os seus discursos, sejam eles comentaristas com curso superior, em jornalismo ou de outra área do conhecimento, ou ainda com formação exclusivamente prática na profissão.

### **5.3 Interpretação dos dados mapeados**

Durante o mapeamento das Sequências Discursivas (SDs), foram encontrados dois Núcleos de Sentidos (NS) já citados anteriormente: Bagagem Cultural (e conhecimento da Profissão), Conhecimento de Dados Técnicos (Táticos e Estatísticos). Após as análises, podemos destacar que o mais recorrente de todos eles foi o NS1 Bagagem Cultural.

Tendo essa informação quantitativa como base, podemos observar que os comentaristas utilizam, na maioria das vezes, o conhecimento prévio que obtiveram durante suas carreiras no momento de tecer os comentários sobre determinado jogo. No total, contabilizando as quatro jornadas analisadas, os quatro comentaristas, das respectivas partidas, juntos, fizeram 102 comentários em que utilizaram a sua bagagem cultural. Um número considerado expressivo ao tomarmos como base os outros núcleos de sentido. Esse dado confirma o que os próprios comentaristas disseram nos questionários, que foram respondidos neste mesmo trabalho, tendo em vista que sete dos oito questionados afirmaram que faziam uso da bagagem cultural para tecer os comentários.

No entanto, a situação não é a mesma se olharmos a análise da do tipo de conhecimento de Dados Estatísticos. Todos os comentaristas responderam, no questionário enviado, que fazem uso do seu conhecimento nesta área para tecer os comentários. No entanto, nas jornadas pesquisadas, muito pouco se viu de análises estatísticas que partiram dos profissionais do comentário. No total, nas quatro partidas, foram identificadas apenas 10 sequências discursivas em que a análise estatística estava presente. As análises encontradas, inclusive, tratam de número de vitórias, de chutes a gol, de defesas, entre outras. Nenhuma das análises estatísticas deixa a superficialidade e se aprofunda em temas como mapas de calor<sup>7</sup> e porcentagem de posse de bola para cada equipe, por exemplo. Com isso, pode-se dizer que os comentaristas utilizam pouco da estatística para embasar seus comentários sobre determinada disputa.

Dentro do NS2, os dados táticos foram bastante utilizados pelos comentaristas, nas *jornadas esportivas*, para embasar suas opiniões. Por mais que tenha sido bem usado nas *jornadas* pesquisadas, o uso de dados táticos não chegou a alcançar a metade das sequências do Núcleo Bagagem Cultural. No total, foram encontradas 36 sequências discursivas em que os comentaristas tomavam como base o conhecimento de análises táticas. Dessas SDs, estão as que envolvem os esquemas táticos, os posicionamentos dos jogadores em campo, estratégias de ações de cada atleta, entre outras.

Além dos dois Núcleos de Sentido mapeados, pudemos observar outros pontos na análise das jornadas. O comentarista não é o profissional que mais faz

---

<sup>7</sup> No futebol, mapa de calor é uma ferramenta utilizada para medir o tempo de permanência dos jogadores em determinados pontos do campo.

intervenções durante o jogo. Em sua frente, estão o narrador e o repórter, que buscam explicar ao ouvinte, detalhadamente, o que está acontecendo dentro de campo. O comentarista, neste caso, aparece (e é considerado pelos demais membros da jornada) como alguém que possui um domínio de conhecimento diferenciado sobre o esporte e que tenta destrinchar qual a estratégia das equipes, o que elas devem fazer para melhorar e qual a perspectiva para os próximos minutos de jogo.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este TCC levou em consideração três passos para sua execução: a fundamentação teórica, as análises das *jornadas esportivas* e a aplicação de um questionário com os comentaristas esportivos de algumas rádios de Porto Alegre. Após sua finalização, podemos afirmar que o profissional, comentarista esportivo, utiliza de dois tipos de embasamento para tecer seus comentários, durante os jogos de futebol em que atua.

O primeiro é o embasamento por meio da bagagem cultural, ou seja, do seu conhecimento prévio da profissão e da dinâmica do futebol - todo o saber que possui da modalidade, seja de parte de regras, regulamentações ou, até mesmo, da sua rotina e da vivência na profissão. O segundo é o embasamento por meio do conhecimento técnico, que divido, neste trabalho, em dois tipos de conhecimento: dados táticos, ou seja, o conhecimento e a análise que o comentarista faz dos métodos utilizados pelos jogadores dentro de campo – que envolvem o sistema de jogo, a posição dos jogadores nas quatro linhas, entre outros – e o conhecimento de dados estatísticos.

Após a análise de quatro *jornadas esportivas*, essa divisão ficou muito explícita, pois ambos os tipos aparecem de forma constante no discurso dos profissionais. Observamos, ainda, que o tipo mais usado pelos comentaristas durante os jogos é o embasamento por meio da bagagem cultural: que representa 69% de todas as sequências discursivas coletas nas *jornadas*. O questionário respondido pelos comentaristas também confirma esta tese, tendo em vista que dos oito questionados, todos revelaram que fazem uso da bagagem cultural para embasar seus comentários durante a jornada. Se tomarmos como base a média de idade dos oito comentaristas analisados, que é de 50 anos, a questão do uso prioritário da bagagem cultural fica mais evidente. Quanto mais idade tem o comentarista, mais conhecimento da profissão ele possui e, por consequência, mais ele usa isso no seu comentário.

Das quatro *jornadas* analisadas, a que mais obteve sequências discursivas detectadas foi a da Rádio Grenal, com 34 sequências envolvendo a bagagem cultural – a segunda colocada obteve 27. O comentarista da Rádio Grenal, na *jornada* analisada, foi Darci Filho, que tem 69 anos – 40 só como repórter de rádio –,

ou seja, ele possui uma grande experiência na profissão, o que faz com que possua uma grande bagagem cultural.

Outro fator a se considerar é que, no total, 31% das sequências discursivas coletas nas *jornadas* tratam do conhecimento técnico. Esse tipo de embasamento aparece, de forma menos frequente, em todas as coberturas analisadas. A *jornada* que mais contou com os dados técnicos foi a da *Rádio Guaíba*, que contou com 16 comentários deste tipo. Além disso, nos dados estatísticos, a cobertura da *Guaíba* também apresentou números maiores que as demais: foram quatro comentários do tipo. Na *jornada* analisada, o comentarista da partida foi o estudante de jornalismo Cristiano Oliveira, de 28 anos. Com essas informações, posso inferir que, por não ter uma grande experiência profissional, em função de ser uma pessoa jovem e, conseqüentemente, não ter tanto tempo de trabalho quanto os outros, o comentarista faz muito uso dos dados técnicos como uma forma de compensação da falta de vivência – em relação aos outros profissionais. Por isso, pode-se dizer, tendo como base os dados coletados, que os profissionais com mais idade tendem a fazer mais uso da bagagem cultural e em excesso, o único profissional mais jovem nos faz perceber que os dados técnicos podem ser utilizados como uma compensação para embasar a opinião daqueles profissionais que não possuem uma bagagem cultural tão extensa.

Outro dado importante, observado a partir dos dados coletados nos questionários, foi a possibilidade de traçar a *função enunciativa* do comentarista esportivo do rádio no Rio Grande do Sul. Tendo como base a média feita por meio das respostas do questionário, pode-se dizer que o perfil do comentarista do radiojornalismo gaúcho, atualmente, é: jornalista formado, com idade média de 50 anos, um profissional que circula por várias empresas, tem uma média de permanência, por empresa, de seis anos de trabalho, demonstrando conhecimento da atividade e experiência na área, que busca se manter informado em relação ao futebol, tem uma relação amigável com colegas de profissão e profissionais do esporte, na maioria dos casos não é um ex-esportista e afirmam ter total liberdade para expor sua opinião por meio dos comentários.

É importante considerar, também, a relação com o discurso de Cardoso (2016), que destacou a importância de se divulgar o esporte para que os meios de comunicação ajam como um agente motivador das boas práticas, tanto para socialização, quanto para a qualidade de vida. Deste depoimento, podemos ter uma

noção da responsabilidade que cada comentarista tem ao tecer seu comentário num meio de comunicação de grande abrangência, como o rádio. Jung (2004) destacou, inclusive, citado no referencial teórico, dados que comprovavam o grande engajamento da população com a mídia. Segundo o autor, o veículo alcança 96% do território nacional, a maior cobertura entre todos os meios de comunicação, com público aproximado de noventa milhões de ouvintes. Estes dados contribuem para dar uma dimensão da propagação de um comentário proferido por um profissional do rádio. Qualquer tipo de discurso fora de contexto ou de incitação à violência ou preconceito, por exemplo, chegará aos ouvidos de uma porção de expectadores e poderá influenciar negativamente o seu pensamento.

Cardoso (2016) enfatizou, ainda, em certo ponto da pesquisa, que a área esportiva é aquela que o jornalista precisa estar bem preparado e saber de assuntos como nutrição, educação física, fisiologia e psicologia para conseguir abordar com mais profundidade os temas ligados ao esporte. Pudemos observar, nas sequências discursivas, que muitos comentaristas, realmente, tinham essa preparação extra, pois saíam de uma zona de conforto do depoimento comum e, ao invés de seguir uma rotina de comentar apenas o lance de jogo, se estendiam para questões que envolviam as áreas de educação física e fisiologia, por exemplo. Proferido com propriedade e seriedade, esse tipo de comentário agrega muito ao discurso do profissional, pois sai de uma linha comum e difunde uma informação que boa parte dos ouvintes não tem acesso ou, até mesmo, não tem conhecimento.

É interessante destacar, também, a relação de aspectos teóricos apontados por Marques de Melo (1994) com os dados oriundos dos questionários. Na análise individual de cada profissional, foi constatado que a média de idade dos comentaristas era de 50 anos. Essa informação corrobora com o que foi dito por Melo (1994), quando salientou que o comentarista é, geralmente, um jornalista com vasta experiência. Grande parte dos questionados possui, sim, uma experiência considerável no jornalismo esportivo. Além disso, o próprio Melo (1994) aponta que ser comentarista exige uma especialização. Uma informação que também faz todo o sentido, tendo em vista que dos oito questionados na análise deste trabalho, cinco são formados com curso superior, ou seja, ter o curso superior é, sim, relevante para quem busca ser um comentarista, pelo menos no cenário do jornalismo esportivo do estado do Rio Grande do Sul.

Ainda dissertando sobre a atuação do comentarista esportivo, Barbeiro e Rangel (2006) enfatizaram, no início deste trabalho, que, mais do que qualquer outro membro da equipe de jornalismo esportivo, o comentarista necessita ter conhecimento profundo das regras sobre a modalidade que irá atuar. Vimos a importância deste conhecimento durante a análise das *jornadas esportivas*. Nelas, pude observar que os profissionais que possuem essa sabedoria têm mais ferramentas para argumentar e mais bagagem cultural para tecerem um comentário satisfatório e com nexos, que fará o ouvinte entender o que está se querendo enunciar. Além disso, trazendo à tona a questão da *função enunciativa*, os comentaristas estão em uma posição em que o seu discurso é legitimado, tanto pela instituição em que trabalham, quanto pelo público ouvinte, ou seja, todos esperam que os comentaristas possuam esse tipo de conhecimento.

O comentário de opinião é outro ponto importante a ser considerado. Melo (1994), citando Bond, defende que as empresas de rádio procuram influenciar os ouvintes por meio de seus comentaristas, de suas entrevistas e de muitos locutores que advogam vários pontos de vista. O autor também enfatiza que o jornalismo de opinião serve como base para que leitores, ouvintes e telespectadores produzam sua própria opinião sobre determinado tema. Nos questionários realizados, os comentaristas não falam, em nenhum momento, sobre o desejo de influenciar o ouvinte. A ideia, explanada pelos profissionais questionados, está voltada muito mais na linha de municiar o público com o maior número possível de informações para que ele próprio tire suas conclusões.

Importante considerar também que a formação acadêmica legitima o discurso de um comentarista esportivo. As teorias de Traquina (2005) e Rodrigo Alsina (2009), que, neste trabalho, expandem a definição de jornalismo, utilizando a visão construcionista, confirmam essa tese. Traquina (2005), por exemplo, diz que o desenvolvimento de um campo jornalístico autônomo tem, como fator crucial, a profissionalização das pessoas envolvidas na atividade jornalística. Dos profissionais questionados neste trabalho, a maioria possui curso superior, ou seja, grande parte dos comentaristas das rádios analisadas também possui essa visão: a formação acadêmica é peça fundamental e auxilia na construção de um discurso mais rico e bem embasado.

Rodrigo Alsina (2009) também foi acionado para destacar que o discurso da mídia não é apenas informativo, não pretende só transmitir o saber, mas também

fazer sentir. O autor enfatiza que os jornais sensacionalistas buscam mais a emoção do que a informação, propondo uma espécie de contrato pragmático lúdico. Trazendo o exemplo dado pelo autor para o radiojornalismo, podemos observar que, muitas vezes, por meio da análise das *jornadas*, os profissionais não trazem informação alguma ao ouvinte em seus comentários. Pode-se notar que, nas *jornadas* transcritas, dezenas de falas dos comentaristas não foram classificadas em nenhum dos núcleos de sentidos definidos. Alguns comentários, inclusive, citam até piadas, brincadeiras e frases sem nenhum nexos aparente. Esse tipo de discurso não é proibido, nem traz grandes prejuízos para a cobertura, mas, na teoria, não leva nenhuma informação ao ouvinte, ou seja, não agregam nada ao seu saber sobre o esporte em questão.

Para tratar do discurso, acionei, ao longo da pesquisa, Orlandi (2005). Em certo ponto do trabalho, ela destaca o discurso como uma mediação que torna possível, tanto a permanência e a continuidade, quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele se encontra. O termo “mediação”, usado pela autora, é o que melhor se encaixa na relação entre o comentarista esportivo e o público ouvinte. O profissional do comentário seria esse agente mediador que conecta o público ao acontecimento, no caso, uma partida de futebol. Ao tentar explicar, detalhadamente, todo o cenário envolvido de determinado jogo, o comentarista assume a posição de mediador legitimado, que tem a tarefa de passar a informação, construindo uma imagem do que o ouvinte, muitas vezes, não tem acesso, pois trata-se de um meio de comunicação sem tela, sem imagem: o rádio. Benetti (2010), também acionada na fundamentação teórica, confirma esse pensamento de parceria (acontecimento – comentarista – ouvinte) ao destacar que tem de se levar em conta que o discurso é fruto do trabalho de interação entre sujeitos.

A reflexão teórica sobre a função testemunhal também contribuiu para a presente pesquisa, tendo em vista que o comentarista é uma testemunha que busca esclarecer os fatos que envolvem determinado assunto, no caso o esporte. Gomes (2000) defendeu que o jornalismo é um fato de língua. Dessa forma, no caso do comentarista, seu papel será o de organizar discursivamente a sua opinião para que a mesma seja entendida pelos ouvintes. Uma boa organização discursiva permite que o comentário saia de maneira mais clara e de fácil entendimento por parte do público. Para reforçar a teoria de Gomes (2000), utilizo a resposta de um dos

profissionais questionados neste trabalho. Maurício Saraiva (2018), ao ser questionado sobre o que é necessário para tecer um comentário adequado e satisfatório, responde: “Fazer a mistura certa entre o improviso, a capacidade de expressão do que vê em campo e apoiar as análises mais importantes com números elucidativos, caso haja”.

Além disso, a noção de *função enunciativa*, na visão de Foucault (1995), ajudou na compreensão de que os comentaristas estão inseridos em um lugar institucional que lhes dá credibilidade para comentar sobre o que acharem relevante, ou seja, os profissionais possuem uma posição privilegiada – lugar de destaque e confiança – dentro de suas empresas que legitima os seus discursos, sejam eles comentaristas com curso superior, em jornalismo ou de outra área do conhecimento, ou ainda com formação exclusivamente prática na profissão.

Outro ponto, elucidado pela *função enunciativa*, foi a identificação de várias semelhanças nas questões que perpassam os sujeitos que exercem a atividade de comentarista esportivo, como, por exemplo, o fato da maioria dos que ocupam esse cargo terem formação em nível superior, conhecerem o funcionamento da instituição Rádio, e o fato de todos tecerem comentários sobre jogos, lances e atletas, incluindo assuntos sobre tática e estratégias de jogo. Na sua prática cotidiana, os profissionais adotam uma linguagem crítica e opinativa.

Segundo Foucault (1995), a posição do sujeito enunciante é um lugar “determinado e vazio” que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes, mas que possuem um lugar de fala que agrega discursos semelhantes. Outra característica importante da *função enunciativa* é que, para que ela seja considerada e analisada, é necessário que tenha existência material, isto é, que tenha sido proferida e que seja localizável em algum suporte. As *jornadas esportivas*, por exemplo, como já foi dito anteriormente, são espaços em que o discurso do comentarista esportivo adquire materialidade, e seu campo associado pode ser percebido na análise de sua historicidade, que o relaciona a um antes e a um depois.

Por fim, acredito que a pesquisa realizada cumpre um papel importante dentro da área do jornalismo esportivo: saber no que o comentarista se baseia para tecer seu comentário. Tendo em vista que esse profissional atua em instituições que possuem uma audiência variada, que lidam com públicos diversos, é necessário ter o conhecimento de como esse discurso é construído. É inegável a responsabilidade

desse profissional, e a fala é a sua principal ferramenta de trabalho, necessitando, assim, ser desconstruída para uma melhor compreensão desta prática discursiva.

Ao detalharmos as duas formas de embasamento identificadas na pesquisa, reforço que a bagagem cultural foi a mais usada pelos profissionais comentaristas. Seja por ser uma forma de embasamento mais fácil de ser acessada e transportada – por estar na memória do comentarista –, seja por ser uma fonte de informação auto-referencial, a bagagem cultural é o principal meio de embasamento do comentarista esportivo do radiojornalismo gaúcho. Já as análises estatísticas são as menos usadas pelos profissionais. Com isso, podemos afirmar que ainda possui pouca análise estatística na crônica esportiva do Rio Grande do Sul. Uma informação que não é qualificada, pois se essa forma de embasamento fosse mais utilizada enriqueceria a fala dos comentaristas e traria mais conteúdo para os ouvintes. Entendo que, ao apertar o botão e sintonizar uma *jornada esportiva* em uma rádio, o público busca: conteúdo de qualidade. Minha contribuição, por meio desta pesquisa, caminha neste sentido reflexivo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alda de. O gênero Debate e o mito da superficialidade no rádio: a experiência do programa Além da Notícia. In: **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 46-57, 2004. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6ALMEIDA.pdf>, consultada em junho de 2017.

AMARO, Fausto; HELAL, Ronaldo. Das ondas do rádio à tela da TV: notas sobre a evolução da narração esportiva. In: **Anais CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2012. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2012. Disponível em [http://www.academia.edu/4879065/Das\\_ondas\\_do\\_r%C3%A1dio\\_%C3%A0\\_tela\\_da\\_TV\\_notas\\_sobre\\_a\\_evolu%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_narra%C3%A7%C3%A3o\\_esportiva](http://www.academia.edu/4879065/Das_ondas_do_r%C3%A1dio_%C3%A0_tela_da_TV_notas_sobre_a_evolu%C3%A7%C3%A3o_da_narra%C3%A7%C3%A3o_esportiva), consultada em junho de 2017.

BARBEIRO, H; RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Cláudia Lago e Marcia Benetti (ORG). Petrópolis: Vozes, 2010. p. 107-122.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Conceitos e Fundamentos: enunciação e construção do sentido. In: **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARDOSO, Marcelo. Jornalismo especializado em esportes: uma discussão para ampliar conceitos e autores. In: **Anais CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 39., 2016. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4035892.pdf>, consultado em junho de 2017.

CARVALHO, Vicente Andrade de. Regras do radiojornalismo esportivo: os comentários de arbitragem nas rádios Gaúcha e Bandeirantes. **Repositório Digital UFRGS TCC/UFRGS– Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo**. 2014. Disponível em [https://sabi.ufrgs.br/F/M7MI6G92K16TQMP2XHLCCVVIEQJMLG99EXGG7LXDHSBQKYK76K-00476?func=find-b&request=Regras+do+radiojornalismo+esportivo&find\\_code=WRD&adjacent=N&filter\\_code\\_2=WLN&filter\\_request\\_2=&filter\\_code\\_3=WYR&filter\\_request\\_3=&filter\\_code\\_4=WYR&filter\\_request\\_4=&x=0&y=0](https://sabi.ufrgs.br/F/M7MI6G92K16TQMP2XHLCCVVIEQJMLG99EXGG7LXDHSBQKYK76K-00476?func=find-b&request=Regras+do+radiojornalismo+esportivo&find_code=WRD&adjacent=N&filter_code_2=WLN&filter_request_2=&filter_code_3=WYR&filter_request_3=&filter_code_4=WYR&filter_request_4=&x=0&y=0). Consultado em junho de 2017.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2011.



DI LORENZO, Alessandro. **Ex-atletas como comentaristas durante cobertura da TV Globo da Olimpíada Rio 2016**. Repositório Digital UFRGS. TCC – Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo. 2016. Disponível em [https://sabi.ufrgs.br/F/XMD8GS9CHJT966VQ4CFG3VTHMXFPQGGVMYIPVLYPJJASFXX4R4-15310?func=full-set-set&set\\_number=025863&set\\_entry=000001&format=999](https://sabi.ufrgs.br/F/XMD8GS9CHJT966VQ4CFG3VTHMXFPQGGVMYIPVLYPJJASFXX4R4-15310?func=full-set-set&set_number=025863&set_entry=000001&format=999), consultado em maio de 2017.

ENDLER, Sérgio Francisco. Verbete Lauro Quadros/Ruy Carlos Ostermann. In: **Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro**. (Org) Maria Cláudia Santos e Nair Prata. Florianópolis: Insular, 2012.

ENDLER, Sergio Francisco. **Rádio Continental AM: Histórias e Narrativas**, em Porto Alegre, de 1971 a 1981. Tese (Doutorado em Comunicação) – Centro de Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004. PDF.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014

FLORES, Teresa Mendes. **Agir com Palavras: A Teoria dos Actos de Linguagem de John Austin**, s/d. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/flores-teresa-agir-com-palavras.pdf>>. Acesso em: 29 abril 2018.

FOUCAULT, Michel. A Função Enunciativa. In: **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FRANZONI, Sabrina. **A Função Enunciativa do Ombudsman da Folha de S. Paulo 2013**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. PDF

FRANZONI, Sabrina; LISBOA, Sílvia. Aproximações teóricas entre Jornalismo e Discurso: as noções de função enunciativa e efeito de verdade. **Anais SBPJor, ECA/USP** – São Paulo, 2017 Disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2017/schedConf/presentations>. Consultado em Janeiro 2018.

GIL, Antônio Carlos. Questionário. In: **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e Ciência da Linguagem**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

GUEDES, Bruno Otto. **Palavra Fácil: história e análise da função do comentarista de futebol**. Repositório Digital UFJF. TCC Comunicação Social. 2013. Disponível em

<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/BrunoOttoGuedes.pdf> , consultado em maio de 2017.

INDURSKY, Freda. Os estudos enunciativos: a diversidade de um campo. In: **Revista Organon**. Porto Alegre, v. 16, n 32 e 33, 2002.

LOPES, Rafael da Costa. A construção do personagem no jornalismo esportivo. In: **Universitas: Arquitetura e Comunicação Social**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 39-48, 2015. Disponível em <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/arqcom/article/view/3375/2830>, consultado em junho de 2017

MAZIÈRE, Francine. Um quadro herdado. In: **A Análise do discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na era da informação** - teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005

OSELAME, Mariana Corsetti. Padrão Globo de Jornalismo Esportivo. In: **Revista Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, n. 24, p. 63-71, 2010. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/9026/6249>. Consultado em junho de 2017.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SANFELICE, Gustavo Roesse. **Educação Física e televisão: a importância do conhecimento técnico/teórico em esportes para profissionais que atuam no telejornalismo esportivo do Rio Grande do Sul**. TCC Universidad de Sevilla – Publicidad e Literatura. 2016. Disponível em <https://idus.us.es/xmlui/handle/11441/39576>, consultado em maio de 2017.

TRAQUINA, Nelson. As Teorias do Jornalismo. In: **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

WATERGATE E O IMPEACHMENT DE NIXON. **Globo.com**. Disponível em: [educacao.globo.com/artigo/watergate-e-o-impeachment-de-nixon.html](http://educacao.globo.com/artigo/watergate-e-o-impeachment-de-nixon.html). Acesso em: 13 dez. 2017.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COM ADROALDO GUERRA FILHO

### Dados Pessoais:

1 – *Nome completo?*

Adroaldo Guerra Filho

2 – *Cargo que ocupa na emissora atualmente?*

Comentarista e colunista

3 – *Idade?*

62 anos

4 – *Formação acadêmica (qual e quando concluiu)?*

Superior completo – 1978

### Experiência Profissional:

5 – *Quais áreas você já atuou no Jornalismo ou na Comunicação Social? (Ex: Jornalismo esportivo, cultural, político, publicidade, assessoria de imprensa....)*

Sempre na área esportiva

6 – *Quais funções e cargos já ocupou no jornalismo?*

Repórter e Editor

7 – *Qual sua experiência profissional no jornalismo esportivo??*

Reportagens especiais

8 – *Quais os cargos e funções que já ocupou durante sua vida profissional no jornalismo esportivo?*

Repórter e Editor

9 – Já atuou em alguma área fora do Jornalismo? Caso afirmativo especificar.

Não

10 – Quais empresas de comunicação já trabalhou e quanto tempo atuou em cada uma?

Companhia Jornalística Caldas Junior e RBS

### **Atividade Profissional no Jornalismo Esportivo**

11 – Para tecer seus comentários, no jornalismo esportivo, em que você se baseia? (pode assinalar mais de uma alternativa)

( x ) Dados técnicos (estatísticas)

( x ) Conhecimento da sua experiência na profissão

( ) Informações de sua formação acadêmica

( ) Outros. Cite qual(is) \_\_\_\_\_

12 – O que você considera que é necessário para tecer um comentário adequado e satisfatório sobre um acontecimento ou evento esportivo?

Conhecimento do assunto

13 – Como você se mantém atualizado para tecer seus comentários?

Estou sempre ligado. Leio e ouço tudo

14 – Como é seu relacionamento com os colegas de profissão?

Considero muito bom

15 – Como é seu relacionamento com os profissionais do esporte?

Também considero muito bom

16 – Você já jogou algum esporte profissionalmente? Qual?

Não

17 – Como você definiria seu trabalho. Quais atividades você desenvolve?

Acho que é bem razoável.

*18 – Você considera o comentarista esportivo um jornalista? Justifique sua resposta.*

Claro que sim.

*19 – Você tem liberdade para emitir sua opinião?*

Completa liberdade

---

( x ) Autorizo o uso destas informações para fins de pesquisa do aluno William Szulczewski, estudante de Jornalismo da Unisinos – campus Porto Alegre

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM ALEX BAGÉ

### Dados Pessoais:

1 – *Nome completo?*

Alex Sandro dos Santos Gonçalves

2 – *Cargo que ocupa na emissora atualmente?*

Apresentador e comentarista

3 – *Idade?*

41 anos

4 – *Formação acadêmica (qual e quando concluiu)?*

IPA, Jornalismo concluído em 2011

### Experiência Profissional

5 – *Quais áreas você já atuou no Jornalismo ou na Comunicação Social? (Ex: Jornalismo esportivo, cultural, político, publicidade, assessoria de imprensa....)*

Minha base é o jornalismo esportivo. Mas, já atuei em coberturas policiais e até políticas. Tenho nos últimos 5 anos atuado também na publicidade. Em 2007, fiz toda a cobertura do acidente com avião da TAM.

6 – *Quais funções e cargos já ocupou no jornalismo?*

Já fui produtor, repórter de torcida, repórter de campo, analista de arbitragem (tenho formação de árbitro na Federação Gaúcha de Futebol), comentarista tático, âncora de programas, coordenador de esportes.

7 – *Qual sua experiência profissional no jornalismo esportivo?*

Iniciei minha carreira em 2005 na Rádio Guaíba. Em 2013 me transferei para a Rádio GreNal, lá fiquei até final de 2017. Desde setembro de 2017, estou na Band.

8 – *Quais os cargos e funções que já ocupou durante sua vida profissional no jornalismo esportivo?*

Os mesmos citados no item 6.

9 – *Já atuou em alguma área fora do Jornalismo? Caso afirmativo especificar.*

Iniciei no jornalismo aos 28 anos. Antes disso, trabalhei com contabilidade.

10 – *Quais empresas de comunicação já trabalhou e quanto tempo atuou em cada uma?*

Rede Record de 2005 até 2013. Rede Pampa de 2013 até 2017. Rede Bandeirantes desde setembro de 2017.

### **Atividade Profissional no Jornalismo Esportivo**

11 – *Para tecer seus comentários, no jornalismo esportivo, em que você se baseia? (pode assinalar mais de uma alternativa)*

( x ) *Dados técnicos (estatísticas)*

( x ) *Conhecimento da sua experiência na profissão*

(...) *Informações de sua formação acadêmica*

( x ) *Outros. Cite qual(is):* Busco atualização de todas as informações possíveis sobre cada jogo.

12 – *O que você considera que é necessário para tecer um comentário adequado e satisfatório sobre um acontecimento ou evento esportivo?*

Procuro estar sempre municiado da maior quantidade possível de informações do evento que estou transmitindo. A maneira de comunicar é fundamental. A linguagem utilizada não deve ser em tom professoral e sim, explicativo.

13 – *Como você se mantém atualizado para tecer seus comentários?*

Assisto muitos jogos e consumo informação de futebol o tempo todo. Internet ajuda muito.

14 – *Como é seu relacionamento com os colegas de profissão?*

Procuro ter bom relacionamento com todos, essa é minha característica. Atualmente sou Presidente da Aceg (Associação dos Cronistas Esportivos Gaúchos)

*15 – Como é seu relacionamento com os profissionais do esporte?*

Tenho bom relacionamento com todas as pessoas que conheço.

*16 – Você já jogou algum esporte profissionalmente? Qual?*

Como profissional nenhum. Mas sempre pratiquei futebol, vôlei e tênis.

*17 – Como você definiria seu trabalho. Quais atividades você desenvolve?*

Hoje divido minha vida profissional entre Rádio Bandeirantes, Presidência da Aceg, Canais de youtube e publicidade. Busco ser um comunicador completo. Que possa atuar em mais áreas, sem rótulos ou limitações.

*18 – Você considera o comentarista esportivo um jornalista? Justifique sua resposta.*

O comentário esportivo faz parte de todo o contexto do próprio jornalismo esportivo. Antigamente isso era separado. Todo comunicador precisa ter responsabilidade sobre seus atos. Torço para que todos os comunicadores entendam que precisam sempre buscar especialização.

*19 – Você tem liberdade para emitir sua opinião?*

Sempre tive e sempre lutei por isso. Mas, sabemos que nem sempre isso acontece na prática. Eu, nunca tive problemas.

---

( x ) Autorizo o uso destas informações para fins de pesquisa do aluno William Szulczewski, estudante de Jornalismo da Unisinos – campus Porto Alegre



## APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO COM CRISTIANO OLIVEIRA

### Dados Pessoais:

1 – *Nome completo?*

Cristiano Moré de Oliveira

2 – *Cargo que ocupa na emissora atualmente?*

Comentarista e apresentador

3 – *Idade?*

28 anos

4 – *Formação acadêmica (qual e quando concluiu)?*

Superior (cursando)

### Experiência Profissional

5 – *Quais áreas você já atuou no Jornalismo ou na Comunicação Social? (Ex: Jornalismo esportivo, cultural, político, publicidade, assessoria de imprensa....)*

Comecei em 2011 como estagiário na assessoria de imprensa da Secretaria da Segurança Pública do RS. Ainda em 2011, iniciei, também como estagiário, no projeto embrionário do que hoje é a Rádio Grenal, à época chamada de Rádio O Sul. SUBLI de estagiário para contratado, sendo debatedor, depois plantão esportivo, apresentador, comentarista até chegar ao cargo de coordenador da Rádio Grenal. Saí em 2016, aceitando proposta para integrar a equipe da Rádio Guaíba.

6 – *Quais funções e cargos já ocupou no jornalismo?*

Estagiário, debatedor, apresentador, plantão esportivo, comentarista e coordenador.

7 – *Qual sua experiência profissional no jornalismo esportivo?*

Iniciei em 2011 na Rádio O Sul, que posteriormente virou Rádio Grenal. Depois, aceitei proposta da Rádio Guaíba em 2016.

8 – *Quais os cargos e funções que já ocupou durante sua vida profissional no jornalismo esportivo?*

Estagiário, debatedor, apresentador, plantão esportivo, comentarista e coordenador.

9 – *Já atuou em alguma área fora do Jornalismo? Caso afirmativo especificar.*

Não.

10 – *Quais empresas de comunicação já trabalhou e quanto tempo atuou em cada uma?*

Secretaria da Segurança Pública - fevereiro/2011 a outubro/2011

Rádio O Sul - outubro/2011 a março/2012

Rádio Grenal - março/2012 até janeiro/2016

Rádio Guaíba - fevereiro/2016 até hoje

### **Atividade Profissional no Jornalismo Esportivo**

11 – *Para tecer seus comentários, no jornalismo esportivo, em que você se baseia? (pode assinalar mais de uma alternativa)*

( X ) *Dados técnicos (estatísticas)*

( X ) *Conhecimento da sua experiência na profissão*

( X ) *Informações de sua formação acadêmica*

( ) *Outros. Cite qual(is): \_\_\_\_\_*

12 – *O que você considera que é necessário para tecer um comentário adequado e satisfatório sobre um acontecimento ou evento esportivo?*

Contextualizar o fato, destacar o motivo de sua relevância, situar esta situação dentro do ambiente em que ocorre, explicar e entender a razão de estar acontecendo e, por fim, opinar.

13 – *Como você se mantém atualizado para tecer seus comentários?*

Sites, Twitter e conversas com jornalistas de outras praças.

*14 – Como é seu relacionamento com os colegas de profissão?*

Bom.

*15 – Como é seu relacionamento com os profissionais do esporte?*

Bom.

*16 – Você já jogou algum esporte profissionalmente? Qual?*

Não. Apenas categoria de base (Ulbra, futsal).

*17 – Como você definiria seu trabalho. Quais atividades você desenvolve?*

Como apresentador, é preciso integrar-se com o processo de produção, pensar o programa em forma de roteiro mas, ao mesmo tempo, ficar sempre aberto à mudanças por conta dos acontecimentos que não são previstos. No comentário, pesquisa sobre os times do jogo em que sou escalado, observação das últimas escalações, leitura sobre as avaliações da imprensa sobre os times e contextualização das informações que podem ser úteis na jornada.

*18 – Você considera o comentarista esportivo um jornalista? Justifique sua resposta.*

Indiscutível. O comentário esportivo é parte da comunicação. O comentarista não está ali apenas para opinar, mas também para observar, analisar, ler e repassar para seu público todos estes panoramas. É fundamental que tenha vivência na comunicação e, sobretudo, no jornalismo.

*19 – Você tem liberdade para emitir sua opinião?*

Total.

---

( X ) Autorizo o uso destas informações para fins de pesquisa do aluno William Szulczewski, estudante de Jornalismo da Unisinos – campus Porto Alegre

## APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO COM DARCI FILHO

### Dados Pessoais:

1 – *Nome completo?*

Darci Rodrigues Mello Filho

2 – *Cargo que ocupa na emissora atualmente?*

Comentarista de futebol

3 – *Idade?*

69 anos

4 – *Formação acadêmica (qual e quando concluiu)?*

Fiz o primeiro semestre de jornalismo e desisti.

### Experiência Profissional

5 – *Quais áreas você já atuou no Jornalismo ou na Comunicação Social? (Ex: Jornalismo esportivo, cultural, político, publicidade, assessoria de imprensa....)*

Atuei em várias frentes. Fiz jornalismo político, assessoria de empresa, assessoria no serviço público, reportagem esportiva, chefe de reportagem, gerente de rádio e possuo um blog - [www.futeblosemoff.com.br](http://www.futeblosemoff.com.br) - deste agosto de 2008.

6 – *Quais funções e cargos já ocupou no jornalismo?*

Pois é: repórter, comentarista de futebol, apresentador de programas esportivo, política e geral.

7 – *Qual sua experiência profissional no jornalismo esportivo?*

Como repórter atuei durante 40 anos. Fiz coberturas de Mundiais de Clubes 183 e 2006; Copas do Mundo 1978/1982/2002/ e 2006 e jogos eliminatórios; campeonatos

regionais e brasileiros; Copas Libertadores e do Brasil; amistosos nacionais e internacional da Seleção Brasileira e da dupla Grenal.

*8 – Quais os cargos e funções que já ocupou durante sua vida profissional no jornalismo esportivo?*

Comecei em 01/01/1970 na rádio Santa Mariense de Santa Maria; rádio e tv Nacional de Brasília, Sportv, rádio Gaúcha e tv, rádio Guaíba e tv, Band, rádio Pampa e tv, tv Educativa e rádio Grenal. Em todas como repórter. Na radio Grenal iniciei a atividade de comentarista.

*9 – Já atuou em alguma área fora do Jornalismo? Caso afirmativo especificar.*

Sim fui assessor de imprensa na Câmara Federal, na Câmara de Vereadores de Porto Alegre no Grupo Hospitalar Conceição, na Secretaria Estadual da Saúde e na CRT.

*10 – Quais empresas de comunicação já trabalhou e quanto tempo atuou em cada uma?*

Rádio Santa Mariense dois anos; rádio tv Nacional BSB dois anos; rádio Gaúcha dez anos; rádio TV Guaíba um ano; Rede Pampa doze anos; Sportv três anos; tv Educativa três anos; o restante do tempo dividido entre os outros empregos.

### **Atividade Profissional no Jornalismo Esportivo**

*11 – Para tecer seus comentários, no jornalismo esportivo, em que você se baseia? (pode assinalar mais de uma alternativa)*

( ) *Dados técnicos (estatísticas)*

( x ) *Conhecimento da sua experiência na profissão*

(...) *Informações de sua formação acadêmica*

( x ) *Outros. Cite qual(is):* procuro estar permanentemente atualizado. Os meus comentários são baseados em informações da reportagem.

12 – *O que você considera que é necessário para tecer um comentário adequado e satisfatório sobre um acontecimento ou evento esportivo?*

Conhecimento e interesse pelo que faz.

13 – *Como você se mantém atualizado para tecer seus comentários?*

Fundamentalmente o rádio depois a internet e perguntando muito.

14 – *Como é seu relacionamento com os colegas de profissão?*

Procuro ser leal e franco não sei se isto é bom.

15 – *Como é seu relacionamento com os profissionais do esporte?*

É um relacionamento profissional, sem intimidades. A profissão não permite nada diferente.

16 – *Você já jogou algum esporte profissionalmente? Qual?*

Não. Sou jornalista esportivo por adorar a profissão.

17 – *Como você definiria seu trabalho. Quais atividades você desenvolve?*

Considero meu trabalho muito bom. A modéstia não é o meu forte. Sou muito exigente comigo.

18 – *Você considera o comentarista esportivo um jornalista? Justifique sua resposta.*

Sim considero.

19 – *Você tem liberdade para emitir sua opinião?*

Tenho. Fui censurado, somente na rádio Band de Porto Alegre. Era o período de implantação da Copa 2014.

---

( x ) Autorizo o uso destas informações para fins de pesquisa do aluno William Szulczewski, estudante de Jornalismo da Unisinos – campus Porto Alegre

## APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO COM KALWYN CORRÊA

### Dados Pessoais:

1 – *Nome completo?*

Kalwyn Vieira Corrêa

2 – *Cargo que ocupa na emissora atualmente?*

Comentarista e apresentador da Rádio Grenal

3 – *Idade?*

24

4 – *Formação acadêmica (qual e quando concluiu)?*

Jornalismo; 2014/2 na PUCRS

### Experiência Profissional

5 – *Quais áreas você já atuou no Jornalismo ou na Comunicação Social? (Ex: Jornalismo esportivo, cultural, político, publicidade, assessoria de imprensa....)*

Jornalismo esportivo

6 – *Quais funções e cargos já ocupou no jornalismo?*

Apenas funções no jornalismo esportivo

7 – *Qual sua experiência profissional no jornalismo esportivo?*

Produtor por 2 anos, plantonista por 3 anos, apresentador há 3 anos e comentarista há 1 ano e meio. Participei da cobertura dos jogos da Dupla Grenal e de seus principais títulos recentes, como, por exemplo, plantonista na Copa do Brasil 2016 e comentarista em alguns jogos do Grêmio na Libertadores 2017.

8 – *Quais os cargos e funções que já ocupou durante sua vida profissional no jornalismo esportivo?*

Produtor, debatedor, plantonista, apresentador e comentarista.

9 – *Já atuou em alguma área fora do Jornalismo? Caso afirmativo, especificar.*

Não

10 – *Quais empresas de comunicação já trabalhou e quanto tempo atuou em cada uma?*

Rádio Grenal (Rede Pampa de Comunicação) - março de 2012 até o presente momento

### **Atividade Profissional no Jornalismo Esportivo**

11 – *Para tecer seus comentários, no jornalismo esportivo, em que você se baseia? (pode assinalar mais de uma alternativa)*

( X ) *Dados técnicos (estatísticas)*

( X ) *Conhecimento da sua experiência na profissão*

(...) *Informações de sua formação acadêmica*

( ) *Outros. Cite qual(is) \_\_\_\_\_*

12 – *O que você considera que é necessário para tecer um comentário adequado e satisfatório sobre um acontecimento ou evento esportivo?*

Estar bem informado a respeito do assunto e saber se fazer entender. Com o avanço do compartilhamento de informações através da tecnologia, hoje o público tem condições de saber tanto ou até mais do que o comunicador. A diferença está na forma de passar a informação. Cabe ao comentarista transformar esse conhecimento em algo de fácil compreensão para a maioria.

13 – *Como você se mantém atualizado para tecer seus comentários?*

Acompanhando todos os jogos da Dupla Grenal, pois é o principal assunto na mídia que trabalho, mas também observando o máximo de jogos possíveis tanto do futebol



brasileiro quanto do futebol internacional, além de ler notícias do dia a dia das equipes.

*14 – Como é seu relacionamento com os colegas de profissão?*

Tranquilo. Tenho pouco contato com colegas de outras emissoras, mas respeito todos.

*15 – Como é seu relacionamento com os profissionais do esporte?*

Bastante profissional. Nenhuma amizade, nenhuma inimizade

*16 – Você já jogou algum esporte profissionalmente? Qual?*

Não, parei no sub-11 do time de futebol do São José

*17 – Como você definiria seu trabalho. Quais atividades você desenvolve?*

Apresento programas, ajudo na elaboração de pautas e comento jogos

*18 – Você considera o comentarista esportivo um jornalista? Justifique sua resposta.*

Não necessariamente. Na função específica de comentarista esportivo, precisa saber mais do esporte do que de jornalismo. Diferente de outras funções, como o repórter, por exemplo.

*19 – Você tem liberdade para emitir sua opinião?*

Liberdade total.

---

( X ) Autorizo o uso destas informações para fins de pesquisa do aluno William Szulczewski, estudante de Jornalismo da Unisinos – campus Porto Alegre

## APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO COM LUIZ CARLOS RECHE

### Dados Pessoais:

1 – *Nome completo?*

Luiz Carlos Reche

2 – *Cargo que ocupa na emissora atualmente?*

Apresentador e Comentarista na Rádio GreNal e TV Ulbra

3 – *Idade?*

54

4 – *Formação acadêmica (qual e quando concluiu)?*

PUC em 86 Jornalismo

### Experiência Profissional

5 – *Quais áreas você já atuou no Jornalismo ou na Comunicação Social? (Ex: Jornalismo esportivo, cultural, político, publicidade, assessoria de imprensa....)*

Já fiz de tudo um pouco. Trabalhei 29 anos na Rádio Guaíba, 10 anos no Correio do Povo, Quatro meses estou na GreNal, há 11 anos estou na Ulbra, na TV Record apresentei o Balanço Geral, inaugurando a TV no RS, Três anos na Rádio e TV Bandeirantes, 3 anos no Jornal Metro, já trabalhei como correspondente de emissoras do interior, atuei na antiga TV Guaíba... enfim.

6 – *Quais funções e cargos já ocupou no jornalismo?*

Apresentador, Comentarista, Produtor, Editor, Locutor, Repórter, Colunista, contato comercial, em quase tudo.

7 – *Qual sua experiência profissional no jornalismo esportivo?*

8 Copas do Mundo, Apresentação em quase todos os canais, cobertura de mais de 120 GreNais, reportagens inesquecíveis, 11 vezes conquistei o Prêmio Press, 6 vezes o Prêmio Ari de Jornalismo...

8 – *Quais os cargos e funções que já ocupou durante sua vida profissional no jornalismo esportivo?*

Idem resposta 4

9 – *Já atuou em alguma área fora do Jornalismo? Caso afirmativo, especificar.*  
Apresentador do Jornalismo da Guaíba, em vários espaços e Apresentador do Balanço Geral na TV Record e Manhã Bandeirantes Rádio Bandeirantes

10 – *Quais empresas de comunicação já trabalhou e quanto tempo atuou em cada uma?*

idem item 5

### **Atividade Profissional no Jornalismo Esportivo**

11 – *Para tecer seus comentários, no jornalismo esportivo, em que você se baseia? (pode assinalar mais de uma alternativa)*

( x ) *Dados técnicos (estatísticas)*

( x ) *Conhecimento da sua experiência na profissão*

( x ) *Informações de sua formação acadêmica*

( x ) *Outros. Cite qual(is): Livros, jornais, conversas com companheiros, etc.*

12 – *O que você considera que é necessário para tecer um comentário adequado e satisfatório sobre um acontecimento ou evento esportivo?*

Conhecimento, aprimoramento e preparo antes de falar ou escrever.

13 – *Como você se mantém atualizado para tecer seus comentários?*

Ouçõ e leio tudo que posso e vivo em contato com fontes.

14 – *Como é seu relacionamento com os colegas de profissão?*

Bom. Normal.

*15 – Como é seu relacionamento com os profissionais do esporte?*

Bom, em muitas rixas ao longo do tempo

*16 – Você já jogou algum esporte profissionalmente? Qual?*

Não

*17 – Como você definiria seu trabalho. Quais atividades você desenvolve?*

Já mencionei em itens anteriores, mas especialmente em Rádio autei em quase todas as funções.

*18 – Você considera o comentarista esportivo um jornalista? Justifique sua resposta.*

Eu sou, mas nada contra quem não é e convence ao se expressar. E fala bem o português.

*19 – Você tem liberdade para emitir sua opinião?*

Sim.

---

( x ) Autorizo o uso destas informações para fins de pesquisa do aluno William Szulczewski, estudante de Jornalismo da Unisinos – campus Porto Alegre

## APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO COM MAURÍCIO SARAIVA

### Dados Pessoais:

1 – *Nome completo?*

Maurício Saraiva

2 – *Cargo que ocupa na emissora atualmente?*

Comentarista

3 – *Idade?*

53

4 – *Formação acadêmica (qual e quando concluiu)?*

Jornalista formado pela PUC Porto Alegre em 1986.

### Experiência Profissional

5 – *Quais áreas você já atuou no Jornalismo ou na Comunicação Social? (Ex: Jornalismo esportivo, cultural, político, publicidade, assessoria de imprensa....)*

6 – *Quais funções e cargos já ocupou no jornalismo?*

7 – *Qual sua experiência profissional no jornalismo esportivo?*

8 – *Quais os cargos e funções que já ocupou durante sua vida profissional no jornalismo esportivo?*

9 – *Já atuou em alguma área fora do Jornalismo? Caso afirmativo, especificar.*

10 – *Quais empresas de comunicação já trabalhou e quanto tempo atuou em cada uma?*

5, 6, 7, 8, 9 e 10 – Atuei em jornalismo geral, econômico e esportivo. No jornalismo esportivo, fui repórter de campo de rádio e de televisão, comentarista de rádio e televisão, colunista de jornal, apresentador de programa esportivo em televisão. Faço desde 1986, quando comecei na função de produtor. Já fui bancário antes de começar a trabalhar no jornalismo.

Atuei como produtor na Rádio Guaíba em 1986, em 1987 fui para a rádio Bandeirantes como repórter esportivo, onde fiquei até 1990, quando voltei para ser repórter especial do jornalismo na Rádio Guaíba. Fiquei na emissora até 1994, retornando a seguir para o grupo Bandeirantes fazendo rádio e televisão. Em 1996, fui convidado pela RBS, onde atuei na Rádio CBN como apresentador, depois RBSTV e TVCOM. Hoje, faço Rádio Gaúcha, Zero Hora e RBSTV na área esportiva.

### **Atividade Profissional no Jornalismo Esportivo**

*11 – Para tecer seus comentários, no jornalismo esportivo, em que você se baseia? (pode assinalar mais de uma alternativa)*

*Dados técnicos (estatísticas)*

*Conhecimento da sua experiência na profissão*

*Informações de sua formação acadêmica*

*Outros. Cite qual(is): Livros, jornais, conversas com companheiros, etc.*

*12 – O que você considera que é necessário para tecer um comentário adequado e satisfatório sobre um acontecimento ou evento esportivo?*

Fazer a mistura certa entre o improvisado, a capacidade de expressão do que vê em campo e apoiar as análises mais importantes com números elucidativos, caso haja.

*13 – Como você se mantém atualizado para tecer seus comentários?*

Eu mantenho atualizado lendo o que me cair nas mãos de futebol e esporte e, especialmente, vendo futebol onde ele esteja acontecendo, não só no país ou nos principais centros.

*14 – Como é seu relacionamento com os colegas de profissão?*

Minha relação com meus parceiros de ofício é a melhor possível num meio tão competitivo. Tenho bons amigos, tenho bons colegas e tenho outros com os quais convivo porque preciso conviver.

*15 – Como é seu relacionamento com os profissionais do esporte?*

Em relação aos profissionais como técnicos e jogadores, procuro manter sempre uma relação cordial e distante o suficiente para não comprometer a capacidade de criticar ou elogiar com isenção.

*16 – Você já jogou algum esporte profissionalmente? Qual?*

*17 – Como você definiria seu trabalho. Quais atividades você desenvolve?*

Minha atividade eu definiria como prazerosa, acima de tudo. Desenvolvo com preocupação permanente em relação à isenção e senso de justiça, o que não impedirá o jornalista de ser injusto às vezes.

*18 – Você considera o comentarista esportivo um jornalista? Justifique sua resposta.*

Comentarista esportivo é jornalista, sim, desde que tenha feito o curso de comunicação social na área de jornalismo. Há bons comentaristas ex-jogadores não-jornalistas, como há ruins. O mercado regula.

*19 – Você tem liberdade para emitir sua opinião?*

Quanto à liberdade de opinião, nunca ouvi um "veja bem" na RBS antes de expressar meu pensamento sobre o que quer que seja.

---

( x ) Autorizo o uso destas informações para fins de pesquisa do aluno William Szulczewski, estudante de Jornalismo da Unisinos – campus Porto Alegre

## APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO COM ROBERTO MOURE

### Dados Pessoais:

1 – *Nome completo?*

Roberto Moure, o “Pato”

2 – *Cargo que ocupa na emissora atualmente?*

Comentarista e apresentador

3 – *Idade?*

69 anos

4 – *Formação acadêmica (qual e quando concluiu)?*

Curso de Jornalismo incompleto

### Experiência Profissional

5 – *Quais áreas você já atuou no Jornalismo ou na Comunicação Social? (Ex: Jornalismo esportivo, cultural, político, publicidade, assessoria de imprensa....)*

Atuei só no jornalismo esportivo

6 – *Quais funções e cargos já ocupou no jornalismo?*

Comentarista, apresentador e repórter.

7 – *Qual sua experiência profissional no jornalismo esportivo?*

Trabalhei como assessor de imprensa dos jogadores Falcão e Emerson, na Itália. A maior parte da minha carreira eu fiz na Itália. Trabalhei em várias rádios por lá como a Rádio Rai, Teleroma 56, Rádio Encontro, Rádio Dimensione Suono, Canal Itália 1, entre outros, num total de 29 anos. Trabalhei também como repórter nas rádios Gaúcha (2 anos e meio), Farroupilha (1 ano) e Bandeirantes (6 anos).



8 – *Quais os cargos e funções que já ocupou durante sua vida profissional no jornalismo esportivo?*

Comentarista, apresentador e repórter.

9 – *Já atuou em alguma área fora do Jornalismo? Caso afirmativo, especificar.*

Já fui bancário. No jornalismo, só atuei com o esportivo.

10 – *Quais empresas de comunicação já trabalhou e quanto tempo atuou em cada uma?*

Respondi na número 7.

### **Atividade Profissional no Jornalismo Esportivo**

11 – *Para tecer seus comentários, no jornalismo esportivo, em que você se baseia? (pode assinalar mais de uma alternativa)*

( x ) *Dados técnicos (estatísticas)*

( x ) *Conhecimento da sua experiência na profissão*

( ) *Informações de sua formação acadêmica*

( ) *Outros. Cite qual(is): Livros, jornais, conversas com companheiros, etc.*

12 – *O que você considera que é necessário para tecer um comentário adequado e satisfatório sobre um acontecimento ou evento esportivo?*

Tem de conhecer futebol, antes de mais nada. Conhecer as regras, ter uma noção o que pode ser um jogador técnico ou não, conhecer as habilidades de um jogador, entender o psicológico dos jogadores – sem tem ou não personalidade – isso fica muito a critério da observação. Antes do jogo procura se informar sobre jogadores e de como os times se dispõem dentro de campo.

13 – *Como você se mantém atualizado para tecer seus comentários?*

Leio muito a respeito de futebol. Leio jornal e internet.

14 – *Como é seu relacionamento com os colegas de profissão?*

Sempre foi muito bom, ótimo. Para os jovens, que tem interesse em melhorar e aprender, eu transfiro minha experiência. Minha relação sempre foi muito boa e muito legal. Nunca tive problemas com nenhum colega.

*15 – Como é seu relacionamento com os profissionais do esporte?*

Eu conheço muitos técnicos. Eu trabalhei como repórter e criei relação com vários treinadores. Tinha relação com Telê Santana, Ênio Andrade, Fábio Capello, Ancelotti, Falcão, Celso Roth, Tite, Luiz Felipe Scolari, entre outros.

*16 – Você já jogou algum esporte profissionalmente? Qual?*

Futebol, onde quase me profissionalizei.

*17 – Como você definiria seu trabalho. Quais atividades você desenvolve?*

É um trabalho que me mantém atualizado do esporte que eu mais gosto, futebol. O trabalho de comentarista é um trabalho interessante e curioso que te obriga a ficar sempre bem informado, a observar as mudanças de comportamentos de jogadores e táticos.

*18 – Você considera o comentarista esportivo um jornalista? Justifique sua resposta.*

Sim. Não vejo porque não ser. Comentaristas, repórteres fazem parte do espetáculo do jornalismo do futebol. Comentarista é um analista. É aquele que tem a responsabilidade de dar uma opinião de uma determinada notícia trazida pelo repórter.

*19 – Você tem liberdade para emitir sua opinião?*

Tenho. Na época da ditadura havia algumas restrições. Depois da ditadura, em todos os lugares que trabalhei, nunca tive proibição de nenhum patrão ou chefe de emissora.

---

( x ) Autorizo o uso destas informações para fins de pesquisa do aluno William Szulczewski, estudante de Jornalismo da Unisinos – campus Porto Alegre

## ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DA JORNADA DA RÁDIO GUAÍBA

**Jornada Esportiva São José X Grêmio, no Estádio Passo da Areia**

**Rádio Guaíba – 28/01/18**

**Comentarista: Cristiano Oliveira**

**Disponível em:**

<https://www.facebook.com/radioguaibaoficial/videos/1974322755915572/>

**Grêmio escalado com:**

Bruno Grassi; Madson, Paulo Miranda, Mendonça e Leonardo Gomes; Balbino (Anchieta), Matheus Henrique, Alisson e Jean Pyerre (Isaque); Pepê e Lima (Dionathã); Técnico: César Bueno.

**São José escalado com:**

Fábio; Marcel, Goiano, Bruno Jesus e Dudu; Alemão, Felipe Guedes e Clayton (Igor); Matheuzinho (Canhoto), Totô (João Pedro) e Kelvin; Técnico: Rafael Jaques.

- Houve pré-jornada;

- **Primeira inserção:** (entra após toda a equipe da jornada, antes do jogo, e dá projeção do jogo). “Saudações! Boa tarde, Magno (narrador). Boa tarde a todos. É o último jogo deste time de transição do Grêmio. E é um time, que, mesmo sendo um time de garotos, mesmo sendo um time de jovens, é um time que já começa a conviver com a pressão. O que é uma novidade para esses garotos. É novidade para o Mendonza, para o Balbino, para o Matheus Henrique, para o Pepê, para o Lima, para o próprio técnico César Bueno. É novidade a convivência com essa pressão que exige de um clube grande uma preparação diferenciada. É uma equipe de jovens, é uma equipe de garotos, mas é uma equipe que sofre críticas. E por que sofre? Porque no Campeonato Gaúcho, até agora, não conseguiu sequer uma vitória. Saiu na frente em todos os jogos e não conseguiu garantia no marcador até o final em nenhum deles. Tem um empate e duas derrotas. A chance de se despedir com uma vitória é hoje. E, para isso, o técnico César Bueno modifica a equipe, coloca um ataque de muita velocidade com Pepê, Alisson e Lima. Um meio-campo com jogadores que chegam bem de trás: o Matheus Henrique e o Jean Pyerre. O Balbino mais na contenção. Pelo lado esquerdo sai o Guilherme Guedes, de apenas 18 anos, e joga, agora, o Leonardo improvisado, embora jovem também, mais experiente que Guilherme Guedes. No gol segue o criticado Bruno Grassi. Na zaga segue Paulo Miranda, hoje, capitão da equipe mais uma vez. Então é uma equipe, essa de transição, que se despede do Campeonato Gaúcho com a possibilidade de tentar uma vitória, coisa que ainda que não aconteceu. Contra um São José que, jogando no Passo D’Areia, na grama sintética do Passo D’Areia, tem dois jogos e duas vitórias neste campeonato. A expectativa, é claro, para um jogo onde São José vai fazer a experiência jogar ao seu favor, vai trancar o jogo quando ele precisar ser

trancado, vai acelerar quando ele precisar ser acelerado e, é claro, por ter jogadores mais experientes, jogadores mais vividos, vai tentar fazer com que isso fique a seu favor. A gurizada do Grêmio pode correr mais, pode se movimentar mais, mas, num campo que não é fácil de se jogar como esse, num calor muito forte aqui na grama sintética do Passo D'Areia, o Grêmio vai precisar dosar esses movimentos também. Coisa que o São José, certamente, sabe fazer por jogar aqui frequentemente e por ter, repito, um time, uma equipe mais rodada e mais experiente.” – **2'16"**

- **Segunda inserção:** (Após ser questionado do estádio com pouco público) “Pois é, e aí, até para quem vai acompanhar o jogo na televisão, ouvindo a Guaíba, vai ficar com a impressão ainda mais de estádio vazio. Porque é aquela cabine que é filmada toda a hora, é a cabine que dá de frente para as câmeras de televisão. Mais é um jogo diferente por conta de uma rivalidade local, que para o Grêmio não significa muito, mas que, para o São José, significa bastante. Para o São José os seus grandes rivais, além do Cruzeiro, o clássico Ze-Cruz, tem aquela questão de mostrar que ‘manda na cidade’ contra o Inter, contra Grêmio, mas a dupla Grenal, sabemos, não dá tanta bola assim. Agora, é um time, que eu falei do Zequinha, bastante experiente com Felipe Guedes, com o goleiro Fábio, com o próprio Marcel. O Dudu não chega a ser tão rodado assim, mas já foi destaque no Campeonato Gaúcho do ano passado. Contra um Grêmio que tem, excetuando, o Bruno Grassi e Paulo Miranda, jogadores jovens. Até o Alisson, que vem do Cruzeiro, já é também experiente em termos de competições disputadas, é o primeiro Gauchão dele e ele não tem uma idade tão avançada assim. Então é o time da gurizada do Grêmio, que vem de uma sequência bem complicada: um empate em Ijuí, uma derrota na arena do Caxias e outra derrota em Santa Cruz do Sul, contra o Avenida. E vai tentar se despedir do Gauchão hoje, esse time de transição do Grêmio, tentando fazer algo que ainda não fez, que é vencer no campeonato. Só que vai ter pela frente uma equipe que conhece muito bem o estádio, que é dona da casa e que até agora, jogando aqui, tem duas vitórias no Gauchão em dois jogos, contra Cruzeiro e Novo Hamburgo, eu insisto, porque jogar no Passo D'Areia, jogar na grama sintética, é diferente da grama natural, é mais quente. A reportagem está sentindo na pele isso, mais uma vez, a bola quica de um modo diferente. Para o goleiro é diferente, eu não sei se o Bruno Grassi vai usar esse recurso hoje, mas eu lembro do Marcelo Grohe (goleiro titular), no ano passado, ou ano retrasado, jogando de calça, inclusive, aqui. Por que aqui se arrasta no chão arranha, machuca, por conta da grama sintética. Então, tem até isso de diferente. É um jogo diferente neste sentido, por ser um jogo onde tem cara de interior, embora seja em Porto Alegre. O São José é um time que, a gente volta e meia fala, os clubes do interior colocando o São José, embora seja um clube de Porto Alegre. Para o Zequinha vale muito e, dessa vez, para o Grêmio vale bastante, porque a gurizada em campo, mais uma vez, e querendo ou não, quando se olha para tabela, embora seja um Grêmio alternativo, ninguém está acostumado a ver o Grêmio na zona de rebaixamento, né? E é onde está hoje na tabela do Campeonato Gaúcho.” – **2'23"**

- **Terceira inserção:** (Após informação da possível venda de Luan para o Liverpool) “Há uma pressa em contar com o Luan e, além dessa pressa, é um clube grande. O Luan disse que queria deixar o seu nome na história, ganhar títulos no Grêmio e conseguiu, ele foi campeão de Copa do Brasil e campeão da Libertadores. Então, agora, se por ventura ele sair, ele sai pela porta da frente. Já fez o seu nome, já foi campeão e destaque de Libertadores, campeão e destaque de Copa do Brasil. E, outra, do outro lado não é o Spartak de Moscou, né? Que, com todo o respeito, é

um clube de modestíssimas pretensões num cenário europeu. É um Liverpool que, eventualmente, embora nos últimos anos não tenha acontecido, mas que, eventualmente, briga por título inglês, o principal campeonato nacional do mundo. E que na Champions League tem classificação e uma pretensão de avançar bastante. Ao contrário do que acontece com o Spartak de Moscou. Então é claro que é uma outra realidade. E 17 milhões de libras para um jogador que, se eu não me engano, chega a 25 anos agora em 2018. Em março, então é claro que ele pensa agora e passaria a ver, e se confirmada a proposta, com outros olhos. Embora o Grêmio só deixe público a questão do Arthur com o Barcelona. E aí entra outra coisa, que até foi debatida de manhã no Concentração (Programa da Rádio Guaíba), que é a previsão orçamentária do Grêmio para a temporada que coloca 60 milhões com a venda de jogadores. Dezessete milhões de libras, se nós colocarmos no quatro, para facilitar, chega a 60, quase 70 milhões de reais. Claro que o Luan não é 100% do Grêmio, depois teria que ver, talvez o valor fosse fatiado. Mas já é uma proposta bem interessante para esses padrões.” – **1’45”**

- **Quarta inserção:** (Segue o mesmo debate da inserção anterior) “E aí tem outra questão que é a seguinte: eu vou lembrar da coletiva que o Renato (Portaluppi) concedeu esse ano. Onde ele disse assim: perguntaram para o Renato: ‘Vem cá, está para chegar o centroavante, ok, mas tem alguém para sair?’, e o Renato disse ‘não, o time é esse, a não ser que apareça alguma coisa pelo Luan e pelo Arthur e daí, vocês sabem, tem propostas e assédios muito fortes em cima deles. (...)’ (após intervenção do repórter informando o valor). É um valor para lá de considerável, né, sem contar valor de folha salarial, né, que aí, por mais que não ganhe um grande salário o Arthur, mas o Luan sim, já com altos vencimentos, mas você pode utilizar esse dinheiro para conseguir fazer investimento ou para inchar a folha salarial.” – **1’32”**

- **Quinta inserção:** (Sobre a fala inicial do técnico do Grêmio) “Falando algo interessante a respeito da movimentação do Grêmio hoje. Observa que com o Lima mais adiantado, o que ele disse (César Bueno) foi o seguinte: vai ser mais ou menos como o Grêmio jogava na Copa do Brasil com Douglas e Luan. Como é que jogava aquele time? Eram dois volantes, três meias (interrompido pelo repórter). Aquele Grêmio, completando o que disse o César Bueno, tinha o Douglas de meia e o Luan a frente, mais um atacante totalmente móvel, um falso nove naquele momento. Talvez seja isso que o César Bueno queira com o Lima hoje. A questão é saber com quem ele vai fazer essa inversão. Porque eu estou imaginado o Pepê e o Alisson abertos - Pepê pela direita, Alisson pela esquerda. Se o Lima vai jogar a frente, acredito que o Jean Pyerre vai executar essa função de um meia, para ser uma espécie de meia organizador das jogadas pela faixa central. Pode ser por aí. A ideia do César Bueno é essa: é ter essa invenção do meio-campista com um jogador de gente como aconteceu com o Grêmio com Douglas e Luan na Copa do Brasil como ele bem lembrou.” – **1’20”**

- **Sexta inserção:** (Após comentário do repórter Rafael que disse que foi impedido, uma vez, de atuar no campo de bota e bombacha). “Eu fiquei curioso para saber o estado etílico de Rafael Pfeiffer que, num churrasco de bota e bombacha, resolveu, depois do churrasco, jogar bola.” – **0’08”**

- **Sétima inserção:** “No Gauchão, eu estou tão curioso para ver, São José e Avenida, a disputa do Totô com o Tôto. Tem um volante do Avenida que é o Tôto e o do São José, o centroavante é o Totô.” – **0’12”**

## INICIA A PARTIDA

- **Oitava inserção:** (Comenta lance de jogo) “É, mas aí é o seguinte: a bola chega no Mendonça para fazer saída de bola, e os jogadores do grêmio eles não aproximam, eles esperam a bola chegar até o meio-campo sem ninguém para fazer essa condução. Isso é papel ou do Balbino ou do Matheus Henrique, um dos dois tem que voltar, busca essa bola, para o Mendonça não ser o responsável pela saída de bola.” – **0’17”**

- **Nona inserção:** (Comenta lance de jogo) “Primeira vez que o Grêmio conseguiu chegar, primeira vez que algum dos dois times consegue chegar no gol adversário trocando passes com aproximação. O Leonardo avançando pela esquerda, o Alisson inteligente para fazer a jogada, o Jean Pyerre, antes, cadenciando bem. Primeira vez que houve uma troca de passe com objetividade no jogo. E o Grêmio já conseguiu uma conclusão perigosa.” – **0’19”**

- **Décima inserção:** (Comenta lance de jogo) “Se precipitou agora o Balbino, estava muito longe do gol, tentou a conclusão e errou por muito. Tem movimentações mais simples o time do Grêmio hoje, mas, às vezes, no futebol, tem aquela coisa do menos é mais. Não mais no 4-1-4-1 quando tem a bola, mas sim com dois volantes alinhados, o Matheus Henrique e o Balbino, o Jean Pyerre sendo, de fato, um meia, tendo pelos lados o Alisson e o Pepê. Um 4-2-3-1 que joga o Grêmio, e, sem a bola, é aquela coisa mais simples impossível, mas que funciona muitas vezes. Duas linhas de quatro, Alisson e Pepê voltam para marcar, por dentro ficam o Matheus Henrique e o Balbino e, lá na frente, sobrando, o Jean Pyerre junto com o Lima. É assim, de forma mais fácil de se explicar, que joga o Grêmio hoje contra o São José. E, até agora, vai bem no jogo.” – **0’43”**

- **11ª inserção:** (Comentário após lance de jogo) “O Jean Pyerre aparece bem no jogo de hoje. Melhor que nos últimos jogos, inclusive. Com mais liberdade para se movimentar, ele pode voltar e buscar o jogo entre os volantes. A posição original dele hoje é de meia, atrás do Lima. Volta e meia inverte com o próprio Lima, onde a possibilidade maior é de velocidade, porque o Lima corre mais do que ele. Está bastante participativo e bem no jogo o Jean Pyerre.” – **0’20”**

- **12ª inserção:** (Comentário após lance de jogo) “Primeiro o ataque, agora, de forma mais objetiva do São José que obriga Bruno Grassi a fazer uma grande defesa. Não foi uma bola alta, que é o pânico na zaga do Grêmio, por que o cruzamento veio rasteiro. Mas foi um cruzamento, uma jogada de escanteio na área, ninguém afastou, e o Bruno Jesus bateu de calcanhar. Foi uma grande, difícil defesa do Bruno Grassi. Ele estava de costas para o gol, tem muita gente entre eles, e o Bruno Grassi tem de fazer uma defesa no seu canto inferior direito. Muito difícil. No lance seguinte, me pareceu falta no Pepê: ele foi puxado, teve a vantagem porque o goleiro falhou, tentou encobrir o goleiro, conseguiu, mas o zagueiro tirou quase em cima da linha. Foram duas chances de gol, uma para cada time, numa diferença de 30 segundos.” – **0’39”**

- **13ª inserção:** (Após marcação de falta) “É, são pouquíssimos os juizes que marcam essa falta, mas a falta aconteceu. Ela existiu e foi bem marcada. Porque o Leonardo, lateral-esquerdo do Grêmio, ele tentou fazer a marcação do jogador que aparecia para cruzar e ele não conseguia sair do lugar porque o adversário puxava pelo ombro. A falta foi bem marcada.” – **0’17”**

- **14ª inserção:** (Comentário sobre o árbitro) “E acertou de novo porque, de fato, foi o jogador do São Jose que bateu por último, antes do goleiro, mas ele, claramente, tentou afastar. Ele pegou embaixo da bola, tentou dar um balão para cima e depois a bola chegou no goleiro. Acertou, de novo, o Erico Andrade (árbitro).” – **0’13”**

- **15ª inserção:** (Comenta sobre lance de jogo) “Aí entra a experiência que eu falava antes do jogo. O Grêmio deu o seu máximo da parte física nos primeiros 25, 30 minutos do jogo, e agora, claramente, caiu o Grêmio na parte física e é quando o São José não conseguiu chances reais de gol depois daquele lance de calcanhar, mas já começa a povoar o seu campo de ataque, e não mais o Grêmio fica perto do gol.” – **0’20”**

- **16ª inserção:** (comenta sobre falta no jogador do Grêmio) “Acho que foi naquele lance anterior, em que ele estava de costas para o gol, tentou fazer a jogada e tomou uma pegada por trás, me pareceu um lance casual, um lance de jogo. O Lima, quando ele volta para buscar o jogo, onde ele pega a bola de frente com espaço para conduzir, ele consegue conduzir. Agora, de costas para o gol, jogando perto da meta, mais de costas, não parece do Lima não.” – **0’20”**

## INTERVALO

**17ª inserção:** (Fala sobre atuação dos times) “Achei o primeiro tempo do Grêmio satisfatório, mas temos que considerar que está muito quente, o calor, na verdade, pesa para os dois times, mas depois eu especifico mais o São José. O gramado é aquela grama sintética que, de fato, deixa o jogo diferente, a bola fica mais imprevisível, digamos assim, na grama sintética. O São José está acostumado. O Grêmio está sentindo um pouco isso. Foi o Leonardo que falou agora que a bola quica um pouco diferente, você tem de dar dois ou três tapas ali até, arrumar, dominar de fato a bola. Mas, ainda sim, o time do Grêmio construiu três finalizações perigosas: aos 10 minutos, com Leonardo, aos 26, com Lima, e aos 28 com o Pepê, que encobriu o goleiro e o Bruno Jesus salvou em cima da linha. Contra apenas uma do São José, que foi aquele escanteio cobrado rasteiro para a área, que o Bruno Jesus bateu de calcanhar e o Bruno Grassi fez a defesa. Então, o Grêmio teve uma vantagem no primeiro tempo, no ponto de vista de conclusões. O Grêmio se mostrou um time mais objetivo que o São José. O São José não conseguiu, com a bola rolando, entrar a passes na área do Grêmio, e o Grêmio está jogando, hoje, de uma forma diferente, não mais aquele 4-1-4-1 dos últimos jogos, mas sim com dois volantes na frente da zaga – o Matheus Henrique e o Balbino – bem aberto pela direita o Pepê, bem aberto pela esquerda o Alisson, e aí, por dentro, com muita liberdade e movimentação, o Jean Pyerre e o Lima. Se tivesse que fazer aquele desenho tático, Jean Pyerre seria o meia central e o Lima estaria mais na frente. Mas, os dois têm muita liberdade de movimentação. O Lima, volta e meia, recua para ajudar na armação do jogo, o Jean Pyerre volta entre os volantes, chama a responsabilidade, dá bons passes, está bastante participativo no jogo o Jean Pyerre. Gostei mais do Jean Pyerre hoje, com mais liberdade, do ponto de vista tático, com relação aos últimos jogos. Ele, mais perto do gol, com chances de dar aquele passe de infiltração, de abrir espaço, ele sempre busca essa movimentação do seu colega de time. Parece que ele rende mais, pelo menos hoje está fazendo um bom jogo. O Matheus Henrique, no meio-campo, é um jogador que ajuda a clarear as jogadas, ele se desvencilha da marcação com facilidade, tem aquele giro corporal que ajuda também nesta hora de tentar desvencilhar da marcação. O Balbino ajuda na saída de bola também. É um Grêmio melhor em relação aos últimos jogos. É claro que

está faltando alguma coisa ainda, embora o Grêmio tivesse no primeiro tempo, teve o primeiro tempo melhor do que o São José, três conclusões perigosas ainda é muito pouco, mesmo que o Zequinha tivesse apenas uma. Então, assim, está melhor o Grêmio? Está! Melhorou em relação a ele mesmo? Até melhorou! Pareceu mais sólido, com movimentos mais simples do ponto de vista tático, mas que ajudam na compreensão do jogo e, até mesmo, em fechar um pouco mais o time. Observo que o São José não conseguiu entrar trocando passes na área do Grêmio nenhuma vez. Quando conseguiu concluir, foi através de um escanteio. Então está melhor o Grêmio assim. Não foi um primeiro tempo maravilhoso, não sei nem se foi bom, mas foi satisfatório tendo em vista o gramado sintético e o forte calor aqui no Passo D'Areia.” – 2'52”

- **18ª inserção:** (Pergunta sobre mudanças para o segundo tempo) “Eu vi o Grêmio atacar bastante pelo lado esquerdo nesta dobradinha, que até está interessante, do Alisson com o Leonardo Gomes, Leonardo Gomes improvisado, mas acho que o Grêmio pode insistir mais pelo lado direito também, na dobradinha do Madson com o Pepê. O Pepê, esse, me agrada. E ele é um jogador de muita velocidade, né, aparenta uma qualidade técnica interessante também, ele tenta a vitória pessoal, ele busca o drible, ele tem a iniciativa pessoal que é tão importante no jogo. Então, acho que variando mais o jogo, se tornando mais imprevisível, isso vai dar ao Grêmio uma nova carta nas condições ofensivas, porque o Jean Pyerre, que é o armador, ele faz boa participação no jogo, ele se movimenta, ele busca o espaço vazio, mas, como o lado esquerdo chama mais o jogo para o lado direito, as jogadas, muitas vezes, vêm aqui com o Leonardo Gomes e com o próprio Alisson. E o Pepê, no lado direito com o Madson, também fazem uma dobradinha interessante. Também é legal o Grêmio jogar por lá, porque pega o lateral esquerdo do Zequinha, o Dudu, número 6, que é um jogador que tem um poder de apoio bem interessante, mas não tem boa marcação. Então, acho que jogar mais pela direita também é algo que vai acrescentar o poder ofensivo do Grêmio no segundo tempo.” – 1'09”

- **19ª inserção:** (Pergunta sobre a atuação do São José) “Confesso que me decepcionou, parcialmente, o São José, porque é um time que defensivamente tem boas armas, né, o próprio Bruno Jesus quase marcou seu gol, o Goiano é um bom zagueiro também, para os padrões do campeonato gaúcho, mas eu imaginava um poder maior do São José com a posse de bola. O Claiton, número 10, praticamente, não tocou na bola. O Kelvin, número 11, parou na marcação do Grêmio. A bola quase nunca chegou até o Totô. O Felipe Guedes poquíssimo participativo. Então, o São José, com muita dificuldade, na sua transição ofensiva. Isso também é mérito do Grêmio, porque, nos últimos jogos, o Grêmio marcava com Balbino a frente da área, e o Matheus Henrique e o Jean Pyerre faziam aquele vai e vem, aquele jogador de área a área, só que, às vezes, não conseguiam voltar para ajudar o Balbino e ficava o Balbino sobrecarregado nos outros jogos. Hoje, não. Com essa mudança tática, com Matheus Henrique um pouco mais recuado e o Jean Pyerre um pouco mais adiantado, isso deu ao Grêmio uma sustentação defensiva, um balanço defensivo. Por que? Porque daí, na frente da zaga, fica, não só o Balbino sozinho, mas ele ganha a parceria do Matheus Henrique e, pelos lados, voltam para ajudar tanto Pepê, quanto Alisson. E aí, fechadinho, em duas linhas de quatro, o Grêmio evita que o São José avance. E o São José, até agora, tem encontrado muita dificuldade e a única chance de gol que ele teve mesmo, foi num escanteio cobrado rasteiro que apareceu Bruno Jesus, que é zagueiro, na área, tocando de calcanhar



para o Bruno Grassi defender que, aliás, é a defesa do jogo até agora. No mais, com bola rolando, o São José não conseguiu entrar na área do Grêmio.” – **1’33”**

- **20ª inserção:** (Após repórter informar que um jogador do Grêmio foi orientado pelo técnico antes de entrar em jogo) “Na caracterização dada pelo César Bueno, de ser um 9 flutuante, a ideia do Lima é inverter com o Jean Pyerre, que e o meia que chega de trás. Se ele conseguir, além dessa inversão com o Jean Pyerre, inverter também com o Alisson, isso vai gerar um repertório ofensivo ainda maior para o Grêmio.” – **0’19”**

- **21ª inserção:** (após a fala do técnico do Grêmio) “Exatamente a leitura que eu fazia: simplificar a marcação do Grêmio, às vezes menos é mais no futebol, essa máxima também serve. Movimentação, hoje, do Grêmio é mais simples e mais eficiente, pelo menos defensivamente. O Grêmio não correu riscos, exceto aquela bola de escanteio que o Grassi defendeu.” – **0’16”**

### **INÍCIO DO SEGUNDO TEMPO**

- **22ª inserção:** (Após lance de jogo) “Aí aquela história do copo meio cheio, meio vazio. Quero valorizar o Pepê que, mesmo tocado, ele não caiu. Não se jogou, levou a jogada até o final. Mas, aí, entra o ‘copo meio vazio’: se ele cai, forçando a queda depois de ser puxado, o juiz, certamente, daria o pênalti.” – **0’14”**

- **23ª inserção:** (Após início da chuva) “Já podiam ligar os refletores.” – **0’02”**

- **24ª inserção:** (Após anúncio do gol de Brenner – ex-Inter – pelo Botafogo contra o Boa Vista) “Vale bastante para o Inter observar esse jogo (Botafogo x Boa Vista), porque Boa Vista é o adversário do Inter, no meio de semana, na Copa do Brasil.” – **0’05”**

- **25ª inserção:** (Narrador pede parecer do jogo) “Claramente o São José mudou a sua postura para o segundo tempo. É um time com marcação mais agressiva, adiantou, um pouquinho, suas linhas de marcação, adiantou seu meio-campo e também adiantou sua defesa para tentar tirar o Grêmio de perto de sua área. O Grêmio, até agora, não conseguiu assustar no segundo tempo. O Fábio só tocou na bola para fazer a reposição de tiro de meta e o São José começa a atcar mais que o Grêmio agora.” – **0’22”**

- **26ª inserção:** (anúncio de troca no Grêmio) “O Jean Pyerre que saiu fez bom primeiro tempo, mas tinha caído de rendimento no segundo. Ele é um criador de jogadas, atuou com mais liberdade e o Isaque, que entra, atua mais perto do gol, improvisado desde que começou esse Gauchão, e ele, certamente, vai entrar para dar uma liberdade maior para o Lima. É o que acontece agora: o Isaque já se coloca entre os zagueiros e o Lima, número 9, vai virar agora, número 10, desculpa, vai virar agora o articulador das jogadas do Grêmio.” – **0’26”**

- **27ª inserção:** (Após lance de jogo) “O segundo tempo estava mais monótono, sem grandes projeções, nem de Grêmio, nem de São José. E a primeira chance do primeiro tempo foi do São José. E que chance! Belíssimo contra-ataque e a finalização batendo no poste. Contra-ataque fulminante do São José, em poucos toques chegou de uma área a outra e, por muito pouco, não abriu o placar.” – **0’20”**

- **28ª inserção:** (Após anúncio de troca no São José e no Grêmio) “Um meio-campista João Pedro no lugar de Totô que é um centroavante. Mas é o seguinte: um jogador de referência que fica entre os zagueiros, mas, praticamente, não tocou na bola. Pouquíssimo participativo o Totô, no jogo, vai entrar o João Pedro para

cadenciar mais a bola no meio-campo do São José. E no Grêmio, compreende-se a alteração por que o Anchieta é volante assim como o Balbino (que saiu), e o Balbino já havia recebido o cartão amarelo e está numa zona de perigo iminente no jogo que é de proteção da zaga. Então, sai o Balbino amarelado e entra o Anchieta que não tem cartão ainda.” – **0’34”**

- **29ª inserção:** (Após anúncio de alteração no São José) “Deve ter cansado o Matheuzinho porque foi, seguramente, um dos que mais correu na equipe do São José. O Canhoto (que entrou) tem uma outra característica, ele é, tecnicamente, até melhor, embora menos veloz.” – **0’09”**

- **30ª inserção:** (Após lance de jogo) “Uma falta preciosa para o São José e esse lance começou num arremesso lateral na linha do meio-campo. O lateral foi colocado às costas do Paulo Miranda, que ainda reclamava alguma coisa. Aí o jogador conseguiu a jogada pessoal e a conclusão bateu no braço do Mendonça e o juiz marcou a falta. Uma lateral, quase no campo de defesa, está gerando uma chance de gol para o São José.” – **0’21”**

- **31ª inserção:** (Continua comentando o lance anterior) “Ele foi sem nenhuma noção no lance, o braço aberto, assumindo a condição de tocar na bola.” – **0’06”**

#### **Gol do São José (1 x 0)**

- **32ª inserção:** “O Grêmio, no segundo tempo, ele jogava bem menos do eu no primeiro. O Grêmio do segundo tempo ele não tinha chance de gol, ele não conseguiu chegar perto do gol do Fábio, e o São José tinha evoluído no seu jogo. Não havia conseguido ainda, o Zequinha, a conclusão. Conseguiu agora, num lance de falta, é verdade, bola parada, mas também vale, também é chance de gol. E o São José conseguiu aproveitar. De novo, como foi em Ijuí, como foi em Santa Cruz do Sul e como é agora, no Passo D’Areia, a bola desviando, traindo o Bruno Grassi e entrando. E o Grêmio, agora, está perdendo de novo, Eurico (plantão da rádio).” – **0’32”**

#### **Gol do São José (2 x 0)**

- **33ª inserção:** “No jogo de hoje sim, nos outros jogos a inexperiência foi colocada como fator preponderante para a derrota para apagar erros técnicos e erros coletivos que aconteceram. Hoje, não! Hoje a inexperiência está pesando bastante, sim, para essa derrota do Grêmio. Caiu muito o rendimento no segundo tempo e o Mendonça, realmente, sentiu. Havia entregado no lance anterior e fura, agora, dentro da área na tentativa de afastar. Não conseguiu chegar, pegar em cheio na bola, e o Goiano aparece para fazer o gol. Vinha bem o Grêmio no primeiro tempo, caiu no segundo, e, agora, com dois gols, se desmancha no Passo D’Areia.” – **0’36”**

- **34ª inserção:** (Sobre mudanças nos dois times) “Não, vão colocar um centroavante para ter retenção de bola na frente. Joga num 4-1-4-1 o São José e esse jogador da frente que agora está o número 10, o Claiton, pode sair, para entrar o Igor e ter retenção de bola e segurar a bola no campo de ataque.” – **0’11”**

- **35ª inserção:** (Sobre mudança no Grêmio). “Ih! Agora o Igor vai tentar reter a bola no campo de ataque e deixar a bola longe do gol do São José. E o Dionathã, que entrou no Grêmio, é um jogador para tentar dar velocidade pelos lados do campo, ele apareceu bem no grupo principal, no ano passado, e eu até imaginei que ele fosse ter mais chances neste time de transição. Está entrando só agora.” – **0’16”**

- **36ª inserção:** (Após comentário de ouvinte preocupado com a atuação da base do Grêmio) “Eu só não acho que toda a gurizada seja fraca. Tem jogadores com qualidade e outros nem tanto, é verdade. O zagueiro Mendonça, por exemplo, que na estreia foi muito bem em Ijuí, os jogos do Mendonça depois eles foram horrorosos para se dizer o mínimo, inclusive no jogo de hoje. Agora, o Lima se esperava muito e não consegue se firmar, o Isaque hoje não entrou bem, entrou mal, pelo contrário. O Pepê é quem consegue apresentar um certo nível de regularidade, mas, talvez falte a ele um jogo mais objetivo. Eu acho que a questão coletiva tem de ser levada em consideração. O Grêmio, taticamente, é um time bagunçado. Tinha melhorado no primeiro tempo de hoje, mas, no segundo tempo, uma alteração leve que fez o técnico do São José, o Grêmio desmontou de novo. E a questão da experiência, hoje, de fato, pesou, né? Até o 0 a 0, o Grêmio estava no jogo. Tomou o primeiro gol, desandou o Grêmio. Tomou o segundo para desencadear de vez. Mas, até o 0 a 0, estava bem no jogo o Grêmio.” – **0’52”**

### **FIM DA PARTIDA**

- **37ª inserção:** (Elege defesa do jogo) “Eu vou ficar com a defesa dos 28 minutos do primeiro tempo. Poderia muito ser a defesa do zagueiro do São José, né, que ele tirou aquela bola já com goleiro encoberto. Mas não. Trinta segundos antes, toque de calcanhar do Bruno Jesus, rasteiro, no canto inferior direito do Bruno Grassi. Ele fez uma grande defesa. Para mim, aquela, foi a defesa do jogo.” – **0’28”**

- **38ª inserção:** (Elege o craque do jogo) “Eu vou ficar com Alemão, volante do São José. Ele teve uma presença interessante na frente da área e, no segundo tempo, com o crescimento do São José, acho que ele foi um dos principais nomes, foi até coroado com um gol por isso. Gol de falta, mesmo que desviado. Para mim o Alemão é o melhor em campo.” – **0’13”**

- **39ª inserção:** (Narrador pede resumo da partida) “Eu faço um resumo, Magno, não só do jogo, mas da participação desse time de transição do Grêmio no Campeonato Gaúcho que terminou hoje. Semana que vem assume o time principal. Ficou provado, que já é algo definitivo no futebol, mas o Grêmio provou mais uma vez: que não tem como você fazer um bom time apenas com individualidades e sem um bom coletivo. Esse foi o resumo do Grêmio no Campeonato Gaúcho. Por que? Porque o Grêmio tem individualidades interessantes – Alisson, Pepê, Jean Pyerre, Matheus Henrique, Lima – mas, essas individualidades sucumbem quando o time é bagunçado. E o Grêmio, coletivamente, ele foi bagunçado desde o primeiro jogo lá em Ijuí. Ele foi bagunçado contra o São Luiz, ele foi bagunçado contra o Caxias, bagunçado contra o Avenida e bagunçado no segundo tempo de hoje. O Grêmio é uma equipe que peca pela inexperiência. É verdade. Mas, coletivamente, uma bagunça. Defensivamente não se tem uma noção clara se acontece marcações individuais ou não, se a marcação é por zona ou não. Tem jogador furando porque está fora do lugar, tem barreira abrindo porque o time está nervoso, tem goleiro falhando no jogo. O Grêmio, coletivamente, bola cruzada foi sempre um horror na zaga do Grêmio, exceto no primeiro tempo do jogo de hoje. Então, assim, o Grêmio provou, mais uma vez, que, com boas individualidades, não se faz um time de futebol. Você precisa ter um trabalho coletivo e, isso, o Grêmio não teve desde o primeiro jogo lá de Ijuí, contra o São Luiz.” – **1’37”**

### **FIM DA JORNADA – São José 2 x 0 Grêmio (entra programa Vestiário)**

Durante o programa, o comentarista fala do jogo, projeta próximos jogos e analisa entrevistas.

Tempo total de duração da Jornada: por volta de 2h30min

Tempo total de fala do comentarista: 21 minutos e 17 segundos

## ANEXO II – TRANSCRIÇÃO DA JORNADA DA RÁDIO GRENAL

**Jornada Esportiva Avenida X Grêmio, no Estádio dos Eucaliptos**

**Rádio Grenal – 24/01/2018**

**Comentarista: Darci Filho**

**Disponível em:**

<https://www.youtube.com/watch?v=ZDXedoKtumk>

**Grêmio escalado com:**

Bruno Grassi; Madson, Paulo Miranda, Mendonça e Guilherme Guedes; Balbino, Matheus Henrique (Thaciano), Pepê (Thonny Anderson), Jean Pyerre e Lima; Isaque (Alisson). Técnico: César Bueno

**Avenida escalado com:**

Rodrigo Santos; Itaqi, Luis Henrique, Claudinho e Roger Deniro; Toto, Fidélis, Diego Torres (Carlinhos), Moisés Baiano (Marques) e Maurício; Hyantony (Felipe Tchelé). Técnico: Fabiano Daitx.

- Houve pré-jornada;

- **Primeira inserção:** (Inicia após toda a equipe. Responde se dá para esperar um grande jogo). “Muito boa noite, Henrique Pereira (narrador), um grande abraço, uma belíssima transmissão é o que te desejo, como tu vens fazendo. Um abraço também ao Boelke (plantão da rádio), ao Diogo Rossi (repórter). Um abraço aos nossos ouvintes, os ouvintes da Rádio Grenal. Eu tenho dito o seguinte: que se o Grêmio, que é um participantes da competição, não valoriza a competição, não posso eu ser um ufanista. Não posso eu tentar convencer as pessoas que teremos aí um grande jogo de futebol, com uma qualidade magnífica. Não! O jogo será um jogo comum. Será um jogo com algumas carências técnicas, porque a equipe do Grêmio que joga deve ser a quarta ou a quinta equipe do Grêmio. A equipe do Avenida é uma equipe de vem da série A, da série B para a série A. Então também não é uma equipe que tenha feito no ano passado uma campanha. Não, não é! O que que nós podemos esperar do jogo de hoje: um jogo de muita aplicação, de muita vontade, de muita determinação. É por aí que poderá surgir alguma novidade. Mas eu tive a preocupação e a curiosidade de pedir auxílio ao Diogo Rossi, mas para que ele me informasse dos jogadores da equipe do Grêmio que foram formados no Grêmio. Esses jogadores, com toda a segurança, terão, no decorrer do jogo, mais empenho e mais dedicação que todos os demais. O Jean Pyerre, que vem da escolinha, terá mais aplicação, sim, terá mais qualidade, terá mais identidade. O Matheus, que esteve lá, saiu, mas voltou, foi repatriado, é um jogador que vai sim apresentar. O Guilherme Guedes é um jogador que tem essa formação, tem a formação da escolinha do Grêmio. Esses serão os atletas que eu percebo, a distância, que terão muito mais aplicação, muito mais identidade, muito mais vontade, brigarão muito mais para usar a camisa do Grêmio do que os outros.

Porque os outros não tem essa identidade. Os outros que estão aí, no time desta noite, tanto faz estar no Grêmio hoje, como estar num outro clube amanhã por um bom contrato, não há nenhum problema. Isto é o que eu percebo. Isso é o que eu espero e vejo e tenho a expectativa para o jogo desta noite, Henrique Pereira.” – **2’15”**

- **Segunda inserção:** (Responde se dá para acreditar no Avenida deste ano) “Olha, à distância, como nós estamos, é muito difícil você fazer qualquer avaliação de uma equipe. Nós sabemos as dificuldades do futebol do interior, nós cobramos muito: ‘mas os dirigentes têm de saber fazer futebol’. Não é assim! Gente, no interior eles não recebem apoio para fazer o futebol. Os torcedores do interior torcem, muito mais, para a dupla Grenal do que para os clubes da cidade. E é difícil. É muito difícil. Então, os dirigentes de futebol do interior do estado, esses são verdadeiros ablegados, porque esses tiram de seus bolsos para os clubes. Esta é a realidade. Estes enfrentam toda a sorte em nome do que? Em nome de gostar do futebol. Porque esses dirigentes, por perderem dinheiro, por perderem tempo, e alguns perdem parte da fortuna que têm, eles não estão preocupados em ganhar prestígio pessoal. Não, não estão! Eles emprestam o seu prestígio pessoal para o clube. Eles emprestam a sua assinatura, na esquerda, para o clube, como já foi feito isso há muitos anos na dupla Grenal que, hoje, felizmente, não precisa fazer mais isto. No interior, não. No interior, ninguém quer assumir um clube no interior porque tem que assinar na esquerda. E eles fazem isso. Hoje, por exemplo, no grande clube, na base, chove de dirigentes para trabalhar, porque ali estão os negócios para serem desenvolvidos. No interior não há esse negócio. No interior há a abnegação. Pura e simples abnegação. Fora disso, são os clubes que os empresários entram para fazer negócio. E aí, o clube é deles, eles compram os clubes do interior, eles alugam para fazer os seus negócios. Pode! Sem problemas. Agora, o clube sendo uma entidade forte, tu não tem como usar isso, o clube fazer isso usando empresários ou não tem. Já no interior o que ocorre é o abnegado. É o sócio, é o torcedor, é o cara que gosta. Porque também as prefeituras não ajudam mais. Porque há uma consciência pública de que futebol não é para a prefeitura do interior colaborar. A Prefeitura tem de administrar o município. Então, são algumas coisas que vão tomando, vão se ajustando no decorrer da história. E estas dificuldades que enfrentam hoje, enfrentaram hoje os jogadores do Avenida, não poderem almoçar na concentração. Mas foi uma alternativa, porque tinha comida no clube. Quem sabe uma comida simples, uma comida que eles tenham sem nenhuma dificuldade, porque nós sabemos de situações de clubes que chegam para almoçar, chegam para se hospedar no hotel e, como estão devendo, não podem ficar. Então, eu acho que é legal. Acho que essa providência, o Avenida está dando passo de acordo com as suas pernas, Henrique.” – **3’08”**

- **Terceira inserção:** (Responde se pode destacar algum garoto do Grêmio que tenha se destaque no início da temporada) “Não! É muito cedo você fazer uma avaliação. Você tem de deixar os meninos jogar. Você vê que alguns tem qualidade. Você percebe que alguns podem dar esta resposta imediata. Balbino já fez bons jogos, Matheus, Jean Pyerre, Pepê, o Lima, o Guilherme Guedes. Só para ficar nesses aí. Poderia ir lá na frente, olhar mais o Patrick, Thaciano, enfim, mas estes meninos, a chave, a questão deles está na hora do aproveitamento. Se os bons, realmente, receberão a oportunidade de subir, de jogar, de ser mais aproveitado. A tendência natural, e eu vejo isso no Grêmio, nessa noite, com muita alegria, é que há jogadores no Grêmio, hoje, que são formados. Formandos no Grêmio. Significa

que eles vêm desde a escolinha, pouquinho depois e tal. Não é esse da transição que chega para ser mais um negocinho a ser feito. Não! É aquele que vem, tem o sentimento. Marcelo Grohe (goleiro do Grêmio que não está atuando na partida) tem o espírito gremista. Esse foi criado no Grêmio, tem o espírito gremista. Não estou dizendo que ele é um goleiro magnífico. Não, eu acho o Marcelo Grohe um bom goleiro, ponto.” – **1’11”**

- **Quarta inserção:** (Após fala do repórter de que o presidente do Grêmio estaria cumprimentando todos os jogadores antes de entrarem em campo) “Bem, eu percebo o seguinte, o mais importante de tudo: o presidente está atuando, também, como vice de futebol. E quando ele assume e vai, isso cada vez mais prova que o vice de futebol do Grêmio, com o Renato (Portaluppi) de treinador, é uma função simbólica. Todo o dirigente, que assumiu a vice-presidência de futebol, com o Renato de treinador, foi uma posição simbólica. Vou deixar apenas com esse adjetivo: foi simbólica a sua presença, porque o Renato trata das coisas direto com o seu presidente. E quando o presidente, que também é presidente do Conselho de Administração, ele sai do alto da sua posição e vai para o vestiário não é legal, não acho isso legal. O presidente tem de ser sempre a última instância, e nunca a primeira. É muito populismo isso aí, é uma coisa muito popular. Mais adiante isso poderá ter repercussão negativa, pode crer. Porque o jogador de futebol ele é muito mais hábil, muito mais malicioso do que se possa imaginar. O vestiário ele conhece como ninguém.” – **1’09”**

- **Quinta inserção:** (Fala aleatoriamente após o comentário do plantão) “Agora, é preciso saber, também, se os jogadores, o Thonny Anderson e o Alisson terão oportunidade de aparecer no jogo desta noite aí em Avenida. Interessante que eles tivessem uma oportunidade, condições de se movimentar (...) Ele deverá receber uns 20 minutos, por aí. É que a gente precisa começar a olhar esses rapazes, porque o Grêmio, merecidamente, justamente, a equipe principal começou a trabalhar mais tarde. E esses aí fizeram parte de uma negociação, então demora mais um pouquinho. É tanto assim que o próprio Edilson (ex-lateral-direito do Grêmio) ainda está muito longe de estar em forma lá no Cruzeiro.” – **0’47”**

- **Sexta inserção:** (Fala sobre possível conversa na roda de jogadores antes do jogo). “É a nossa homenagem ao Senhor, outras opiniões, enfim, mas tudo bem. Essas recomendações finais, essas coisas assim são uma demonstração de uma união que muitas vezes não existe. Isso aí é desnecessário. Eu considero isso uma perda de tempo – **0’24”**

### **INICIA A PARTIDA**

- **Sétima inserção:** (Comenta sobre bom início do Grêmio) “É, é um jogo de muita disposição, né? Vamos ver o que acontecerá nos próximos minutos. O Grêmio se mostra efetivamente, se mostra verdadeiramente mais efetivo.” – **0’09”**

- **Oitava inserção:** (Comenta situação do jogo) “Seguinte, 12 minutos e meio e nenhum chute a gol.” – **0’10”**

- **Nona inserção:** (Comenta sobre os dois chutes a gols ocorridos na partida) “E ele não poderia ter passado a bola, o Madson, porque o jogador que passava direita do Grêmio, entrava em posição ilegal. Portanto, ele foi para a única alternativa que tinha que era a finalização, mesmo, com a perna esquerda. O Grêmio domina o jogo, o Grêmio é melhor, mas não há objetividade, não há objetividade.” – **0’17”**

- **Décima inserção:** (Responde pergunta do narrador sobre jogo estar “morno”) “É, um jogo (...) não há naturalidade. Há muita disposição, muita vontade de acertar, pouca qualidade técnica, não há um entrosamento também. Você registrou que para o Avenida o 0 a 0 está bom. Demora para cobrar um lateral, demora para cobrar um escanteio. Então, são dificuldades do jogo, mas todas as dificuldades naturais, naturais, é início de temporada e o Grêmio está jogando com seu quarto ou quinto time.” – **0’31”**

- **11ª inserção:** (Sobre a marcação do pênalti para o Grêmio) “Acertou, sim. O pênalti houve, cometido pelo número três, o Luis Henrique. Ele puxa o pé de apoio do atacante gremista. O árbitro, bem marcado, marcou a penalidade máxima” – **0’10”**

### **Gol do Grêmio: Avenida 0 x 1 Grêmio**

- **12ª inserção:** 22’15 (Após gol do Grêmio) “Tecnicamente muito bem cobrado o pênalti. Jean Pierry colocou o pé esquerdo do lado da bola, com o pé direito ele bateu cruzado, portanto, no canto direito do goleiro, acabou marcando o gol para o Grêmio, Rogério Boelke” – **0’13”**

- **13ª inserção:** (Interrompe narrador que comenta lance da partida) “E a porta lá, Diogo Rossi, aumentou de tamanho ou não? Parece que aumentou, peguei uma tomada da televisão, a porta do vestiário me parece mais alta” – **0’08”**

- **14ª inserção:** (Comenta lance de jogo) “É porque não há um entendimento dos jogadores a aproximação entre eles. Então, quem recebe a bola por último, mais próximo da grande área, a primeira providência para não perde-la, para a marcação adversária, é tentar o chute a gol E aí chuta de qualquer distância.” – **0’16”**

- **15ª inserção:** (Responde pergunta do narrador: “Se perdeu o Avenida, não é?) “É, ele está tocando a bola, está fazendo o tempo passar porque a situação para o Avenida não é boa. O Grêmio joga mais, embora sem efetividade, o Grêmio é melhor, força mais. É uma equipe que tem jogadores mais técnico individualmente melhores.” – **0’18”**

### **INTERVALO**

- **16ª inserção:** (Analisa o segundo tempo) “Pois é, o Grêmio obtém a primeira vitória no campeonato gaúcho. É uma vitória absolutamente considerável, natural, normal, esperada, por tudo aquilo que tínhamos nesta previsão do jogo. Porque sabemos que o Avenida é uma equipe fraca, uma equipe que está na ponta de baixo da tabela. Você vai dizer: ‘O Grêmio também está’. Sim, o Grêmio também está. Mas o Grêmio está com sua quarta equipe, o Grêmio a hora que resolver apertar, se perfilar e resolver, interpretar e participar do Campeonato Gaúcho como deve, é claro que o Grêmio vai integrar a ponta de cima da tabela, vai estar disputando título. Enfim, hoje enfrenta o Avenida num jogo muito fraco, um jogo ruim, um jogo que, inclusive, é difícil de se fazer uma avaliação sobre um ou outro atleta. O Madson, por exemplo, não se destaca num jogo que se possa fazer uma avaliação dele. Por ele, pelo adversário, pelo entrosamento da equipe do Grêmio. Nós sabemos que ele é um jogador com alguma qualidade, joga um pouquinho mais do que está jogando hoje. Nós sabemos que o Jean Pyerre joga bem mais, Matheus joga bem mais do que está jogando hoje, ou estão jogando hoje. Então é necessário interpretar a validade, a importância de um jogo como esse. Ele tem muito mais valor para fazer com que os jogadores entrem em ritmo de jogo na temporada para o Grêmio, do que propriamente você fazer alguma avaliação para o futuro. Porque se



you disse: 'olha, esse primeiro tempo de Grêmio e Avenida eu vou avaliar quem poderá ser aproveitado pelo Renato carioca', você não avaliará ninguém, porque ninguém se destacou com essa condição. Mas não é culpa do jogador, não, o jogo é assim. A dificuldade é esta. Os problemas do jogo são esses aí, por ser um início de temporada, por ser um começo, por ter, por ocorrerem as dificuldades naturais. Então, esta questão é fundamental: é preciso saber, é necessário ter a certeza de que este jogo, para o Grêmio, não influirá em nada, a não ser no convívio dos jogadores, poder apertar a mão do presidente, saber que o presidente tá por lá. Quando se... nós fossemos fazer uma avaliação mais correta, fossemos exigir um outro tipo de... o treinador tinha que estar lá, não o presidente, esta é a verdade, quem tinha que estar lá é o treinador. 'Ah, mas ele ficou treinando com os profissionais'. Tudo bem, mas é um jogo, ele pode... 'Ah, não, mas a televisão'. Também é verdade, mas se tivesse que se dar importância pra alguém que tivesse acompanhando o Grêmio, seria o treinador, não o presidente. Aliás, aqui no Rio Grande do Sul é o único lugar do Brasil em que o dirigente do futebol é mais valorizado, ele recebe mais importância do que realmente tem. Ele recebe o destaque de um jogador de futebol, quando nós sabemos que isso não é verdade. O atleta, o artista é o atleta do futebol. Bem, então o Grêmio vai pra esse jogo, participa dele com esta característica. Já o adversário do Grêmio, o Avenida, não, ele quer escapar da lanterna. O Avenida tenta de tudo, mas ele sabe, porque as equipes do interior, quando vão jogar contra a dupla Gre-Nal, o cálculo inicial é de que são menos três pontos na tabela, eles não vão somar esses três pontos. Se ocorrer de somar é um... olha, é um... é um milagre, porque naturalmente isto está fora de qualquer plano, de qualquer projeto. Somar três pontos passa muito mais pelo desinteresse do grande do que pelo interesse do time pequeno. Foi o caso do Caxias. O Caxias somou três pontos contra o Grêmio muito mais pelo desinteresse do Grêmio, do que pelo interesse do Caxias, porque se o Grêmio tivesse interesse no jogo, jogaria completo, com a equipe total, e não teria nenhum... passaria, atropelaria o Caxias. Essa é a natureza do campeonato gaúcho, essa é a natureza da disputa gaúcha... eventualmente o Novo Hamburgo ganha, até num momento que o Grêmio deu mais interesse ou deu muito interesse ao Campeonato Gaúcho no ano passado, chegou inclusive a colocar uma equipe de reservas num jogo da Libertadores, pra botar os titulares no Campeonato Gaúcho, isto aconteceu no ano passado. Mas isto é uma eventualidade, isto é um acaso, isto é um aborto da natureza, isto é um fato inusitado. Foi o que ocorreu com o Grêmio no ano passado, jogaram com reserva na Libertadores e titular no Gaúcho e foi desclassificado. Naturalmente... E tanto é, que esse ano ou será campeão gaúcho ou o Internacional ou o Grêmio. Não vai repetir uma outra equipe do interior ou uma equipe da capital, São José ou Cruzeiro campeão e Grêmio e Internacional fora. Não... Essas questões no futebol são muito claras e nós precisamos entender isso. É tanto assim que o Grêmio vai pro jogo com o Bruno Grassi, que se fosse uma competição que fosse um jogo decisivo, o Grassi não jogaria, porque ele foi mal nos jogos anteriores, tá sob desconfiança do torcedor gremista. Estas são as questões... Que que tu tá, que que tá servindo o jogo? Pra dar ritmo de jogo pro Miranda, pra ele se entusiasmar um pouco mais, porque esse vai ser um reserva, então ele precisa jogar, que a dupla de zagueiros titulares do Grêmio é muito boa, a dupla de zagueiros titular do Grêmio é muito boa. Então, são questões do jogo que se apresentam, que se precisa saber. Por que ocorre isso e por que não ocorre. Então os meninos, especialmente do meio de campo pra frente: Balbino, Matheus, Jean Pyerre, Pepê, Lima, Isaque... Esses buscam uma afirmação, buscam mostrar que

eles podem ser chamados a qualquer momento pelo treinador. Mas nós sabemos tranquilamente que é muito difícil disso acontecer. Pelo que apresentaram hoje, então, a dificuldade fica maior. E se esse time não faz uma boa campanha no Campeonato Gaúcho, é porque os meninos que hoje formam essa equipe não podem servir como alternativa para a equipe principal, precisam permanecer mais tempo ainda à disposição do treinador César e ele precisa movimentar muito mais esses jogadores, Henrique. Tem alguma participação aí?” – **6’19”**

- **17ª inserção:** (Respondendo à pergunta de um ouvinte sobre a atuação de Jean Pyerre e Miranda). “É o que eu disse antes, Mateus, são todos discretos. Esse primeiro tempo de jogo não serve para credenciar ninguém, quer dizer, olha, esse jogador pode e deve... não. O jogo de hoje não tem essa característica, não está tendo essa característica. Então tá servindo muito mais para a movimentação dos jogadores, para adequação dos jogadores, tá servindo muito mais pra recuperação física. O próprio Miranda, ele está buscando um entrosamento, porque ele chegou agora. Também é necessário que se tenha essa compreensão. O Jean Pyerre nós já vimos que ele é capaz de produzir muito mais do que hoje. Se fosse pelo jogo de hoje, não chamaríamos esse jogador. Mas ele já fez atuações, já teve atuações magníficas, sim, e que, pelo que já fez, pode estar à disposição do treinador.” – **0’45”**

- **18ª inserção:** (Respondendo à pergunta de um ouvinte sobre a atuação do jogador Isaque). “Pois é, precisam de mais oportunidades, precisam jogar mais, porque um meio tempo, como hoje, é insuficiente pra você dizer que esse é o jogador que mereça receber a oportunidade. Quantos jogadores já fizeram uma boa apresentação de um tempo e depois, ou de um jogo, e depois acabam sucumbindo, né? Tanto é que eu disse, daquilo que eu já vi, o Jean Pyerre, por exemplo, é um jogador que tem que ter oportunidade e o jogo de hoje... não passa pelo jogo de hoje. Passa pelo que ele já fez antes.” – **0’33”**

- **19ª inserção:** (Respondendo à pergunta de um ouvinte sobre o jogador Lima). “É outro jogador que já fez melhores apresentações do que hoje. Embora, hoje, ele parece até que é um jogador mais participativo do meio de campo pra frente. Ele cobra escanteio, ele cobra falta, ele se movimenta, ele vem, mas, sem dúvida nenhuma, hoje não faz uma boa apresentação, não faz. Ele é capaz de produzir mais. Pelo que ele já fez, ele merece essa oportunidade.” – **0’26”**

- **20ª inserção:** (Respondendo à pergunta de um ouvinte sobre o Avenida). “Pois é, o Avenida está no final da tabela e é uma situação muito difícil do Avenida. Embora o campeonato não irá se definir nestas primeiras rodadas, mas elas já sinalizam que a situação do Avenida não é boa. Eu vejo outras equipes, o São Paulo de Rio Grande não me inspira confiança. O São Luiz de Ijuí não me inspira confiança. Eu colocaria aí esses três, Avenida, Santa Cruz e São Luiz de Ijuí neste mesmo patamar. Então, São Paulo e Avenida no mesmo patamar. Quem pode se igualar a essa turma aí, é o Cruzeiro, viu? Cruzeiro, Novo Hamburgo, essa zona aí está bem concorrida” – **0’48”**

- **21ª inserção:** (Respondendo à pergunta de um ouvinte sobre o Jael no Gauchão). “Isso aí é, inclusive, lei, né, ele precisa ter 30 dias de férias. Como ele trabalhou até o final do mês de dezembro, ele precisa folgar até o final do mês de janeiro. Ele foi lá, ele participou da decisão do Campeonato Mundial, ele esteve cumprindo com suas obrigações. É lei. A lei existe para ser respeitada.” – **0’18”**

- **22ª inserção:** (Respondendo à pergunta de um ouvinte sobre Jean Pyerre). “Como opção eu acho válido. Mas, como titular ainda não. Mas como opção, sim. É um jogador que tem condição, que tem boa técnica, ele tem muita habilidade, é um jogador interessante. Mas, hoje, também não faz um bom jogo.” – **0’13”**”

- **23ª inserção:** (Comenta sobre equipes voltarem sem alterações). “É, isso é natural. Vai mudar para que? O Grêmio vence por 1 a 0, pode esperar um pouquinho mais. O pênalti houve, não há o que discutir sobre a penalidade máxima. Muito bem cobrado, inclusive, o pênalti pelo Jean Pyerre. Porque, também, no pênalti, quando os caras falam: ‘pênalti é loteria’, loteria coisa nenhuma. Pênalti é eficiência, habilidade, treinamento, é observação do adversário. E o Jean Pierry colocou a perna esquerda em cima da bola e a perna direita, com o pé direito ele bateu cruzado, que é muito difícil, esse pênalti, de ser defendido. Portanto, foi muito bem cobrado, seu HP.” – **0’39”**”

### **INICIA O SEGUNDO TEMPO**

- **24ª inserção:** (Responde a pergunta se o Avenida é candidato ao rebaixamento). “É, nós já estávamos falando sobre as dificuldades do Avenida, e das dificuldades dos demais clubes, quem pode também ser companheiro do Avenida nesta tentativa de fugir da zona do rebaixamento. Realmente não vai bem. E tem um jogador que se fala muito bem dele e hoje eu não estou vendo absolutamente nada nele, é o Guilherme Guedes. Já passou pelos primeiros 45 minutos, começou o segundo tempo e ele faz uma apresentação, realmente, que não é boa. Mas está dentro daquele panorama de que este é um jogo que não serve para você fazer uma análise a um jogador. Mas ele poderia render mais, pelo menos, individualmente.” – **0’37”**”

- **25ª inserção:** (Fala sobre lance de jogo). “Também acho que não houve nada, um lance normal” – **0’03”**”

### **Gol do Avenida: Avenida 1 x 1 Grêmio**

- **26ª inserção:** (Comenta gol do Avenida). “Sete jogadores do Grêmio na volta da bola, na saída da pequena área. Três do Avenida. Não tem explicação um gol sofrido desta forma. Um mau posicionamento dos zagueiros, foi um fracasso.” – **0’16”**”

- **27ª inserção:** (Ainda fala sobre o lance do gol). “É, agora tem uma escola de quem faz ponta (repórter de campo), ou fica atrás do gol, como queiram chamar essa posição, que diz o seguinte: (com tom de repórter de campo) é, ele fez o pênalti no primeiro tempo e foi o responsável pelo gol, Henrique, Luis Henrique fez gol.” – **0’19”**”

- **28ª inserção:** (Sobre lesão sentida por jogador do Avenida). “Câimbra, câimbra. Está com câimbra o jogador do Avenida. Correu bastante, está com câimbra, é um jogo pesado. O gramado está pesado, porque chove, a grama é alta, então, fica muito pesado, sentiu câimbra. Agora, o nosso Guilherme, o Guilherme Guedes, pode pedir para sair, viu.” – **0’15”**”

- **29ª inserção:** (Responde a pergunta: “se você fosse o técnico do Grêmio, colocaria o Alisson?”). “Olha, eu até nem sei se o Alisson deveria ser lançado neste jogo. Porque o jogo não está bom para o Grêmio. O jogo [...] e o Alisson para entrar em campo seria só para saber que tipo de resposta e como ele poderá se comportar. Com o Grêmio empatando, e o Avenida começando a gostar um pouco

mais do jogo, saindo para o jogo, o Avenida até ficou mais corajoso depois de empatar a partida, não que vá queimar o jogador, mas poderá provocar uma má impressão se o jogador não for bem.” – **0’36”**

- **30ª inserção:** (Repórter anuncia a entrada de Alisson no Grêmio e comentarista fala). “Então tu estava vendo que ele iria entrar em campo e quis me dar uma letra, né, malandro?” – **0’05”**

#### **Gol do Avenida: Avenida 2 x 1 Grêmio**

- **31ª inserção:** (Comenta gol do Avenida). “Contra-ataque rápido, bola rápida, falha do zagueiro, precisão do Marques, 2 a 1 para o Avenida. O goleiro não teve culpa de nada.” – **0’11”**

- **32ª inserção:** (Comenta sobre jogador Paulo Miranda). “Pois o Miranda já está competindo com o Kadu e o Fred como zagueiros do Grêmio.” – **0’07”**

- **33ª inserção:** (Comenta lance de jogo). “Mas é que desnecessariamente, depois do goleiro estar com a bola, o Thonny Anderson bate na coxa do jogador e o companheiro dele do Avenida, acabou se jogando no chão. O lance é aquela tentativa de agressão que você faz, mas para não machucar. Só para querer ser malandro. Então você tem de levar um cartão. A esperteza, a malandragem, tem de acabar no futebol. O Thonny Anderson deu um toquezinho, não ia machucar nem nada, mas deu para mostrar esperteza, malandragem, que tava ali.” – **0’30”**

- **34ª inserção:** (Comenta sobre entrada do jogador Tchelé). “Eu tive um colega de aula chamado Tchelé, sobrenome dele, inclusive, mora em Santa Maria. Um abraço, ele deve estar nos ouvindo pela Rádio Medianeira, Tchelé.” – **0’09”**

- **35ª inserção:** (Responde o que falta para o Grêmio conseguir o gol de empate). “É verdade, o Grêmio está tentando, mas está muito desorganizado. É muito difícil, aí a pressa, a perna já não obedece mais o que o jogador está pensando. O time do Grêmio, tecnicamente, deixa a desejar. Não há aproximação, não há controle, não se observa nenhum trabalho de treinador orientando, enfim, essas são as dificuldades do Grêmio. Era aquilo que se esperava antes do jogo. Se o Grêmio não prestigia o campeonato é porque não está interessado no campeonato.” – **0’25”**

- **36ª inserção:** (Elege o craque do jogo). “Eu vou escolher quem venceu o jogo. Eu vou escolher o zagueiro. Eu vou com Diogo Rossi (repórter).” – **0’06”**

- **37ª inserção:** (Fala de jogador do Grêmio). “Agora para falar sobre o Grêmio, se alguém tivesse que ser teria de ser o Jean Pyerre. Foi bem proporcionalmente, por que o Grêmio, num todo, foi muito mal.” – **0’09”**

- **38ª inserção:** (Comenta atuação do zagueiro gremista Paulo Miranda). “Paulo Miranda está proporcionalmente cotado como estão cotados o Kadu e o Fred (ex-zagueiros gremistas).” – **0’09”**

- **39ª inserção:** (Elege o lance da partida). “Vou com vocês, certo, o lance do segundo gol do Avenida.” – **0’06”**

#### **Gol do Grêmio: Avenida 2 x 2 Grêmio**

- **40ª inserção:** (Comenta gol do Grêmio). “É, ele também subiu sozinho, foi lá, fez o gol sem nenhuma dificuldade. Dois a dois, empata o jogo, alivia um pouco a sua barra.” – **0’10”**

- **42ª inserção:** (Comenta falta do Grêmio). “O Mendonça levou a perna tão alto que passou pela cabeça do adversário, que acabou dando um ‘bundasso’ na nuca do cara e derrubou. É lance para cartão, não tem o que discutir.” – **0’09”**

**Gol do Avenida: Avenida 3 x 2 Grêmio**

- **43ª inserção:** (Comenta gol do Avenida). “A bola ia para fora, longe do gol, o Mendonça foi lá, com a coxa, e botou para dentro do gol. Isso, porque, os jogadores que estava entre o Mendonça e o jogador que chutou, viraram de costas para a bola. Viraram de costas para a bola. Daí é um abraço, não tem Grassi que chegue a tempo.” – **0’19”**

**FIM DA JORNADA – Avenida 3 x 2 Grêmio (entra jogo Inter X Caxias)**

Tempo total de duração da Jornada: por volta de 2h30min

Tempo total de fala do comentarista: 21 minutos e 08 segundos

## ANEXO III – TRANSCRIÇÃO DA JORNADA DA RÁDIO GAÚCHA

**Jornada Esportiva Juventude X Grêmio, no Estádio Alfredo Jaconi**

**Rádio Gaúcha – 04/03/2018**

**Comentarista: Adroaldo Guerra Filho**

**Disponível em:**

<https://www.youtube.com/watch?v=jrCa5GMGZeE>

**Grêmio escalado com:**

Marcelo Grohe; Madson, Pedro Geromel, Kannemann e Cortez; Maicon (Michel), Jailson, Ramiro, Cícero e Everton (Alisson); Jael (Hernane); Técnico: Renato Portaluppi.

**Juventude escalado com:**

Matheus; Vidal (Ricardo Jesus), Micael, Fred e Mateus Santana; Amaral, Sananduva, Bruninho (Denner) e Fellipe Mateus; Caprini (Jô) e Guilherme Queiroz; Técnico: Julinho Camargo.

- Houve pré-jornada;

- **Primeira inserção:** (Inicia após toda a equipe. Responde sobre o fato de Renato Portaluppi começar o jogo com um centroavante). “Boa tarde, De Bona [narrador]. Boa tarde, amigos da Gaúcha. Mutuca tira boi do mato. Eu digo sempre isso. O Grêmio não tem escolha. O Grêmio chega no Gauchão, na sua reta final da fase classificatória, faltando três rodadas, com um único objetivo, uma obrigação: vencer. Para vencer, o Grêmio terá de jogar bem. Isso é inevitável. Mas, para vencer jogando bem, o Grêmio precisa ser equilibrado, coisa que não foi nos últimos jogos. Por que? O Renato Portaluppi insistiu numa escalação com Cícero sendo o homem mais adiantado, o homem que tinha a missão de preocupar os defensores adversários e ele não tem esse cacoete, não sabe fazer isso. Então, ele muda e prova que não é teimoso, como disse durante a semana. Mas não é só teimoso, é a necessidade. É aquilo que eu digo e vou dizer de novo: mutuca tira boi do mato.” – **1’03”**

- **Segunda inserção:** (Após ser questionado sobre a equipe do Juventude) “É um novo combustível, né? Porque o início do Juventude na competição não foi nada legal. O Juventude sempre entra no Gauchão sendo visto como uma das pedras no sapato da dupla Grenal. Este ano muito pelo contrário. O Juventude passou muito tempo na parte de baixo da tabela, preocupou seu torcedor. Corre riscos, ainda pequenos, de até ser rebaixado. É verdade também que está muito perto de se classificar. Por que? Porque oscilou, e por isso precisou trocar o comando técnico. Recorreu a um treinador que conhece a série B, porque, lá no seu íntimo, o Juventude sabe que a grande tarefa do ano, o grande objetivo é a segunda divisão do futebol Brasileiro. Então, ele já está projetando lá na frente. Sem abrir mão,

evidentemente, de tentar uma classificação que passa, obrigatoriamente, pelo jogo de hoje. É uma decisão. O Julinho vai, certamente, armar o seu time primeiro para não perder. É consenso que o empate não é mau resultado. A vitória? Bom, a vitória nós teremos, com toda a certeza, nós teremos desfile nas principais ruas de Caxias do Sul. Então, é um jogo, De Bona, para a estreia do Julinho e para ele começar a mostrar a sua cara no comando do Juventude.” – **1’18”**

- **Terceira inserção:** (Respondendo pergunta de quem já estaria classificado dos pontos de vista matemática e virtualmente) “O Veranópolis quantos pontos tem? (resposta do repórter) Está virtualmente classificado também. E a outra vaga vai sair de Juventude e Grêmio que são os atrasados na tabela. Um só deles vai, infelizmente, claro que, daqui a pouco, vai lá o Veranópolis e perde os jogos que faltam – os três – e o Juventude ou o Grêmio ganham dois dos três que faltam, muda tudo. Mas, normalmente, é uma vaga só que está em jogo. A vaga do Juventude ou Grêmio. Ela passa por esse duelo das 17 horas aqui, e, eu vou dizer de novo, o Juventude vai ficar feliz da vida se empatar. Feliz da vida. Por que? Porque ele ainda vai ter um jogo dentro da sua casa, na última rodada, com o Veranópolis, muito provavelmente já classificado, e o Grêmio tem um Grenal. Que é um Grenal, né? É uma complicação. Então, o bom para o Grêmio, o ideal para o Grêmio, como disse o Everton na chegada, agora no Alfredo Jaconi, são os três pontos. Para o Juventude nem tanto. o Juventude joga por um empate. Acho que o Juventude vai ser cauteloso, e o Grêmio, no primeiro tempo, vai tentar ganhar na bola, mas, no segundo, vai tentar ganhar de qualquer jeito.” – **1’12”**

- **Quarta inserção:** (Comenta após anúncio da tabela de classificação) “São Paulo (de Rio Grande) já foi. Mesmo tendo três jogos pela frente, o São Paulo teria de fazer uma campanha, olha, extraordinária. Uma campanha de sete pontos para ir à 12. Seriam duas vitórias e um empate. Eu não acredito que isso possa acontecer, infelizmente para a Zona Sul do Estado que vai perder um de seus representantes. O Juventude e o Grêmio, eu volto a dizer, um vai se classificar mas o outro não cai. A briga pela queda é entre Novo Hamburgo e Cruzeiro. O Novo Hamburgo tem um complicador que são dois jogos fora. Faltam dois, e os dois são fora. Um é contra o Veranópolis, não é? O outro contra o Avenida. Essa é a vantagem que, apesar do complicador é a vantagem que o Novo Hamburgo tem de enfrentar duas equipes que, teoricamente estão classificadas – não jogarão com a faca na bota. O Cruzeiro vai enfrentar o Internacional, mesmo que seja o time alternativo é o Internacional, é complicado. E, na última rodada, o Cruzeiro joga com? (responde o repórter: “o Caxias em casa também”) Pois é! Aí, olha, aí eu não sei. Se o Juventude estiver correndo risco, o Caxias escala, não o reserva, escala o time, o motorista do ônibus, o cozinheiro, entendeu? Daí entra a rivalidade. Mas é muito provável que o Cruzeiro está muito mais enrascado que o Novo Hamburgo, apesar de estar um ponto na frente do Novo Hamburgo, né? Nove por oito, é isso? Mas, está mais enrascado pela tabela. O jogo contra o Internacional é um jogo muito complicado. E o jogo da última rodada com o Caxias, mesmo o Caxias estando em queda livre, também é complicado em condições normais, eu quero dizer. E o Novo Hamburgo vamos ver se pegou o elevador depois disso, se ele consegue tirar proveito, mesmo tendo esse complicador de jogar duas longe da sua casa.” – **1’55”**

- **Quinta inserção:** (Responde a questão do narrador sobre o dia – clima – em Caxias do Sul) “Mas, tu (narrador), que é da Serra, estou achando que está fechando aqui do nosso lado esquerdo. Eu não sei se nós não teremos chuva em seguida, mesmo que seja uma pancada. Mas está fechando.” – **0’11”**

- **Sexta inserção:** (Fala sobre o centroavante do Grêmio, Jael). “Ele deu assistência para o gol Tony Anderson (jogador do Grêmio), fez o gol de pênalti, o primeiro dele com a camisa do Grêmio. Agora, jogando no time titular, é a primeira vez sim. E ele faz por merecer, porque ele tem entrado bem nos jogos. E, outra coisa, ele é um jogador, a zaga do Juventude tem dois pesos pesados: Micael e Fred. Então, o Grêmio precisa de um jogador para trombar também. Parece mentira, mas, para chegar junto, para trombar, para botar ordem no galinheiro. E não é o Cícero com ‘corpinho de pedir desculpa’. É o Jael. Talvez seja o Brocador (Hernane) no segundo tempo. Faz bem o Renato. Pode até não dar certo, isso é outra questão, lá no final do jogo a gente vai ver o que vai acontecer. Mas, hoje, ele bota o Grêmio em campo sem entortar. O Grêmio vinha jogando de uma forma torta. Precisou o Luan se machucar para o Renato desentortar o Grêmio.” – **0’57”**

- **Sétima inserção:** (Após o pedido da narrador para a Federação Gaúcha de Futebol, se for mudar o horário dos jogos, que mude com antecedência) “De Bona, tem um regulamento? Tem! O que diz o regulamento? Todos os jogos da última rodada no mesmo horário. Ponto, acabou! Se alguém não sabe ler o regulamento, chame um tradutor. O que que está escrito aí? Está escrito que os jogos da última rodada devem ser disputados, todos eles, no mesmo horário. Avisa lá que é tudo no mesmo horário. Ponto, acabou!” – **0’24”**

- **Oitava inserção:** (Comenta possibilidade de Grêmio no mata-mata do Gauchão) “E tudo termina, também, com aquele negócio, com aquela desconfiança, de que no jogo X, no jogo Y: ‘Ah, o fulano não quis enfrentar o Beltrano. A viagem é muito longa, é um adversário da mesma cidade’. Não, não! É tudo na mesma hora, vai doer o calo de todo mundo. Azar, está escrito. Cumpra-se o que está escrito. Se não vamos fazer o seguinte: vamos rasgar o regulamento. O regulamento não valeu no ano passado que não podia inscrever depois dos três goleiros para o Inter? Valeu! Tem de valer agora. Regulamento é para sempre nas competições.” – **0’34”**

- **Nona inserção:** (Sobre possibilidade de chuva em Caxias) “Quando é que chove aqui (Caxias do Sul)? Quando chove em Porto Alegre vem pra cá. Então, o Tetê (repórter) não está errado. Se não trouxe guarda-chuva, amigo, tu vai te molhar.” – **0’08”**

- **Décima inserção:** (Sobre os gols que Messi já fez na carreira) “Eu não sei se o Messi tem mais gols ou mais assistências na vida dele, porque ele também deixa os caras na cara do gol, né?” – **0’07”**

- **11ª inserção:** (Responde sobre possibilidade do Grêmio não se classificar no Gauchão e ficar quase um mês sem atuar) “É, isso não seria bom não. Perde ritmo de jogo. Vai ter de arrumar, daqui a pouco, amistosos. Só é bom para quem tem, assim, um problema que precisa de tempo para recuperar jogadores. Mas, jogador gosta de jogar. Jogador não gosta de ficar parado. Não seria bom.” – **0’20”**

- **12ª inserção:** (Após comentário sobre o jogador do Grêmio, Arthur) “Me dá a numeração do Caprini e do Felipe Matheus, por favor” – **0’04”**

## INICIA A PARTIDA

- **13ª inserção:** (Comentário sobre situação do jogo) “Olha, ô De Bona, até agora aconteceu uma coisa que chama muito a atenção: os dois times marcam muito. Jogam pouco, mas marcam muito, ocupam espaço. Está difícil de jogar” – **0’12”**



- **14ª inserção:** (Fala sobre o calor em Caxias) “Está quente, está quente sim! Deram três bolas, agora, para o Vidal. No meu tempo diziam: deu uma enforcada. As três foram enforcadas, saíram pela linha de lado. – **0’11”**”

- **15ª inserção:** (Após lance do jogo) “De Bona, o jogo tem tanta marcação, mas tanta marcação, tão pouco espaço para passar no meio do campo, que quem está mais trabalhando nos dois times são os dois zagueiros. E os zagueiros dos dois times estão tentando a bola longa. Há pouco foi o Micael quando deu uma bola pela linha de fundo. Agora foi o Geromel. Sabe por que? Porque está faltando espaço, os times estão marcando muito e jogando pouco.” – **0’21”**”

- **16ª inserção:** (Fala da baixa qualidade do jogo até agora) “Não, não viu nada! Viu muita correria, muita marcação, muita pegada, muita ocupação de espaços. A bola não passa nem no meio-campo do Grêmio, nem no meio-campo do Juventude. Não passando no meio-campo dos dois times, não tem criação. Não tendo criação, não tem chegada ao gol do adversário. A minha planilha registra uma pequena conclusão, ou uma ameaça de conclusão do Madson. Sabe onde é que ela foi parar? Na avenida. Muito pouco!” – **0’24”**”

**17ª inserção:** (Fala sobre torcedor que estava pendurado na grande do Estádio) “É, e, daqui a pouco, traz um prejuízo para o Juventude. Vamos contar que o Juventude passe de fase, perde mande de campo. A festa está maravilhosa, antes é bom que se diga isso. Mas o torcedor deve ter muito cuidado para não trazer prejuízos para o seu clube. Se não pode e sobre, para que que vai subir?” – **0’18”**”

- **18ª inserção:** (Fala após novo erro de jogadores) “Por enquanto, o ingresso é caro. Vinte e três minutos para ver o que nós estamos vendo, e quem está em casa pela televisão vai concordar, não tivemos nada ainda a não ser muita vontade. Não basta.” – **0’13”**”

- **19ª inserção:** (Sobre atuação do jogador Madson) “É, é a melhor partida do Madson até agora.” – **0’03”**”

- **20ª inserção:** (Após lance de jogo) “Sabe o que que está faltando para o Grêmio? Está faltando o Luan (jogador do Grêmio que não está atuando). Aquela bola que para, que pensa e que tenta a jogada, que ‘arroda’, que faz o ‘arrodão’, que trabalha a bola. O Grêmio está sem a referência para tocar a bola naquela linha de três e tentar arrumar um lugar para atacar o adversário. Está com essa dificuldade.” – **0’20”**”

- **21ª inserção:** (Após lance de jogo) “Olha, De Bona, não mudou muito o panorama. Aliás, quase nada, né? Os times estão empenhados em tomar os espaços, estão empenhados em marcar forte. E está faltando o que? Está faltando trabalho de criatividade, de articulação para proporcionar aos atacantes a chance de conclusão. Até agora os dois goleiros não fizeram uma defesa sequer. Isso significa o que? Que o futebol está pobre. Não está tendo aquela criatividade. Não tendo a criatividade não tem emoção.” – **0’30”**”

- **22ª inserção:** (Comenta possível falta no jogo) “Não, ele tropeçou com os dois pés, Leonardo (repórter). Caiu sozinho. Agora, pode ter, nessa queda, se machucado.” – **0’07”**”

- **23ª inserção:** (Responde pergunta sobre atuação de Cícero) “Por enquanto ainda muito burocrático, carimbando. Está muito prejudicado, né? Não tem espaço para jogar.” – **0’08”**”

- **24ª inserção:** (Comenta sobre possibilidade de ter um segundo tempo melhor) “É uma esperança.” – **0’01”**

- **25ª inserção:** (Responde narrador quando pergunta se o empate é melhor para o Juventude) “Claro. Ele está na frente do Grêmio, permanece com dois pontos, depende só de si, né? O Julinho (técnico) armou o Juventude, pelo menos nestes primeiros 45 minutos, para não levar gol. Juventude também não tem armador. O Juventude tem muitos marcadores. Jogadores que correm atrás, que tentam ocupar espaço, que tentam fechar as jogadas do Grêmio. É verdade que vazou, um pouco, aquela pelo lado direito lá. O lateral-esquerdo meio que comeu mosca algumas duas ou três vezes. Mas, no resto, o Juventude marca muito, não consegue jogar. O Grêmio até quer jogar. O que está faltando para o Grêmio é criatividade, está faltando o Luan. Está faltando esse jogador que eu não sei se o Renato (técnico) tem no banco, que pode utilizar, que é o Tony Anderson.” – **0’53”**

### INTERVALO

- **26ª inserção:** (Responde se o Grêmio mereceu um resultado melhor) “Não! Não mereceu não. Foi um primeiro tempo fraco, um primeiro tempo pobre, sem sal. A bola andou muito mais tempo no ar do que na grama. O Juventude foi armado, pelo Julinho Camargo, para não levar gol, para não perder. O Grêmio ao contrário. O Grêmio foi armado para atacar, para fazer gol e ganhar. Então, quem se deu melhor na estratégia, neste primeiro tempo, foi o Julinho Camargo. Ele não tem armador, ele tem só jogadores que defendem, também tenta sair para o ataque na bola esticada, se aproveitando de um erro defensivo do Grêmio que não aconteceu no primeiro tempo e a grande prova disso é que o Marcelo Grohe não fez uma defesa, nem intervenção ele fez no primeiro tempo. A chance que o Juventude teve foi de uma bola parada que o Fred bateu e bateu na barreira, pronto! Acabou aí! O Grêmio a gente pode resumir o seguinte, foi o melhor jogador do Grêmio do primeiro tempo: Madson. Bom, se o Madson é o melhor do Grêmio no primeiro tempo é porque o Grêmio não foi nada legal. O Grêmio deixou a desejar. E ele foi realmente o melhor. O Grêmio descobriu a melhor forma de atacar era pelo lado direito, nas costas do lateral, que não é lateral, que é o Matheus Santana. E o Madson passou duas ou três vezes, meteu a bola na área e ninguém conseguiu colocar a bola para dentro. Mas é muito pouco. Excluindo isso, o Grêmio não teve trabalho de articulação com o Cícero, no meio-campo. O Maicon toca muito na bola. O Jaílson tenta se projetar e virar, o homem-surpresa. O Ramiro está muito contido no jogo. O Everton muito marcado. E o Cortes com dificuldades do lado de lá. Então, o Grêmio do meio para a frente não funciona. Não tem Luan, não tem luz, não tem criatividade. Não tendo luz e não tendo criatividade tu não tem o lance do gol. Se a gente puxar pela planilha, o Grêmio teve uma chance com Everton muito clara, muito boa. Ponto! Também terminou aí. Então é muito, mas muito pobre, muito fraco o primeiro tempo aqui no Alfredo Jaconi, que terminou melhor para o Juventude, que joga para não perder, do que para o Grêmio que precisa ganhar. Eu acho que o Renato em seguida vai promover mudanças no time. Não no intervalo agora, mas em seguida vai promover mudanças. E a mudança que o Grêmio carece não é a entrada do Brocador (Hernani). Não dá para falar do Jael, porque o Jael não foi abastecido. O problema do Grêmio é criação. O Grêmio precisa encontrar alguém que tenha inteligência e capacidade de fazer o time chegar à frente, de criar a oportunidade da conclusão, porque, sem isso, o Grêmio não vai fazer gol. E não fazendo gol, não vai ganhar o jogo. E não ganhando o jogo, termina, vai descer a Serra muito mais preocupado do que subiu.” – **2’52”**

- **27ª inserção:** (Fala sobre atuação de Madson) “Foi, foi a melhor atuação dele com a camisa do Grêmio. Me atrevo a dizer, até, que ele foi o jogador que mais se destacou na equipe do Renato no primeiro tempo. Foi através dele que o Grêmio chegou a algumas poucas, mas chegou algumas poucas vezes ao gol do Juventude. E apareceu, sem ter a quem marcar, no lado defensivo, ele se atirou ofensivamente no jogo. Foi bem, deu conta do recado.” – **0’23”**”

- **28ª inserção:** (Responde à internauta sobre atuações fracas de Everton) “Não, acho que não. Acho que o Everton (...) o atacante perde gol. O atacante é assim mesmo, ele daqui a pouco faz. E ele fez muitos gols no ano passado, gols importantes. Ele, no primeiro tempo, teve uma chance boa de fazer e na hora de concluir errou o alvo. O problema do jogo hoje é que a bola está chegando para ele quase sempre a dividir com os monstros, os zagueiros do Juventude, num espaço de campo que está muito reduzido. E ele é um jogador que precisa ter um pouquinho mais de espaço para tentar o drible com a velocidade para arrematar. Ele não está tendo isso. Ele está muito bem vigiado. O Julinho Camargo soube armar essa arapuca para cima do Everton. Descuidou um pouco aqui do lado direito. O seu lateral-esquerdo, que me disseram aqui que não é lateral-esquerdo, está quebrando o galho, ele é deficiente. E aí as coisas do Grêmio estão fluindo pelo lado direito. O Everton está prejudicado com isso, não está conseguindo jogar lá pelo lado esquerdo. Então, vamos ver se no segundo tempo surge um pouquinho mais de espaço, porque, tendo espalho, ele produz mais e produzindo mais ele pode fazer a diferença a favor do time do Grêmio ” – **0’59”**”

- **29ª inserção:** (Sobre o fato do Grêmio não ter mudanças para o segundo tempo) “Não é hábito do Renato mudar no intervalo mas, certamente, se o panorama não se modificar, ele deve ter pedido para o Grêmio tentar, pelo menos, colocar a bola mais na grama do que por cima. Porque, olha, está um show de horrores de balão, balão, balão, balão. E aí, se ele não conseguir, em seguida ele vai promover mudanças. Ou Tony Anderson, ou Maicossuel ou Alisson, este tipo de jogador para tentar colocar a bola no chão. O Grêmio não é um time que joga com a bola por cima. E o Juventude não há motivos para fazer alterações, até porque, o time do Grêmio, no primeiro tempo, marcou muito e se propôs a fazer isso no jogo. E é bom lembrar que o Julinho Camargo já teve, por força de lesão, que fazer uma modificação. Mexer agora, daqui a pouco, pode fazer falta lá no final de ter de fazer uma ou outra modificação e acabar custando caro.” – **0’53”**”

## **INICIA O SEGUNDO TEMPO**

### **Gol do Grêmio (0 x 1)**

- **30ª inserção:** (Comenta gol do Grêmio – falha do goleiro do Juventude) “É aquele negócio: acidente de trabalho, acontece. Mas o goleiro não pode correr esse risco (interrompido pelo narrador).” – **0’06”**”

- **31ª inserção:** (Continua comentando o gol do Grêmio) “Acidentes de trabalho acontecem. Agora, não é admissível que o goleiro tente uma jogada dessas num jogo tão importante, tão decisivo. Pagou um preço. Um a zero para o Grêmio e agora ficou boa a vida do time do Renato, Bertinello (plantão da rádio).” – **0’15”**”

- **32ª inserção:** (Comenta mudança no Juventude) “É, e talvez seja uma esperança de jogadas mais criativas, coisa que o Juventude não teve o tempo inteiro porque entrou nitidamente para não levar o gol, jogando com duas linhas de quatro,

tem jogadores mais preocupados em defender do que em atacar. Agora, com a desvantagem, vai ter de sair para o jogo.” – **0’19”**

- **33ª inserção:** (Responde se houve melhora no jogo após o gol) “É, o acidente, né? O acidente de trabalho que acontece, faz parte do jogo. Mas o jogo continua muito pegado, muito pouco espaço, os times não conseguem articular. Está muito, olha, está um jogo mascado. Essa é a verdade, um jogo mascado. E o jogo mascado é bom para quem está ganhando. O Grêmio não tem culpa do Cavichioli (goleiro do Juventude) ter errado, muito pelo contrário, tem méritos de saber aproveitar a falha.” – **0’24”**

- **34ª inserção:** (Comenta troca no Grêmio) “O Jael teve poucas oportunidades, mas foi eficiente, estava esperto no lance que o Matheus falhou, e determinou a vantagem para o Grêmio. Vamos ver se o Hernani vai ter melhores oportunidades criadas por seus companheiros. Jael fez aquilo que precisava fazer, o gol que deu a vantagem, mas foi prejudicado pela falta de criatividade do Grêmio.” – **0’21”**

### **Gol do Grêmio (0 x 2)**

- **35ª inserção:** (Comenta o gol do Grêmio). “Finalmente, depois de 75 minutos (...) depois de 75 minutos, 50 do primeiro tempo, 25 do segundo, a gente viu uma jogada de muita qualidade que começou com o Maicon, que descobriu o Ramiro entrando pelo lado direito e o Ramiro cruzou como precisa cruzar: no chão para trás. Pegou o Madson de frente para o gol. E o Madson também fez o que precisava ser feito: concluiu com qualidade, fez 2 a 0, fechado o caixão do Juventude, Grêmio encaminha a classificação, Bertoni.” – **0’37”**

- **36ª inserção:** (Após lance de jogo) “Agora o Grêmio, de novo, colocou a bola no chão. O Juventude agora ‘colou o relé’. Agora, o Juventude não tem capacidade, não tem criatividade, é um time que até tenta se defender, fez isso com qualidade no primeiro tempo. Mas, na hora que precisa jogar, o Juventude não tem a capacidade para jogar. O Juventude paga um preço por ser um time esforçado apenas. E vai precisar melhorar isso para enfrentar a série B.” – **0’25”**

- **37ª inserção:** (Fala sobre comentário do narrador deste ser o pior time do Juventude dos últimos anos) “Tem muito operário no time do Juventude. Está faltando um engenheiro.” – **0’03”**

- **38ª inserção:** (Após conclusão do Juventude) “Acredite quem quiser, foi a primeira conclusão do Juventude no jogo.” – **0’03”**

- **39ª inserção:** (Comenta lance do jogo) “Esse é o lance da falta de confiança depois de tudo o que aconteceu. Por que, a simplificação, se o jogo está 0 a 0, o cara atira a bola sabe onde? Lá em Farroupilha. Mas, não. Ele quis colocar para dentro da área para colocar e sair jogando e aí cometeu infração.” – **0’16”**

- **40ª inserção:** (Responde narrador sobre vitória assegurada do Grêmio) “Não! Está liquidado, está liquidado. O Juventude não tem capacidade para reverter esse placar por um motivo bem simples: falta qualidade ao time do Julinho Camargo, que vai ter de contratar. O que tem é pouco.” – **0’13”**

- **41ª inserção:** (Comenta sobre péssima campanha do São Paulo de Rio Grande) “Não basta vencer, né? Ele precisa sofrer para o tropeço de um deles lá, Novo Hamburgo ou Cruzeiro. Só vencer não adianta.” – **0’09”**

- **42ª inserção:** (Fala sobre torcedor do Juventude deixar o estádio) “Diz ele: vou embora para casa ver televisão, larguei!” – **0’02”**”

- **43ª inserção:** (Comenta anúncio de pênalti perdido pelo São Paulo de Rio Grande no outro jogo) “Desgraça pouca é bobagem. Teve a chance, jogador experiente, certamente o Guedes (treinador do São Paulo) escolheu o Pico (jogador do São Paulo que errou o pênalti) não só pelos treinos, mas pela experiência. Quarenta e oito do segundo tempo, não significa que fazendo gol ia escapar, não é isso, mas dava uma esperança maior. O São Paulo está virtualmente rebaixado, eu não diria isso, o São Paulo está rebaixado.” – **0’24”**”

- **44ª inserção:** (Narrador pede avaliação final ao comentarista) “É, ganhou aquele que tentou ganhar. Um jogou para não ganhar, jogou para não perder, o Juventude, muito pela falta de qualidade. E está explicado por que que o Juventude chega no Campeonato Gaúcho, nesta altura dos acontecimentos, tão capenga. Um time que trocou treinador, mas vai precisar trocar peças. O Grêmio teve muito mais dificuldades do que se imagina contra um adversário que só marcou. O Grêmio não teve criatividade, fez o primeiro gol por acidente, e fez o segundo gol numa jogada muito bem trabalhada, muito bem tramada. O resultado do jogo coloca o Grêmio entre os oito como um dos classificados, E deixa o Juventude, certamente, com uma pulga atrás da orelha. E o que precisa ser feito? Vou responder! Muita coisa. A Série B é mais exigente do que essa competição que ele está disputando.” – **0’50”**”

#### **FIM DA JORNADA – Juventude 0 x 2 Grêmio (entra programa Balanço Final)**

Durante o programa, o comentarista fala do jogo, projeta próximos jogos e analisa entrevistas.

Tempo total de duração da Jornada: por volta de 2h35min

Tempo total de fala do comentarista: 15 minutos e 28 segundos

## ANEXO IV – TRANSCRIÇÃO DA JORNADA DA RÁDIO BANDEIRANTES

**Jornada Esportiva (Inter X Juventude, no Estádio Beira-Rio)**

**Rádio Bandeirantes – 15/02/2018**

**Comentarista: Cláudio Duarte**

**Disponível em:**

<https://www.facebook.com/EsporteBandRS/videos/vb.1171514572878692/1983831221647019/?type=2&theater>

**Inter escalado com:**

Danilo Fernandes; Dudu (Gabriel Dias), Klaus, Víctor Cuesta e Iago; Rodrigo Dourado (Wellington Silva), Edeníson, William Pottker (Nico López), D'Alessandro e Patrick. Leandro Damião. Técnico: Odair Hellmann.

**Juventude escalado com:**

Douglas Silva; Vinicius, Fred, César Martins (Vidal) e Pará; Sananduva, Guilherme Finkler (Denner), Fellipe Mateus e Felipe Lima (Caprini); Ricardo Jesus e Guilherme Queiroz; Técnico: Antônio Carlos Zago.

- Houve pré-jornada;

- **Primeira inserção:** (Inicia após toda a equipe. Falando sobre a expectativa) Boa tarde, Marcão! Bom trabalho, boas vindas, que tudo corra bem como sempre. Teremos certamente um grande jogo porque o Juventude já estabeleceu essa rivalidade há muito tempo, precisa de resultado positivo, precisa de pontos nessa campanha irregular em cima de uma equipe que foi armada pra fazer sucesso no Gauchão. O Internacional precisa também reeditar a sua melhor atuação esse ano, quando ganhou do São José, tem essa condição, porque repete a equipe e tem jogadores com características e propriedades pra poder fazer um jogo de movimentação, ser ofensivo, com a bola no chão, com a bola tocada, com criatividade. É isso que o torcedor espera, Marco Antônio. – **0'47''**

- **Segunda inserção:** (Respondendo à seguinte pergunta do narrador: "tem tudo para ser um jogão, né Cláudio?"). A esperança é essa, até porque as duas equipes têm uma boa condição técnica, são duas equipes que, como dissemos há pouco, estabeleceram essa rivalidade. A expectativa do Internacional é grande em relação à boa campanha neste começo de campeonato. O Juventude necessita de pontos, ele precisa buscar um posicionamento melhor, até pelo seu tamanho, pelo suporte que a instituição dá à equipe e certamente o torcedor na expectativa de mais um grande jogo, como o da última semana, quando o Internacional, Marcão, aqui dentro do Beira-Rio, conseguiu fazer o seu melhor jogo no ano, no aspecto de movimentação, de busca de espaço e de técnica individual em prol do coletivo. Tomara que a gente tenha, mais uma vez, um grande jogo aqui no estádio Beira-Rio, Marco Antônio. – **0'55''**

- **Terceira inserção:** (Respondendo à seguinte pergunta do narrador, que falava sobre o colega Alex Bagé: “tens observado a boa vontade dele comigo, né Claudião?”). Eu observo sempre, até porque, como presidente, hoje ele tem que estar atento a todos os seus associados, a todos os membros dessa corporação tão importante que é a ACEG – **0’11”**

- **Quarta inserção:** (Respondendo ao narrador, que falava sobre seu retorno à Rádio Bandeirantes e comentava o quanto ele estava mais experiente e mais bonito). É, o tempo foi muito bom contigo, realmente, tem razão. – **0’04”**

- **Quinta inserção:** (Respondendo ao narrador sobre a situação de saúde do jogador Iago). É, mas felizmente hoje o futebol já não comete o ato que cometia lá atrás, né? Naquela época em que a gente jogava, no meu tempo de atleta, o clube simplesmente, na primeira... no primeiro sintoma de amigdalite, levava no cirurgião para arrancar as bolotinhas, ou seja, então [...] não, não, não, eu disse as de cima. Então, é... resultado: tu ia lá, tá? E eles tiravam as amígdalas para evitar que lá na frente inflamasse e tu ficasse fora de algum jogo. Tu imagina como é que era! Todos já tiravam! [Narrador: “era o procedimento normal, né?”] Era o procedimento de tirar. E isso é comprovado hoje que gerava prejuízos na real. Hoje não, hoje os clubes, através do departamento médico, preservam esta condição do atleta, mantendo o atleta em condições ideais, buscando curas, né? E fazendo também aquele tratamento que não permite mais que ela apareça tão facilmente – **1’10”**

- **Sexta inserção:** (Respondendo ao narrador sobre a obrigatoriedade da execução do hino nacional completo no início dos jogos em São Paulo). É, tem que tocar o hino do país e o hino do estado também. Eu aqui, se só tocasse o nosso, do estado, porque país que nem o nosso, é difícil ter outro, né? [Narrador: “Não, aí eu concordo contigo, é, é verdade.”] Toca o nosso e esquece esse outro deles lá. [Narrador: “Deixa assim, é?”] Claro. – **0’17”**

- **Sétima inserção:** (Comentando a informação anunciada pelo narrador de que o endereço da loja de carros do patrocinador fica ao lado da casa dele). Já pode ir lá, já compra o carro e já almoça na tua casa. [Narrador: “claro, já faz um lanchinho lá em casa. Eu convido muita gente para fazer um lanchinho lá em casa.”] Vou esperar o convite. – **0’08”**

- **Oitava inserção:** (Comentando a atitude de jogadores do Inter que foram abraçar o ex-técnico do time, Antônio Carlos Zago, que, na ocasião, estava à frente do Juventude). Eu acho que essa resposta foi muito bem dada pelos jogadores do Internacional. Quando anunciaram o nome do técnico do Juventude, os torcedores o vaiaram. Os jogadores deram uma resposta bonita. Estão todos eles vindo aqui, cumprimentando o ex-comandante, que sempre teve uma conduta correta. O resultado pode não ter sido aquele que era esperado, mas a conduta foi corretíssima. O respeito dos atletas demonstra isso. – **0’25”**

## INICIA A PARTIDA

- **Nona inserção:** (Comentando a aplicação de cartão amarelo ao jogador Fred). Olha, é um lance onde ele vai simplesmente pra parar a jogada. Merecia o cartão sim. – **0’06”**

- **Décima inserção:** (Aos 10 minutos do primeiro tempo, narrador pergunta se o comentarista está gostando do jogo). É um início bom, um início positivo. A surpresa foi o Juventude começar fazendo marcação alta e obrigando o

Internacional, durante os primeiros oito minutos, a sequer, se organizar em campo. A partir disso, chega bem o Inter. – **0'15''**

#### **Gol do Juventude (Inter 0 x 1 Juventude)**

- **11ª inserção:** (Comentando o gol de Guilherme Queiroz). Pra goleador de uma equipe não se dá o espaço pra uma infiltração. Ele está jogando pelo lado esquerdo, fazendo a recomposição, mas é o goleador da equipe e foi na infiltração pra segunda bola do centroavante que tem essa característica. Desatenção na zaga do Internacional. – **0'19''**

#### **Gol do Inter (Inter 1 x 1 Juventude)**

- **12ª inserção:** (Comentando o gol de Patrick). O futebol é um jogo complicado, né? Porque quando o Internacional tinha a rédea do começo da partida, quando estabeleceu a igualdade e começou a tocar a bola, cometeu uma falha de atenção e sofreu aquele gol do Juventude. Aí o Juventude chama o Internacional para explorar o contra-ataque, ficaram olhando, falta de atenção dos seus jogadores e o Inter aproveita e empata o jogo, acaba ficando complicado. – **0'28''**

- **13ª inserção:** (Respondendo ao narrador sobre a situação do jogo aos 23 minutos do primeiro tempo). É um jogo bom e é um jogo de alternativas, quando tu menos espera, uma equipe se organiza e chega lá na frente. Olha lá. *[Referindo-se à jogada que está acontecendo em campo.]* – **0'06''**

- **14ª inserção:** (Dando continuidade ao comentário anterior). É, e essas movimentações elas são inteligentes. No lance anterior a esse que nós vimos agora, o Pottker estava pelo lado esquerdo, dando uma assistência que por pouco não resultou em gol. Olha lá. *[Referindo-se novamente à jogada que está acontecendo em campo.]* – **0'09''**

- **15ª inserção:** (Comentando o segundo gol perdido pelo Inter). Ah, quem está muito faceiro é o técnico Antônio Carlos Zago. O time dele tomou o gol por falta de atenção, quase tomou o do Patrick porque estava olhando e por falta de atenção novamente, e agora tentaram fazer aquilo que não se deve fazer, tentativa de sair jogando de costas para o adversário. – **0'18''**

- **16ª inserção:** (Complementando o comentário do narrador de que o Juventude havia saído errado de novo). É, e aí vale registrar que o Internacional, nesses equívocos, tem se aproveitado muito bem, só não teve a felicidade de finalizar corretamente para gol. Mas já poderia estar na frente sim. – **0'10''**

- **17ª inserção:** (Respondendo ao narrador sobre o desempenho do jogador Leandro Damiano, do Inter). Olha, eu acho que tá faltando um pouquinho mais de detalhe de movimentação, porque ele... ele já passou perto duas, três vezes dessa bola por uma conclusão que fosse perfeita. Ele estava no lugar certo? Estava. Ele chegou atrasado ou chegou na frente, então é um pouquinho mais de coordenação na movimentação, certamente ele vai voltar a atuar da forma como todo mundo gosta. – **0'23''**

- **18ª inserção:** (Respondendo à seguinte pergunta do narrador: “Foi teu jogador, Cláudio, o Cléo Hickmann?”). Foi, foi um atleta que começou com a gente aqui e que teve um sucesso dos maiores, não só no Internacional, mas Palmeiras, Flamengo, Barcelona... Uma das loiras que eu tinha no time, lembra? Ademir Kaefer, Ademir Müller, Silvio Hickmann, tudo falando em alemão no treinamento e no jogo um com o outro, maravilhoso. – **0'25''**



- **19ª inserção:** (Comentando o andamento do jogo). Esse acúmulo de erros na saída de bola, na troca de passes do Juventude, eu prefiro creditar à marcação do Internacional, à pressão na bola, ao envolvimento de todos, ao comprometimento no aspecto de buscar uma blitz no homem da bola, para que eles não fiquem trocando como trocaram no início da partida e isso tem feito à indução do erro. O Juventude erra e todas as jogadas que o Internacional conseguiu chegar, Marcão, foi na pressão na bola, no erro do Juventude. – **0’32’’**

- **20ª inserção:** (Dando panorama do jogo). É, são 41 minutos de um jogo que, agora, a alternativa e o comando e o controle é do Internacional. O Juventude já não consegue fazer a marcação alta, o Juventude já temeroso nos equívocos que ele cometeu, ele acaba esperando o Internacional. O Inter alterna a marcação alta, e quando o Juventude consegue sair, o Inter recua porque ele quer espaço pra movimentação, o Potker continua buscando espaço e, junto com o Damião, eles são um perigo constante para a defesa do Internacional. Só não fizeram um gol, mas o resto fizeram tudo certo. – **0’33’’**

### **Gol do Inter (Inter 2 x 1 Juventude)**

- **21ª inserção:** (Comentando o gol de Iago). É... O lance do jogo por enquanto. A jogada organizada com o Cuesta, a grande... o trabalho de espera do Damião, excepcional, e o D'Alessandro colocando a ultrapassagem perfeita também. O lance do jogo dá ao Internacional aquilo que ele já merecia: estar vencendo o jogo. Foram tantas oportunidades e agora, na grande jogada do jogo, concretizou-se a superioridade demonstrada neste primeiro tempo pelo Internacional. – **0’28’**

### **FIM DO PRIMEIRO TEMPO**

- **22ª inserção:** (Respondendo ao apresentador sobre as dificuldades do Inter no primeiro tempo). Alex Sandro Bagé, o futebol, ele nos surpreende toda hora, porque um jogo que começou com uma iniciativa muito forte do Juventude, fazendo marcação alta, conseguindo estabelecer uma dificuldade para o Internacional, que precisou de 10 minutos pra organizar uma jogada meia-boca pra chegar lá na frente. Aos 14 minutos faz um a zero numa falha do setor defensivo no quesito atenção, faltou a preocupação com a cobertura, faltou a preocupação com a infiltração do atleta do Juventude. E o Juventude, a partir daquele instante, recuou e chamou o Internacional e exerceu dois, três contra-ataques organizados, não bem finalizados, mas organizados. Aí o Internacional aproveitou-se do equívoco, da falta de atenção, de uma certa, um certo excesso de confiança do jogador do Juventude, uma troca de passe estando de frente para o seu gol e de costa para o adversário, permitiu que o Internacional chegasse lá e empatasse o jogo a 19 minutos. E a partir disso, o Juventude já não conseguiu mais fazer a marcação alta que vinha fazendo, conseguiu chegar muito pouco aqui na frente, o Inter passou a ter confiança, organizou-se, começou a pressionar o homem da bola, começou a induzir o Juventude a cometer equívocos na troca de passe e na saída de bola. E em cima disso, teve duas grandes oportunidades de estabelecer vantagem quando pressionou o homem da bola. Depois, o Internacional, já no final deste primeiro tempo, aos 43, Alex, conseguiu fazer a jogada e o lance mais bonito do jogo, uma jogada que sai de trás, um toque de categoria do Damião, deixando o meio-campista D'Alessandro em condições de assistir a infiltração do lateral esquerdo Iago, que acompanhou corretamente a jogada e bateu forte e estabeleceu a vantagem. Quem deve estar fazendo uma crítica muito forte nesse instante no vestiário é o Antônio

Carlos Zago, porque o time dele equivocou-se muito no erro de passe, no erro técnico, e isso fez o Inter crescer e tomar conta do jogo. – **2'11''**

- **23ª inserção:** (Respondendo ao apresentador sobre a atuação do jogador Iago, que estaria aproveitando as oportunidades recebidas). E ele tá aproveitando em todos os jogos, não só nesse. Nesse ele complementou com uma infiltração de trás, quando o Damião deu o toque, poderia ser um toque direto pra ele, que ele já estava passando. Mas o Damião quando se sentiu bloqueado, inteligentemente, deu o toque para o interior do campo, onde o D'Alessandro, também no primeiro toque, acionou, assistiu a penetração que se desenvolvia pelo Iago. Um gol de méritos porque foi um trabalho individual em prol do coletivo. – **0'32''**

- **24ª inserção:** (Respondendo ao apresentador sobre o número da camisa do jogador Damião). Acho que ele joga com a 9, não joga mais? [...] É 9, é 9. [...] É que no ano passado era o Xuxa. [Apresentador: "Xuxa? O Sasha!"] É que no ano passado o Sasha usava e ele usava a outra, como liberou agora esse ano [apresentador e repórteres falando ao mesmo tempo] e faz o papel de 9 e é o 9 principal do Internacional. O fato de ele ter se equivocado nas finalizações, ele criou a jogada sozinho, aquela do arremate que ele entrou, ele fez assistência, ele fez duas, três saídas para fazer trabalho de pivô, maravilhosas, o importante é que, quando ele participe do jogo, alguém ocupe o espaço que ele propicia. Ele abre espaço, ele tá fazendo movimentações, ele não tá ficando parado lá na frente, tem que ser elogiado, apesar dos equívocos na finalização. – **1'04''**

- **25ª inserção:** (Comentando as substituições realizadas pelo Juventude para o segundo tempo de jogo). Vale registrar que houve a troca, mas quem vem pra zagueiro é o Vinícius, e o que é... e o Vidal faz o trabalho como lateral direito. – **0'08''**

## INICIA O SEGUNDO TEMPO

- **26ª inserção:** (Respondendo ao narrador sobre a falta marcada para o jogador D'Alessandro, que reclamou da penalidade). É, uma falta normal, uma falta de jogo. E esse trabalho, esse papel não é do D'Alessandro, é do árbitro. – **0'06''**

- **27ª inserção:** (Respondendo ao narrador sobre a relação do placar com o desempenho dos times). Eu acho que esse segundo tempo começa muito diferente do primeiro tempo, quando a dinâmica de jogo era maior, quando as duas equipes forçavam a situação na jogada ofensiva. Agora me aparece um jogo com um pouquinho mais de respeito, o Inter não quer se abrir, não quer sair todo, não quer sair com tudo e o Juventude também não quer, mesmo perdendo, sair com todo mundo, porque se ele sai com todo mundo, ele vai dar o espaço que o Inter precisa e usufrui bem para o contra-ataque. É muito... É um jogo difícil nesse começo de segundo tempo, nós temos agora 12 minutos praticamente, de uma dificuldade de se fazer uma leitura correta do jogo. – **0'41''**

- **28ª inserção:** (Comentando a tentativa de gol do Juventude). E nesse segundo tempo, foi a primeira vez que o Internacional desorganizou-se na sua saída de bola e permitiu o espaço que o Juventude precisa e quer. Cuidados, tem que ter o Internacional nessa hora. – **0'12''**

- **29ª inserção:** (Comentando a atuação do jogador Rodrigo Dourado). Bom jogo, bom jogo, um jogo tranquilo, lesionou-se, está saindo, com o Wellington entrando pelo lado esquerdo e o Patrick fazendo o volante que ele faz muito bem também. – **0'08''**

- **30ª inserção:** (Comentando um impedimento marcado para o Juventude). Estava impedido sim, mas o principal é que o Internacional precisa voltar pro jogo, o Juventude começa a crescer, faz um bom trabalho, pressiona o Internacional. – **0'09''**

- **31ª inserção:** (Dando continuidade ao comentário anterior, que foi interrompido pela narração de um lance do jogo). É, o Internacional, ele ainda teve, nesse segundo tempo, a chance de exercitar o contra-ataque, só não foi feliz na transição e não foi feliz principalmente no último passe aqui perto da área. E o Juventude, necessitado, criou coragem e cresceu no jogo. – **0'17''**

- **32ª inserção:** (Comentando a queda do jogador Potker na área). O árbitro, Marcão, equivocou-se, porque o Internacional tinha a posse da bola, viu que o seu companheiro estava lá dentro da área caído, não parou, tentou progredir, no sentido do objetivo de fazer gol e o árbitro parou quando o Juventude pega essa bola? Ele deveria ter levado em conta isso. – **0'17''**

### **Gol do Inter (Inter 3 x 1 Juventude)**

- **33ª inserção:** (Comentando o gol de Nico López). Depois de várias jogadas que se propiciaram ao contra-ataque e inúmeros equívocos do Internacional na transição, na assistência final, na finalização, aproveitou-se muito bem dessa bela jogada pelo lado, e mais uma muito boa, muito boa, quase ótima, ou quase perfeita, Marcão, assistência do D'Alessandro. E o Nico López, inteligentemente, não estava impedido, já tem gente aqui se manifestando que ele estava impedido. Não, estava na mesma linha, mesma linha, segue o jogo, Marcão. – **0'34''**

- **34ª inserção:** (Comentando o andamento do jogo). É um jogo bem jogado sim, o Internacional teve alguma dificuldade nesse segundo tempo, melhorou, cresceu, passou a aproveitar e aproveitando-se, estabeleceu essa vantagem que lhe dá segurança. E começou a trocar passe como estava trocando no primeiro tempo. O Juventude, que perdeu naquele primeiro tempo, reagiu bem, fez um bom segundo tempo a equipe do Antônio Carlos Zago. – **0'23''**

- **35ª inserção:** (Comentando a lesão do goleiro do Inter). Não, é que ali perto da coxa e da virilha é perigoso. – **0'02''**

- **36ª inserção:** (Comentando o impedimento marcado para o Inter e as reclamações dos jogadores e do técnico). Não devia dizer, porque realmente estava impedido. – **0'03''**

### **FIM DO JOGO**

- **37ª inserção:** (Elege a defesa do jogo). Olha, vale um registro antes, Marcão. O goleiro Douglas, do Juventude, tomou três gols. Durante 90 minutos, mais os acréscimos, ele não fez nenhuma defesa, as três que foram, entraram. Não fez nenhuma defesa no jogo e tomou três gols. Mas a defesa do jogo, que foi somente no segundo tempo, porque, no primeiro tempo, o Danilo Fernandes tomou o gol e também não fez nenhuma defesa. No segundo tempo, a 16 minutos, ele fez a defesa do jogo, porque o jogador do Juventude entrou na área, sozinho, e ele defendeu colocando o corpo na frente, a bola bateu-lhe ao peito e saiu para escanteio. Então, a defesa do jogo: Danilo Fernandes, no segundo tempo, quando o Inter vence por 2 a 1. – **0'52''**

- **38ª inserção:** (Elege o lance do jogo). Olha, o lance do jogo eu já citei, lembra? Quando eu citei no gol do lago, que o lance do jogo foi a organização da

jogada ofensiva que permitiu que ele chegasse lá e concluísse com aquele sucesso todo. Fazendo o segundo gol do Internacional, então o lance do gol, do primeiro tempo, do gol do Iago, a organização da bola lançada da intermediária defensiva na intermediária ofensiva, o Damião fazendo o trabalho de pivô no D'Alessandro, que num toque conseguiu, usando a velocidade do Iago, chegar na cara e fazer o segundo gol. Esse foi o lance, o lance mais bonito do jogo, Marco Antônio. – **0'38''**

- **39ª inserção:** (Elege o craque do jogo). Se você diz... Eu até nem queria muito, sabe? [...] Tenho que reconhecer, obrigatoriamente que não foi só o trabalho das assistências para os gols, o que fez o D'Alessandro hoje. O D'Alessandro, ele participou do jogo, ele buscou espaço, ele liderou, ele comandou. Na minha opinião, ele ainda se equivoca, quando daqui um pouco quer tocar na bola e vai lá no meio dos volantes buscar a bola quando não precisava. Mas no conjunto da obra, no jogo todo, ele foi o jogador que se destacou e, pra mim, D'Alessandro hoje é o craque. – **0'39''**

- **40ª inserção:** (Encerrando a transmissão). Parabéns, Marco Antônio. Mas só pra te lembrar que quase na parte final do jogo, tu discutiste, com os meninos lá embaixo, com os repórteres, sobre o problema da substituição e que tu tinha te equivocado, né? Quem havia saído foi o Dourado. Isso é pra te lembrar que tu nunca te esqueça que tu não é de pescaria, teu problema é peixe. – **0'21''**

#### **FIM DA JORNADA – Inter 3 x 1 Juventude (entra programa Prorrogação)**

Durante o programa, o comentarista fala do jogo, projeta próximos jogos e analisa entrevistas.

Tempo total de duração da Jornada: por volta de 2h35min

Tempo total de fala do comentarista: 12 minutos e 06 segundos

## ANEXO V – SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS (SDs) DAS JORNADAS ESPORTIVAS

### – Núcleo: Bagagem Cultural

“Teremos certamente um grande jogo porque **o Juventude já estabeleceu essa rivalidade há muito tempo, precisa de resultado positivo, precisa de pontos nessa campanha irregular** em cima de uma equipe que foi armada pra fazer sucesso no Gauchão” (SD1, DUARTE, 2018).

“O Internacional precisa também **reeditar a sua melhor atuação esse ano**, quando ganhou do São José, tem essa condição, **porque repete a equipe e tem jogadores com características e propriedades pra poder fazer um jogo de movimentação, ser ofensivo, com a bola no chão, com a bola tocada, com criatividade**” (SD2, DUARTE, 2018)

“A esperança é essa, até porque **as duas equipes têm uma boa condição técnica**, são duas equipes que, como dissemos há pouco, estabeleceram essa rivalidade” (SD3, DUARTE, 2018)

“**O Juventude necessita de pontos, ele precisa buscar um posicionamento melhor, até pelo seu tamanho, pelo suporte que a instituição dá à equipe e certamente o torcedor (...)**” (SD4, DUARTE, 2018)

“É, mas felizmente **hoje o futebol já não comete o ato que cometia lá atrás, né? Naquela época em que a gente jogava, no meu tempo de atleta, o clube simplesmente, na primeira... no primeiro sintoma de amigdalite, levava no cirurgião para arrancar as bolotinhas (...)**” (SD5, DUARTE, 2018)

“**Hoje não, hoje os clubes, através do departamento médico, preservam esta condição do atleta**, mantendo o atleta em condições ideais, buscando curas, né? E fazendo também aquele tratamento que não permite mais que ela apareça tão facilmente” (SD6, DUARTE, 2018)

“Olha, é um lance onde ele vai simplesmente pra parar a jogada. **Merecia o cartão sim**” (SD7, DUARTE, 2018)

“Olha, eu acho que tá faltando um pouquinho mais de detalhe de movimentação, porque ele... **ele já passou perto duas, três vezes dessa bola por uma conclusão que fosse perfeita. Ele estava no lugar certo? Estava**” (SD8, DUARTE, 2018)

*(Respondendo à seguinte pergunta do narrador: “Foi teu jogador, Claudião, o Cléo Hickmann?”)* “Foi, foi um atleta que começou com a gente aqui e que **teve um sucesso dos maiores, não só no Internacional, mas Palmeiras, Flamengo, Barcelona**” (SD9, DUARTE, 2018)

“Aos 14 minutos faz um a zero numa falha do setor defensivo no quesito atenção, **faltou a preocupação com a cobertura, faltou a preocupação com a infiltração do atleta do Juventude**” (SD10, DUARTE, 2018)

“**Quem deve estar fazendo uma crítica muito forte nesse instante no vestiário é o Antônio Carlos Zago**, porque o time dele equivocou-se muito no erro de passe, no erro técnico, e isso fez o Inter crescer e tomar conta do jogo” (SD11, DUARTE, 2018)

“**E ele tá aproveitando em todos os jogos, não só nesse**” (SD12, DUARTE, 2018)

“**É, uma falta normal, uma falta de jogo**. E esse trabalho, esse papel não é do D’Alessandro, é do árbitro” (SD13, DUARTE, 2018)

“ [...] o Juventude também não quer, mesmo perdendo, sair com todo mundo, porque **se ele sai com todo mundo, ele vai dar o espaço que o Inter precisa** e usufrui bem para o contra-ataque” (SD14, DUARTE, 2018)

“**Estava impedido sim**, mas o principal é que o Internacional precisa voltar pro jogo” (SD15, DUARTE, 2018)

“**O árbitro, Marcão, equivocou-se**, porque o Internacional tinha a posse da bola, viu que o seu companheiro estava lá dentro da área caído, não parou, tentou progredir, no sentido do objetivo de fazer gol e o árbitro parou quando o Juventude pega essa bola? Ele deveria ter levado em conta isso” (SD16, DUARTE, 2018)

“**É um jogo bem jogado sim**” (SD17, DUARTE, 2018)

“**Não, é que ali perto da coxa e da virilha é perigoso**” (SD18, DUARTE, 2018)

“**Não devia dizer, porque realmente estava impedido**” (SD19, DUARTE, 2018)

“Na minha opinião, **ele ainda se equivoca**, quando daqui um pouco quer tocar na bola e vai lá no meio dos volantes buscar a bola quando não precisava” (SD20, DUARTE, 2018)

“O Grêmio não tem escolha. **O Grêmio chega no Gauchão, na sua reta final da fase classificatória, faltando três rodadas, com um único objetivo, uma obrigação: vencer**” (SD21, GUERRA, 2018)

“Porque o início do Juventude na competição não foi nada legal. **O Juventude sempre entra no Gauchão sendo visto como uma das pedras no sapato da dupla Grenal**” (SD22, GUERRA, 2018)

“Recorreu a um treinador que conhece a série B, porque, lá no seu íntimo, **o Juventude sabe que a grande tarefa do ano, o grande objetivo é a segunda divisão do futebol Brasileiro**” (SD23, GUERRA, 2018)

**“Acho que o Juventude vai ser cauteloso, e o Grêmio, no primeiro tempo, vai tentar ganhar na bola, mas, no segundo, vai tentar ganhar de qualquer jeito”** (SD24, GUERRA, 2018)

**“São Paulo (de Rio Grande) já foi. Mesmo tendo três jogos pela frente, o São Paulo teria de fazer uma campanha, olha, extraordinária”** (SD25, GUERRA, 2018)

**“O Juventude e o Grêmio, eu volto a dizer, um vai se classificar mas o outro não cai. A briga pela queda é entre Novo Hamburgo e Cruzeiro”** (SD26, GUERRA, 2018)

**“O regulamento não valeu no ano passado que não podia inscrever depois dos três goleiros para o Inter? Valeu! Tem de valer agora. Regulamento é para sempre nas competições”** (SD27, GUERRA, 2018)

**“Mas, jogador gosta de jogar. Jogador não gosta de ficar parado”** (SD28, GUERRA, 2018)

**“É, é a melhor partida do Madson até agora”** (SD29, GUERRA, 2018)

**“Sabe o que que está faltando para o Grêmio? Está faltando o Luan (jogador do Grêmio que não está atuando)”** (SD30, GUERRA, 2018)

**“O Grêmio até quer jogar. O que está faltando para o Grêmio é criatividade, está faltando o Luan. Está faltando esse jogador que eu não sei se o Renato (técnico) tem no banco, que pode utilizar, que é o Tony Anderson”** (SD31, GUERRA, 2018)

**“O Grêmio a gente pode resumir o seguinte, foi o melhor jogador do Grêmio do primeiro tempo: Madson. Bom, se o Madson é o melhor do Grêmio no primeiro tempo é porque o Grêmio não foi nada legal”** (SD32, GUERRA, 2018)

**“[...] terminou melhor para o Juventude, que joga para não perder, do que para o Grêmio que precisa ganhar”** (SD33, GUERRA, 2018)

**“Foi, foi a melhor atuação dele com a camisa do Grêmio”** (SD34, GUERRA, 2018)

**“E ele fez muitos gols no ano passado, gols importantes”** (SD35, GUERRA, 2018)

**“E ele é um jogador que precisa ter um pouquinho mais de espaço para tentar o drible com a velocidade para arrematar”** (SD36, GUERRA, 2018)

**“Não é hábito do Renato mudar no intervalo mas, certamente, se o panorama não se modificar, ele deve ter pedido para o Grêmio tentar, pelo menos, colocar a bola mais na grama do que por cima”** (SD37, GUERRA, 2018)

**“Ou Tony Anderson, ou Maicossuel ou Alisson, este tipo de jogador para tentar colocar a bola no chão. O Grêmio não é um time que joga com a bola por cima”** (SD38, GUERRA, 2018)

**“Agora, o Juventude não tem capacidade, não tem criatividade”** (SD39, GUERRA, 2018)

**“Teve a chance, jogador experiente, certamente o Guedes (treinador do São Paulo) escolheu o Pico (jogador do São Paulo que errou o pênalti) não só pelos treinos, mas pela experiência”** (SD40, GUERRA, 2018)

**“A Série B é mais exigente do que essa competição que ele está disputando”** (SD41, GUERRA, 2018)

**“E é um time, que, mesmo sendo um time de garotos, mesmo sendo um time de jovens, é um time que já começa a conviver com a pressão”** (SD42, OLIVEIRA, 2018)

**“É uma equipe de jovens, é uma equipe de garotos, mas é uma equipe que sofre críticas”** (SD43, OLIVEIRA, 2018)

**“E, para isso, o técnico César Bueno modifica a equipe, coloca um ataque de muita velocidade com Pepê, Alisson e Lima. Um meio-campo com jogadores que chegam bem de trás: o Matheus Henrique e o Jean Pyerre”** (SD44, OLIVEIRA, 2018)

**“Pelo lado esquerdo sai o Guilherme Guedes, de apenas 18 anos, e joga, agora, o Leonardo improvisado, embora jovem também, mais experiente que Guilherme Guedes”** (SD45, OLIVEIRA, 2018)

**“Coisa que o São José, certamente, sabe fazer por jogar aqui frequentemente e por ter, repito, um time, uma equipe mais rodada e mais experiente”** (SD46, OLIVEIRA, 2018)

**“Mais é um jogo diferente por conta de uma rivalidade local, que para o Grêmio não significa muito, mas que, para o São José, significa bastante”** (SD47, OLIVEIRA, 2018)

**“Agora, é um time, que eu falei do Zequinha, bastante experiente com Felipe Guedes, com o goleiro Fábio, com o próprio Marcel. O Dudu não chega a ser tão rodado assim, mas já foi destaque no Campeonato Gaúcho do ano passado”** (SD48, OLIVEIRA, 2018)

**“Até o Alisson, que vem do Cruzeiro, já é também experiente em termos de competições disputadas, é o primeiro Gauchão dele e ele não tem uma idade tão avançada assim. Então é o time da gurizada do Grêmio, que vem de uma sequência bem complicada: um empate em Ijuí, uma derrota na arena do Caxias e outra derrota em Santa Cruz do Sul, contra o Avenida”** (SD49, OLIVEIRA, 2018)



**“E, outra, do outro lado não é o Spartak de Moscou, né? Que, com todo o respeito, é um clube de modestíssimas pretensões num cenário europeu. É um Liverpool que, eventualmente, embora nos últimos anos não tenha acontecido, mas que, eventualmente, briga por título inglês,** o principal campeonato nacional do mundo. E que na Champions League tem classificação e uma pretensão de avançar bastante” (SD50, OLIVEIRA, 2018)

**“E aí tem outra questão que é a seguinte: eu vou lembrar da coletiva que o Renato (Portaluppi) concedeu esse ano”** (SD51, OLIVEIRA, 2018)

**“Isso é papel ou do Balbino ou do Matheus Henrique, um dos dois tem que voltar, busca essa bola, para o Mendonça não ser o responsável pela saída de bola”** (SD52, OLIVEIRA, 2018)

**“O Jean Pyerre aparece bem no jogo de hoje. Melhor que nos últimos jogos, inclusive”** (SD53, OLIVEIRA, 2018)

**“A posição original dele hoje é de meia, atrás do Lima. Volta e meia inverte com o próprio Lima,** onde a possibilidade maior é de velocidade, porque o Lima corre mais do que ele” (SD54, OLIVEIRA, 2018)

**“Não foi uma bola alta, que é o pânico na zaga do Grêmio,** por que o cruzamento veio rasteiro” (SD55, OLIVEIRA, 2018)

**“É, são pouquíssimos os juízes que marcam essa falta,** mas a falta aconteceu” (SD56, OLIVEIRA, 2018)

**“ [...] me pareceu um lance casual,** um lance de jogo” (SD57, OLIVEIRA, 2018)

**“O gramado é aquela grama sintética que, de fato, deixa o jogo diferente, a bola fica mais imprevisível,** digamos assim, na grama sintética” (SD58, OLIVEIRA, 2018)

**“ [...] o São José, porque é um time que defensivamente tem boas armas,** né, o próprio Bruno Jesus quase marcou seu gol, o Goiano é um bom zagueiro também, para os padrões do campeonato gaúcho, mas eu imaginava um poder maior do São José com a posse de bola” (SD59, OLIVEIRA, 2018)

**“Isso também é mérito do Grêmio, porque, nos últimos jogos, o Grêmio marcava com Balbino a frente da área, e o Matheus Henrique e o Jean Pyerre faziam aquele vai e vem,** aquele jogador de área a área” (SD60, OLIVEIRA, 2018)

**“ [...] o Isaque, que entra, atua mais perto do gol, improvisado desde que começou esse Gauchão,** e ele, certamente, vai entrar para dar uma liberdade maior para o Lima” (SD61, OLIVEIRA, 2018)

**“O Canhoto (que entrou) tem uma outra característica, ele é, tecnicamente, até melhor, embora menos veloz”** (SD62, OLIVEIRA, 2018)

**“De novo, como foi em Ijuí, como foi em Santa Cruz do Sul e como é agora, no Passo D’Areia, a bola desviando, traindo o Bruno Grassi e entrando” (SD63, OLIVEIRA, 2018)**

**“No jogo de hoje sim, nos outros jogos a inexperiência foi colocada como fator preponderante para a derrota para apagar erros técnicos e erros coletivos que aconteceram” (SD64, OLIVEIRA, 2018)**

**“O zagueiro Mendonça, por exemplo, que na estreia foi muito bem em Ijuí, os jogos do Mendonça depois eles foram horrorosos para se dizer o mínimo, inclusive no jogo de hoje” (SD65, OLIVEIRA, 2018)**

**“E o Grêmio, coletivamente, ele foi bagunçado desde o primeiro jogo lá em Ijuí. Ele foi bagunçado contra o São Luiz, ele foi bagunçado contra o Caxias, bagunçado contra o Avenida e bagunçado no segundo tempo de hoje” (SD66, OLIVEIRA, 2018)**

**“Então, assim, o Grêmio provou, mais uma vez, que, com boas individualidades, não se faz um time de futebol. Você precisa ter um trabalho coletivo e, isso, o Grêmio não teve desde o primeiro jogo lá de Ijuí, contra o São Luiz” (SD67, OLIVEIRA, 2018)**

**“Eu tenho dito o seguinte: que se o Grêmio, que é um participante da competição, não valoriza a competição, não posso eu ser um ufanista” (SD68, FILHO, 2018)**

**“Então também não é uma equipe que tenha feito no ano passado uma campanha. Não, não é!” (SD69, FILHO, 2018)**

**“O Guilherme Guedes é um jogador que tem essa formação, tem a formação da escolhinha do Grêmio” (SD70, FILHO, 2018)**

**“Nós sabemos as dificuldades do futebol do interior, nós cobramos muito: ‘mas os dirigentes têm de saber fazer futebol’. Não é assim! Gente, no interior eles não recebem apoio para fazer o futebol” (SD71, FILHO, 2018)**

**“Então, os dirigentes de futebol do interior do estado, esses são verdadeiros ablegados, porque esses tiram de seus bolsos para os clubes. Esta é a realidade” (SD72, FILHO, 2018)**

**“Balbino já fez bons jogos, Matheus, Jean Pyerre, Pepê, o Lima, o Guilherme Guedes” (SD73, FILHO, 2018)**

**“Marcelo Grohe (goleiro do Grêmio que não está atuando na partida) tem o espírito gremista. Esse foi criado no Grêmio, tem o espírito gremista” (SD74, FILHO, 2018)**

**“É tanto assim que o próprio Edilson (ex-lateral-direito do Grêmio) ainda está muito longe de estar em forma lá no Cruzeiro” (SD75, FILHO, 2018)**

**“Essas recomendações finais, essas coisas assim são uma demonstração de uma união que muitas vezes não existe”** (SD76, FILHO, 2018)

**“Acertou, sim. O pênalti houve, cometido pelo número três, o Luis Henrique. Ele puxa o pé de apoio do atacante gremista”** (SD77, FILHO, 2018)

**“É uma equipe que tem jogadores mais técnicos individualmente melhores”** (SD78, FILHO, 2018)

**“É uma vitória absolutamente considerável, natural, normal, esperada, por tudo aquilo que tínhamos nesta previsão do jogo”** (SD79, FILHO, 2018)

**“Porque sabemos que o Avenida é uma equipe fraca, uma equipe que está na ponta de baixo da tabela”** (SD80, FILHO, 2018)

**“Nós sabemos que ele é um jogador com alguma qualidade, joga um pouquinho mais do que está jogando hoje. Nós sabemos que o Jean Pyerre joga bem mais, Matheus joga bem mais do que está jogando hoje, ou estão jogando hoje”** (SD81, FILHO, 2018)

**“Aliás, aqui no Rio Grande do Sul é o único lugar do Brasil em que o dirigente do futebol é mais valorizado, ele recebe mais importância do que realmente tem”** (SD82, FILHO, 2018)

**“Avenida tenta de tudo, mas ele sabe, porque as equipes do interior, quando vão jogar contra a dupla Gre-Nal, o cálculo inicial é de que são menos três pontos na tabela, eles não vão somar esses três pontos. Se ocorrer de somar é um... olha, é um... é um milagre, porque naturalmente isto está fora de qualquer plano, de qualquer projeto”** (SD83, FILHO, 2018)

**“Grêmio deu mais interesse ou deu muito interesse ao Campeonato Gaúcho no ano passado, chegou inclusive a colocar uma equipe de reservas num jogo da Libertadores”** (SD84, FILHO, 2018)

**“Foi o que ocorreu com o Grêmio no ano passado, jogaram com reserva na Libertadores e titular no Gaúcho e foi desclassificado”** (SD85, FILHO, 2018)

**“ [...] que se fosse uma competição que fosse um jogo decisivo, o Grassi não jogaria, porque ele foi mal nos jogos anteriores, tá sob desconfiança do torcedor gremista”** (SD86, FILHO, 2018)

**“ [...] a dupla de zagueiros titular do Grêmio é muito boa”** (SD87, FILHO, 2018)

**“O Jean Pyerre nós já vimos que ele é capaz de produzir muito mais do que hoje”** (SD88, FILHO, 2018)

**“Mas ele já fez atuações, já teve atuações magníficas, sim, e que, pelo que já fez, pode estar à disposição do treinador”** (SD89, FILHO, 2018)

**“Quantos jogadores já fizeram uma boa apresentação de um tempo e depois, ou de um jogo, e depois acabam sucumbindo” (SD90, FILHO, 2018)**

**“Tanto é que eu disse, daquilo que eu já vi, o Jean Pyerre, por exemplo, é um jogador que tem que ter oportunidade e o jogo de hoje... não passa pelo jogo de hoje. Passa pelo que ele já fez antes” (SD91, FILHO, 2018)**

**“É outro jogador que já fez melhores apresentações do que hoje” (SD92, FILHO, 2018)**

**“Eu vejo outras equipes, o São Paulo de Rio Grande não me inspira confiança. O São Luiz de Ijuí não me inspira confiança” (SD93, FILHO, 2018)**

**“Isso aí é, inclusive, lei, né, ele precisa ter 30 dias de férias. Como ele trabalhou até o final do mês de dezembro, ele precisa folgar até o final do mês de janeiro” (SD94, FILHO, 2018)**

**“É um jogador que tem condição, que tem boa técnica, ele tem muita habilidade, é um jogador interessante” (SD95, FILHO, 2018)**

**“Pênalti é eficiência, habilidade, treinamento, é observação do adversário” (SD96, FILHO, 2018)**

**“Também acho que não houve nada, um lance normal” (SD97, FILHO, 2018)**

**“O gramado está pesado, porque chove, a grama é alta, então, fica muito pesado, sentiu câimbra” (SD98, FILHO, 2018)**

**“Pois o Miranda já está competindo com o Kadu e o Fred como zagueiros do Grêmio” (SD99, FILHO, 2018)**

**“Se o Grêmio não prestigia o campeonato é porque não está interessado no campeonato” (SD100, FILHO, 2018)**

**“Paulo Miranda está proporcionalmente cotado como estão cotados o Kadu e o Fred (ex-zagueiros gremistas)” (SD101, FILHO, 2018)**

**“É lance para cartão, não tem o que discutir” (SD102, FILHO, 2018)**

---

#### **– Núcleo: Dados Táticos**

**“A surpresa foi o Juventude começar fazendo marcação alta e obrigando o Internacional, durante os primeiros oito minutos, a sequer, se organizar em campo” (SD103, DUARTE, 2018)**

“Pra goleador de uma equipe não se dá o espaço pra uma infiltração. **Ele está jogando pelo lado esquerdo, fazendo a recomposição, mas é o goleador da equipe e foi na infiltração pra segunda bola do centroavante** que tem essa característica” (SD104, DUARTE, 2018)

“**Ele chegou atrasado ou chegou na frente, então é um pouquinho mais de coordenação na movimentação**, certamente ele vai voltar a atuar da forma como todo mundo gosta” (SD105, DUARTE, 2018)

“Esse acúmulo de erros na saída de bola, na troca de passes do Juventude, **eu prefiro creditar à marcação do Internacional, à pressão na bola, ao envolvimento de todos, ao comprometimento no aspecto de buscar uma blitz no homem da bola**, para que eles não fiquem trocando como trocaram no início da partida e isso tem feito à indução do erro” (SD106, DUARTE, 2018)

“O Juventude já **não consegue fazer a marcação alta**, o Juventude já temeroso nos equívocos que ele cometeu, ele acaba esperando o Internacional” (SD107, DUARTE, 2018)

“O Inter **alterna a marcação alta, e quando o Juventude consegue sair, o Inter recua porque ele quer espaço pra movimentação, o Potker continua buscando espaço e, junto com o Damião**, eles são um perigo constante para a defesa do Internacional” (SD108, DUARTE, 2018)

“E o Juventude, a partir daquele instante, **recuou e chamou o Internacional e exerceu dois, três contra-ataques organizados, não bem finalizados, mas organizados**” (SD109, DUARTE, 2018)

“E a partir disso, o Juventude já **não conseguiu mais fazer a marcação alta** que vinha fazendo, conseguiu chegar muito pouco aqui na frente” (SD110, DUARTE, 2018)

“Nesse **ele complementou com uma infiltração de trás, quando o Damião deu o toque, poderia ser um toque direto pra ele**, que ele já estava passando” (SD111, DUARTE, 2018)

“O fato de ele ter se equivocado nas finalizações, **ele criou a jogada sozinho, aquela do arremate que ele entrou, ele fez assistência, ele fez duas, três saídas para fazer trabalho de pivô, maravilhosas, o importante é que, quando ele participe do jogo, alguém ocupe o espaço que ele propicia**” (SD112, DUARTE, 2018)

“**Vale registrar que houve a troca, mas quem vem pra zagueiro é o Vinícius, e o que é... e o Vidal faz o trabalho como lateral-direito**” (SD113, DUARTE, 2018)

“Eu acho que esse segundo tempo começa muito diferente do primeiro tempo, **quando a dinâmica de jogo era maior, quando as duas equipes forçavam a situação na jogada ofensiva**” (SD114, DUARTE, 2018)

**“E nesse segundo tempo, foi a primeira vez que o Internacional desorganizou-se na sua saída de bola e permitiu o espaço que o Juventude precisa e quer” (SD115, DUARTE, 2018)**

**“ [...] os dois times marcam muito. Jogam pouco, mas marcam muito, ocupam espaço” (SD116, GUERRA, 2018)**

**“De Bona, o jogo tem tanta marcação, mas tanta marcação, tão pouco espaço para passar no meio do campo, que quem está mais trabalhando nos dois times são os dois zagueiros. E os zagueiros dos dois times estão tentando a bola longa” (SD117, GUERRA, 2018)**

**“A bola não passa nem no meio-campo do Grêmio, nem no meio-campo do Juventude. Não passando no meio-campo dos dois times, não tem criação. Não tendo criação, não tem chegada ao gol do adversário” (SD118, GUERRA, 2018)**

**“O Grêmio está sem a referência para tocar a bola naquela linha de três e tentar arrumar um lugar para atacar o adversário” (SD119, GUERRA, 2018)**

**“E está faltando o que? Está faltando trabalho de criatividade, de articulação para proporcionar aos atacantes a chance de conclusão” (SD120, GUERRA, 2018)**

**“Grêmio descobriu a melhor forma de atacar era pelo lado direito, nas costas do lateral, que não é lateral, que é o Matheus Santana” (SD121, GUERRA, 2018)**

**“O problema do jogo hoje é que a bola está chegando para ele quase sempre a dividir com os monstros, os zagueirões do Juventude, num espaço de campo que está muito reduzido” (SD122, GUERRA, 2018)**

**“Como é que jogava aquele time? Eram dois volantes, três meias (interrompido pelo repórter). Aquele Grêmio, completando o que disse o César Bueno, tinha o Douglas de meia e o Luan a frente, mais um atacante totalmente móvel, um falso nove naquele momento” (SD123, OLIVEIRA, 2018)**

**“Se o Lima vai jogar a frente, acredito que o Jean Pyerre vai executar essa função de um meia, para ser uma espécie de meia organizador das jogadas pela faixa central” (SD124, OLIVEIRA, 2018)**

**“Não mais no 4-1-4-1 quando tem a bola, mas sim com dois volantes alinhados, o Matheus Henrique e o Balbino, o Jean Pyerre sendo, de fato, um meia, tendo pelos lados o Alisson e o Pepê. Um 4-2-3-1 que joga o Grêmio, e, sem a bola, é aquela coisa mais simples impossível, mas que funciona muitas vezes. Duas linhas de quatro, Alisson e Pepê voltam para marcar, por dentro ficam o Matheus Henrique e o Balbino e, lá na frente, sobrando, o Jean Pyerre junto com o Lima” (SD125, OLIVEIRA, 2018)**

**“O São José não conseguiu, com a bola rolando, entrar a passes na área do Grêmio, e o Grêmio está jogando, hoje, de uma forma diferente, não mais aquele 4-1-4-1 dos últimos jogos, mas sim com dois volantes na frente da zaga – o Matheus Henrique e o Balbino – bem aberto pela direita o Pepê, bem aberto pela**

**esquerda o Alisson, e aí, por dentro, com muita liberdade e movimentação, o Jean Pyerre e o Lima. Se tivesse que fazer aquele desenho tático, Jean Pyerre seria o meia central e o Lima estaria mais na frente” (SD126, OLIVEIRA, 2018)**

**“O Matheus Henrique, no meio-campo, é um jogador que ajuda a clarear as jogadas, ele se desvencilha da marcação com facilidade, tem aquele giro corporal que ajuda também nesta hora de tentar desvencilhar da marcação” (SD127, OLIVEIRA, 2018)**

**“ [...] isso vai dar ao Grêmio uma nova carta nas condições ofensivas, porque o Jean Pyerre, que é o armador, ele faz boa participação no jogo, ele se movimenta, ele busca o espaço vazio, mas, como o lado esquerdo chama mais o jogo para o lado direito, as jogadas, muitas vezes, vêm aqui com o Leonardo Gomes e com o próprio Alisson” (SD128, OLIVEIRA, 2018)**

**“Então, acho que jogar mais pela direita também é algo que vai acrescentar o poder ofensivo do Grêmio no segundo tempo” (SD129, OLIVEIRA, 2018)**

**“Hoje, não. Com essa mudança tática, com Matheus Henrique um pouco mais recuado e o Jean Pyerre um pouco mais adiantado, isso deu ao Grêmio uma sustentação defensiva, um balanço defensivo” (SD130, OLIVEIRA, 2018)**

**“E aí, fechadinho, em duas linhas de quatro, o Grêmio evita que o São José avance”. (SD131, OLIVEIRA, 2018)**

**“Na caracterização dada pelo César Bueno, de ser um 9 flutuante, a ideia do Lima é inverter com o Jean Pyerre, que e o meia que chega de trás” (SD132, OLIVEIRA, 2018)**

**“É o que acontece agora: o Isaque já se coloca entre os zagueiros e o Lima, número 9, vai virar agora, número 10, desculpa, vai virar agora o articulador das jogadas do Grêmio” (SD133, OLIVEIRA, 2018)**

**“Não, vão colocar um centroavante para ter retenção de bola na frente. Joga num 4-1-4-1 o São José e esse jogador da frente que agora está o número 10, o Claiton, pode sair, para entrar o Igor e ter retenção de bola e segurar a bola no campo de ataque” (SD134, OLIVEIRA, 2018)**

**“E ele não poderia ter passado a bola, o Madson, porque o jogador que passava direita do Grêmio, entrava em posição ilegal” (SD135, FILHO, 2018)**

**“O jogo de hoje não tem essa característica, não está tendo essa característica. Então tá servindo muito mais para a movimentação dos jogadores, para adequação dos jogadores, tá servindo muito mais pra recuperação física” (SD136, FILHO, 2018)**

**“Ele cobra escanteio, ele cobra falta, ele se movimenta, ele vem, mas, sem dúvida nenhuma, hoje não faz uma boa apresentação, não faz” (SD137, FILHO, 2018)**

**“Um mau posicionamento dos zagueiros, foi um fracasso”** (SD138, FILHO, 2018)

---

**– Núcleo: Dados Estatísticos**

**“Durante 90 minutos, mais os acréscimos, ele não fez nenhuma defesa, as três que foram, entraram”** (SD139, DUARTE, 2018)

“Mas a defesa do jogo, que foi somente no segundo tempo, porque, no primeiro tempo, **o Danilo Fernandes tomou o gol e também não fez nenhuma defesa**” (SD140, DUARTE, 2018)

**“Até agora os dois goleiros não fizeram uma defesa sequer”** (SD141, GUERRA, 2018)

**“Se a gente puxar pela planilha, o Grêmio teve uma chance com Everton muito clara, muito boa”** (SD142, GUERRA, 2018)

**“Acredite quem quiser, foi a primeira conclusão do Juventude no jogo”** (SD143, GUERRA, 2018)

**“Porque no Campeonato Gaúcho, até agora, não conseguiu sequer uma vitória. Saiu na frente em todos os jogos e não conseguiu garantia no marcador até o final em nenhum deles. Tem um empate e duas derrotas”** (SD144, OLIVEIRA, 2018)

“Contra um São José que, jogando no Passo D’Areia, na grama sintética do Passo D’Areia, **tem dois jogos e duas vitórias neste campeonato**” (SD145, OLIVEIRA, 2018)

“Só que vai ter pela frente uma equipe que conhece muito bem o estádio, que é dona da casa e que **até agora, jogando aqui, tem duas vitórias no Gauchão em dois jogos, contra Cruzeiro e Novo Hamburgo**” (SD146, OLIVEIRA, 2018)

**“Grêmio construiu três finalizações perigosas: aos 10 minutos, com Leonardo, aos 26, com Lima, e aos 28 com o Pepê, que encobriu o goleiro e o Bruno Jesus salvou em cima da linha. Contra apenas uma do São José, que foi aquele escanteio cobrado rasteiro para a área, que o Bruno Jesus bateu de calcanhar e o Bruno Grassi fez a defesa”** (SD147, OLIVEIRA, 2018)

**“Seguinte, 12 minutos e meio e nenhum chute a gol”** (SD148, OLIVEIRA, 2018)